

OS SOFRIMENTOS DO
JOVEM
WERTHER

Johann Wolfgang von Goethe

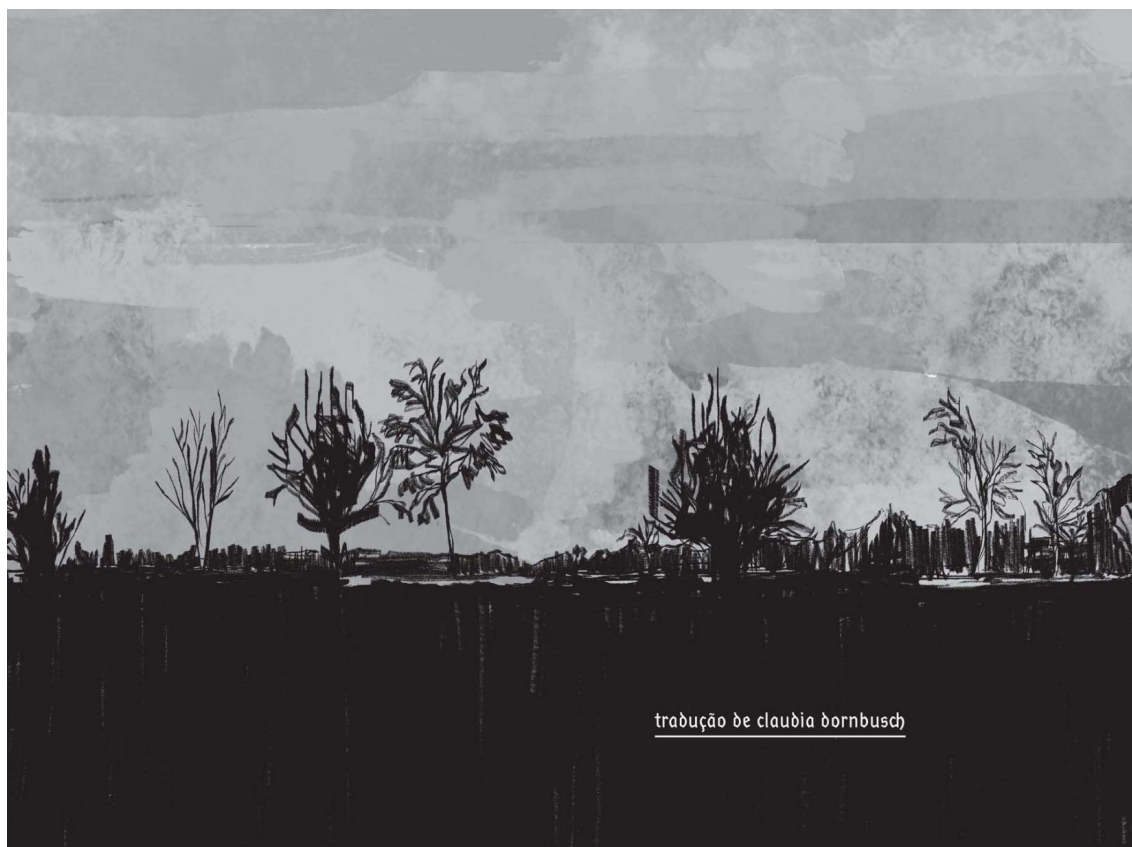








ilustrações por l. m. melite





coordenação editorial

bárbara prince

assistência editorial

victoria rebello

comunicação

mayra medeiros

preparação

sibele paulino

edição de texto

renato ritto

revisão

natália mori marques

tássia carvalho

projeto gráfico, capa e diagramação

alles blau

textos de

pedro pacífico

luisa geisler

claudia dornbusch

victor mera

também se corresponderam com werther

daniel lameira

luciana fracchetta

rafael drummond

& sergio drummond

Goethe



Werther

Sumário

1. [Folha de Rosto](#)
2. [Sumário](#)
3. [apresentação](#)
4. [Livro I](#)
5. [aos 4 de maio de 1771](#)
6. [aos 10 de maio](#)
7. [aos 13 de maio](#)
8. [aos 15 de maio](#)
9. [17 de maio](#)
10. [aos 22 de maio](#)
11. [aos 26 de maio](#)
12. [27 de maio](#)
13. [30 de maio](#)
14. [16 de junho](#)
15. [19 de junho](#)
16. [21 de junho](#)
17. [29 de junho](#)
18. [1º de julho](#)
19. [6 de julho](#)
20. [8 de julho](#)
21. [10 de julho](#)
22. [11 de julho](#)
23. [aos 13 de julho](#)
24. [aos 16 de julho](#)
25. [aos 18 de julho](#)
26. [19 de julho](#)
27. [20 de julho](#)
28. [aos 24 de julho](#)

29. [aos 26 de julho](#)
30. [aos 30 de julho](#)
31. [aos 8 de agosto](#)
32. [aos 8 de agosto • ao cair òa noite](#)
33. [aos 10 de agosto](#)
34. [aos 12 de agosto](#)
35. [aos 15 de agosto](#)
36. [aos 18 de agosto](#)
37. [aos 21 de agosto](#)
38. [aos 22 de agosto](#)
39. [aos 28 de agosto](#)
40. [aos 30 de agosto](#)
41. [aos 3 de setembro](#)
42. [aos 10 de setembro](#)
43. [Livro II](#)
44. [aos 20 de outubro de 1771](#)
45. [aos 26 de novembro de 1771](#)
46. [aos 24 de dezembro de 1771](#)
47. [8 de janeiro de 1772](#)
48. [aos 20 de janeiro](#)
49. [8 de fevereiro](#)
50. [aos 17 de fevereiro](#)
51. [20 de fevereiro](#)
52. [15 de março](#)
53. [aos 16 de março](#)
54. [aos 24 de março](#)
55. [em relação à notícia • aos 19 de abril](#)
56. [aos 5 de maio](#)
57. [aos 9 de maio](#)
58. [aos 25 de maio](#)
59. [aos 11 de junho](#)
60. [aos 16 de junho](#)
61. [aos 16 de junho](#)

62. [aos 29 de julho](#)
63. [aos 4 de agosto](#)
64. [aos 21 de agosto](#)
65. [aos 3 de setembro](#)
66. [aos 4 de setembro](#)
67. [aos 5 de setembro](#)
68. [aos 6 de setembro](#)
69. [aos 12 de setembro](#)
70. [15 de setembro](#)
71. [aos 10 de outubro](#)
72. [aos 12 de outubro](#)
73. [aos 19 de outubro](#)
74. [aos 26 de outubro](#)
75. [aos 27 de outubro](#)
76. [aos 27 de outubro • à noite](#)
77. [aos 30 de outubro](#)
78. [aos 3 de novembro](#)
79. [aos 8 de novembro](#)
80. [aos 15 de novembro](#)
81. [aos 21 de novembro](#)
82. [aos 22 de novembro](#)
83. [24 de novembro](#)
84. [aos 26 de novembro](#)
85. [30 de novembro](#)
86. [no dia 1º de dezembro](#)
87. [aos 4 de dezembro](#)
88. [aos 6 de dezembro](#)
89. [do editor ao leitor](#)
90. [aos 12 de dezembro](#)
91. [aos 14 de dezembro](#)
92. [aos 20 de dezembro](#)
93. [depois das onze](#)
94. [pós-fácios](#)

95. [minha carta-resposta a werther](#)
96. [goethe, o gênio universal de inegável atualidade](#)
97. [do werther ao efeito werther: a identificação de um fenômeno social](#)
98. [referências bibliográficas](#)
99. [Página de Direitos Autorais](#)

Lista de páginas

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [19](#)
19. [20](#)
20. [21](#)
21. [22](#)
22. [23](#)
23. [24](#)
24. [25](#)
25. [26](#)
26. [27](#)
27. [28](#)
28. [29](#)
29. [30](#)
30. [31](#)
31. [32](#)
32. [33](#)
33. [34](#)
34. [35](#)
35. [36](#)

- 36. [37](#)
- 37. [38](#)
- 38. [39](#)
- 39. [40](#)
- 40. [41](#)
- 41. [42](#)
- 42. [43](#)
- 43. [44](#)
- 44. [45](#)
- 45. [46](#)
- 46. [47](#)
- 47. [48](#)
- 48. [49](#)
- 49. [50](#)
- 50. [51](#)
- 51. [52](#)
- 52. [53](#)
- 53. [54](#)
- 54. [55](#)
- 55. [56](#)
- 56. [57](#)
- 57. [58](#)
- 58. [59](#)
- 59. [60](#)
- 60. [61](#)
- 61. [62](#)
- 62. [63](#)
- 63. [64](#)
- 64. [65](#)
- 65. [66](#)
- 66. [67](#)
- 67. [68](#)
- 68. [69](#)
- 69. [70](#)
- 70. [71](#)
- 71. [72](#)
- 72. [73](#)
- 73. [74](#)
- 74. [75](#)

- 75. [76](#)
- 76. [77](#)
- 77. [78](#)
- 78. [79](#)
- 79. [80](#)
- 80. [81](#)
- 81. [82](#)
- 82. [83](#)
- 83. [84](#)
- 84. [85](#)
- 85. [86](#)
- 86. [87](#)
- 87. [88](#)
- 88. [89](#)
- 89. [90](#)
- 90. [91](#)
- 91. [92](#)
- 92. [93](#)
- 93. [94](#)
- 94. [95](#)
- 95. [96](#)
- 96. [97](#)
- 97. [98](#)
- 98. [99](#)
- 99. [100](#)
- 100. [101](#)
- 101. [102](#)
- 102. [103](#)
- 103. [104](#)
- 104. [105](#)
- 105. [106](#)
- 106. [107](#)
- 107. [108](#)
- 108. [109](#)
- 109. [110](#)
- 110. [111](#)
- 111. [112](#)
- 112. [113](#)
- 113. [114](#)

- 114. [115](#)
- 115. [116](#)
- 116. [117](#)
- 117. [118](#)
- 118. [119](#)
- 119. [120](#)
- 120. [121](#)
- 121. [122](#)
- 122. [123](#)
- 123. [124](#)
- 124. [125](#)
- 125. [126](#)
- 126. [127](#)
- 127. [128](#)
- 128. [129](#)
- 129. [130](#)
- 130. [131](#)
- 131. [132](#)
- 132. [133](#)
- 133. [134](#)
- 134. [135](#)
- 135. [136](#)
- 136. [137](#)
- 137. [138](#)
- 138. [139](#)
- 139. [140](#)
- 140. [141](#)
- 141. [142](#)
- 142. [143](#)
- 143. [144](#)
- 144. [145](#)
- 145. [146](#)
- 146. [147](#)
- 147. [148](#)
- 148. [149](#)
- 149. [150](#)
- 150. [151](#)
- 151. [152](#)
- 152. [153](#)

- 53. [154](#)
- 54. [155](#)
- 55. [156](#)
- 56. [157](#)
- 57. [158](#)
- 58. [159](#)
- 59. [160](#)
- 60. [161](#)
- 61. [162](#)
- 62. [163](#)
- 63. [164](#)
- 64. [165](#)
- 65. [166](#)
- 66. [167](#)
- 67. [168](#)
- 68. [169](#)
- 69. [170](#)
- 70. [171](#)
- 71. [172](#)
- 72. [173](#)
- 73. [174](#)
- 74. [175](#)
- 75. [176](#)
- 76. [177](#)
- 77. [178](#)
- 78. [179](#)
- 79. [180](#)
- 80. [181](#)
- 81. [182](#)
- 82. [183](#)
- 83. [184](#)
- 84. [185](#)
- 85. [186](#)
- 86. [187](#)
- 87. [188](#)
- 88. [189](#)
- 89. [190](#)
- 90. [191](#)
- 91. [192](#)

- 92. [193](#)
- 93. [194](#)
- 94. [195](#)
- 95. [196](#)
- 96. [197](#)
- 97. [198](#)
- 98. [199](#)
- 99. [200](#)
- 100. [201](#)
- 101. [202](#)
- 102. [203](#)
- 103. [204](#)
- 104. [205](#)
- 105. [206](#)
- 106. [207](#)
- 107. [208](#)
- 108. [209](#)
- 109. [210](#)
- 110. [211](#)
- 111. [212](#)
- 112. [213](#)
- 113. [214](#)
- 114. [215](#)
- 115. [216](#)
- 116. [217](#)
- 117. [218](#)
- 118. [219](#)
- 119. [220](#)
- 120. [222](#)
- 121. [223](#)
- 122. [224](#)
- 123. [225](#)
- 124. [226](#)
- 125. [227](#)
- 126. [228](#)
- 127. [229](#)
- 128. [230](#)
- 129. [231](#)
- 130. [232](#)

- 131. [235](#)
- 132. [236](#)
- 133. [237](#)
- 134. [238](#)
- 135. [239](#)
- 136. [240](#)
- 137. [241](#)
- 138. [242](#)
- 139. [243](#)
- 140. [244](#)
- 141. [245](#)
- 142. [246](#)
- 143. [247](#)
- 144. [248](#)
- 145. [251](#)
- 146. [252](#)
- 147. [253](#)
- 148. [254](#)
- 149. [255](#)
- 150. [256](#)
- 151. [257](#)
- 152. [258](#)
- 153. [259](#)
- 154. [260](#)
- 155. [261](#)
- 156. [262](#)
- 157. [263](#)
- 158. [264](#)

apresentação

POR PEDRO PACÍFICO

Ainda que não tenham lido ou que não saibam com detalhes a narrativa, muitas pessoas já ouviram falar em *Os sofrimentos do jovem Werther*. Isso é um grande indicador de que, mesmo tendo sido escrita em 1774, há quase duzentos e cinquenta anos, a obra persistiu no tempo e rompeu as barreiras do território alemão, onde Goethe nasceu e viveu a maior parte de sua vida, figurando na seleta categoria dos clássicos universais.

Mas confesso que toda essa aura que reveste livros tão consagrados no âmbito da literatura acabou, por muito tempo, me afastando da leitura de clássicos, assim como afasta tantos leitores. Precisei desconstruir alguns preconceitos literários antes de me aventurar em *Os sofrimentos do jovem Werther*, aos vinte e seis anos. Antes desse amadurecimento como leitor, eu acreditava que os clássicos eram sinônimo de livros difíceis, antigos e até um pouco enfadonhos, incapazes de interessar a um jovem vivendo em uma época tão diferente e distante daquela em que a obra foi publicada. Mas por que será que uma história sobre um jovem que não tem seu amor correspondido, e que sofre por esse desejo pelo impossível — perdoe-me por essa sinopse tão simples! — poderia me assustar?

Ora, essa relação conturbada com os clássicos pode ter diferentes causas, mas este curto texto de apresentação não tem o objetivo de discorrer sobre um tema de tamanha complexidade. Na verdade, o que pretendo aqui é explorar um pouco do que faz da leitura deste livro uma experiência tão relevante, mesmo decorrido tanto tempo da sua publicação. E, para mim, o que permitiu aproveitar muito mais a leitura de uma obra como essa foi entender o que faz de um livro um clássico.

Quando comecei a explorar o significado do termo “clássico”, que até então me parecia tão distante e um pouco assustador, me deparei muitas vezes com uma definição de que hoje gosto muito: a de que os clássicos seriam obras “atemporais” — como muito bem abordado por Ítalo Calvino, em sua

enriquecedora obra *Por que ler os clássicos*. E esse texto pode interessar quem está prestes a começar este livro, pois *Os sofrimentos do jovem Werther* foi uma das principais leituras em que eu consegui identificar de forma clara esse conceito da atemporalidade de uma obra.

Quando tive meu primeiro contato com Goethe, percebi como o autor conseguiu construir um personagem humano e com conflitos comuns a cada um de nós. Identificar-se com o personagem, com os seus sentimentos e pensamentos, é inevitável, de modo que *Os sofrimentos do jovem Werther* não faz sentido apenas para quem vivia na mesma época ou local em que o livro foi originalmente publicado. Pelo contrário: sua narrativa permanece atual, porque trata de conceitos universais, de temas ligados à condição humana.

Quando falamos de uma paixão intensa, daquela que parece nos transformar em meras marionetes de uma força controladora invisível, não estamos tratando de uma temática isolada, mas sim de uma realidade que existia tanto em 1774, quando viveu o personagem Werther — ou quem sabe, o próprio autor — como hoje. E é essa identificação da leitora e do leitor ainda hoje com o que há de humano nos personagens que faz dessa leitura uma experiência atual e da obra um clássico da literatura.

Por isso, querido leitor, ao ler um clássico como este, é importante não se intimidar pela grandeza do nome, mas deixar-se arrebatar pela história e pela contemporaneidade das questões nela tratadas. Não é difícil entender como personagens tão profundos que vivenciam sentimentos tão reais ajudaram a construir a nossa concepção de paixão e amor romântico, alimentada até hoje pelas palavras que você está prestes a encontrar.



PEDRO PACÍFICO é advogado formado pela USP e criador do @book.ster, um dos maiores perfis literários brasileiros do Instagram. Também tem um canal no YouTube e apresenta o podcast “Daria um livro”.



Livro I

*Tudo o que pude encontrar da
história do pobre Werther colecionei
com afinho e lhes apresento aqui,
sabendo que me agradecerão.
Não poderão privá-lo de admiração
e amor pelo seu intelecto
e seu caráter, nem de lágrimas
pelo seu destino.*

*E você, boa alma, que sente a mesma
angústia que ele outrora sentiu,
tire consolo de seu sofrimento,
e deixe este livrinho ser seu amigo,
se por obra do destino
ou por culpa própria não encontrar
nenhum mais próximo.*





aos 4 de maio de 1771

Como estou feliz por ter partido! Caro amigo: o que é o coração do homem? Deixar você, que tanto amo, de quem era inseparável, e ser feliz! Sei que me perdoa. Não teriam sido meus outros relacionamentos sabiamente escolhidos pelo destino, no intuito de amedrontar um coração como o meu? Pobre Leonore! No entanto, eu era inocente. Que culpa tinha eu se em seu pobre coração se formava uma paixão, enquanto os encantos caprichosos da irmã dela me proporcionavam um agradável passatempo? No entanto... serei de todo inocente? Não nutri os sentimentos dela? Não me deleitei eu mesmo com as verdadeiras expressões da natureza, que tanto nos faziam rir, mesmo sendo tão pouco risíveis? Não terei... oh, o que é o homem, podendo lamentar-se! Quero, caro amigo, prometo-lhe, eu quero melhorar, não quero mais ruminar aquele pouquinho de mal que o destino nos apresenta, como sempre fiz; quero fruir o presente, e que o passado seja passado. Certamente tem razão, meu caro, as dores entre os homens seriam menores se eles — Deus sabe por que foram feitos assim! — não usassem com tanto afinco a imaginação para invocar lembranças do mal do passado, em vez de suportar um presente indiferente.

Tenha a bondade de dizer à minha mãe que irei cuidar dos assuntos dela da melhor maneira possível e que mandarei notícias a respeito o quanto antes. Falei com a minha tia e nem de longe encontrei a imagem da mulher malvada que fizeram dela em casa. É alegre e intensa, com o melhor dos corações. Expliquei-lhe as dificuldades de minha mãe com a parte retida da herança; ela me falou de seus motivos, das causas e das condições sob as quais estaria disposta a liberar tudo, e até mais do que exigíamos... Enfim, não quero escrever a respeito agora; diga à minha mãe que tudo ficará bem. E descobri, meu caro, lidando com este pequeno assunto, que mal-entendidos e inércia talvez criem mais enganos no mundo do que astúcia e iniquidade. Ao menos as duas últimas certamente são mais raras.

Aliás, encontro-me bastante bem aqui. A solidão é um bálsamo para o meu coração nesta região paradisíaca, e esse momento da juventude aquece com toda a intensidade meu coração muitas vezes estremecido. Cada árvore, cada sebe é um buquê de flores, e é quase como se quiséssemos virar um besouro, para poder flutuar em meio ao mar de perfumes, podendo encontrar ali todo o nosso alimento.

A cidade em si é desagradável; por outro lado, no entorno há uma inexprimível beleza natural. Foi o que motivou o falecido conde de M... a instalar um jardim no topo de uma das colinas, que se entrecruzam formando as variações mais belas e os vales mais aprazíveis. O jardim é simples, e logo que se entra, sente-se que não foi um jardineiro profissional que o projetou, mas sim um coração sensível, que tencionava fruir a si próprio nesse local. Já verti algumas lágrimas pelo falecido no gabinetezinho deteriorado que era seu lugar favorito e também é o meu. Logo serei o senhor do jardim; o jardineiro afeiçoou-se a mim nos primeiros dias, não há de se sentir mal com isso.



aos 10 de maio

Um maravilhoso contentamento invadiu toda a minha alma, tal como as doces manhãs de primavera, que aproveito com o coração pleno. Estou sozinho e feliz da vida nessa região, que foi criada para almas como a minha. Estou tão feliz, meu caro, tão mergulhado na sensação de uma existência serena, que a minha arte acaba prejudicada. Eu não conseguiria desenhar agora, nenhuma linha sequer, mas nunca fui um pintor tão grande quanto neste momento. Quando o querido vale está fumegante em volta de mim e o Sol a pino descansa na superfície impenetrável da escuridão da minha floresta, e só alguns raios se esgueiram para dentro do santuário interior, eu então me deito na relva alta ao lado do riacho em queda e, mais próximo do chão, milhares de folhinhas de grama variadas surgem para mim; quando sinto próximo do meu coração o fervilhar do mundo pequeno por entre hastes, as inúmeras, insondáveis configurações dos vermezinhas, dos mosquitinhos, e sentindo a presença do Todo-Poderoso, que nos criou à Sua imagem, o sopro daquele que a tudo ama e que nos sustenta e preserva, flutuante, em eterno regozijo; meu amigo! Quando então tudo se escurece em torno de meus olhos e o mundo à volta e o céu descansam plenos em minha alma, como a figura de uma amada — então muitas vezes sinto saudade e penso: ah, se eu pudesse exprimi-lo de novo, se pudesse insuflar no papel aquilo que vive dentro de mim tão pleno, tão quente, que seria o espelho da minha alma, assim como a minha alma é o espelho do Deus infinito! Meu amigo... mas sucumbo com isso, sigo derrotado sob a violência do esplendor desses fenômenos.

Também não sei dizer se espíritos enganosos flutuam nesta região, ou se é a imaginação quente e celestial em meu coração que torna tudo à minha volta tão paradisíaco. Logo diante do vilarejo há um poço ao qual me sinto atado, como Melusina¹ e suas irmãs — você desce uma pequena colina e se encontra diante de uma arcada, de onde saem cerca de vinte degraus, e lá embaixo brota a mais límpida água de uma rocha de mármore. O pequeno muro que em cima forma uma moldura, as árvores altas que encobrem a praça do entorno, o frescor do lugar; isso tudo tem algo de ultrajante, de arrepiante. Não há dia sem que eu fique sentado ali uma hora. Aí vêm as meninas da cidade para buscar água, um procedimento dos mais inofensivos e também dos mais necessários, que outrora as próprias filhas dos reis executavam. Quando estou ali sentado, a ideia

patriarcal se aviva tão plasticamente em torno de mim, quando eles, os patriarcas, se encontram e arranjam casamentos em frente ao poço, e quando em volta dos poços e das fontes flutuam espíritos beneficentes. Oh, aquele que não consegue ter empatia com esse sentimento nunca deve ter se regozijado com o frescor de uma fonte após uma longa caminhada em um dia de verão.



aos 13 de maio

Você pergunta se deve me enviar meus livros? Querido, peço-lhe pelo amor de Deus que me livre deles! Não quero mais ser conduzido, animado, estimulado, uma vez que este coração se exalta por si só; preciso de acalanto, e o encontrei em sua plenitude no meu Homero.² Quantas vezes apaziguo o meu sangue revoltado com o canto de ninar, pois nunca se viu nada tão desigual, tão inconstante quanto este coração. Querido! Será que preciso dizer-lhe isto, você que tantas vezes carregou o fardo de me ver transitar da preocupação para o excesso e da doce melancolia para a paixão nociva? Também ajo com meu coraçãozinho como com uma criança doente; toda vontade lhe é concedida. Não espalhe isso; há pessoas que me levariam a mal.

aos 15 de maio

As pessoas comuns do lugar já me conhecem e me amam, especialmente as crianças. Fiz uma observação triste. Quando no início me aproximei delas, perguntando isto ou aquilo de maneira amigável, algumas acreditavam que eu quisesse escarnecer delas e me dispensaram de modo rude. Não me deixei abater; mas sentia aquilo que já havia percebido muitas vezes, da forma mais viva possível: pessoas de certa posição social sempre se manterão a uma distância fria do povo comum, como se achassem que perderiam algo com a proximidade; e depois, há os levianos e brincalhões grosseiros, que parecem se rebaixar no intuito de fazer o povo sentir ainda mais a sua arrogância.

Bem sei que não somos iguais, nem podemos sê-lo; mas aquele que julga necessário manter-se afastado do populacho para preservar a sua respeitabilidade é tão condenável quanto um covarde, que se esconde do inimigo por temer ser derrotado.

Recentemente cheguei ao poço e encontrei uma jovem serviçal que havia colocado o seu recipiente na parte mais baixa da escada e olhava em volta para ver se não havia uma colega que pudesse ajudá-la a colocá-lo na cabeça. Desci e olhei para ela.

— Quer que eu a ajude, donzela? — perguntei. Ela ficou vermelha dos pés à cabeça.

— Oh não, senhor! — disse.

— Não incomoda.

Ajeitou o seu vasilhame e a ajudei. Ela agradeceu e subiu.



17 de maio

Conheci pessoas de todo tipo, mas não encontrei companhia. Não sei o que devo ter de repulsivo para as pessoas, tantas gostam de mim e se afeiçoam a mim, e depois me dói quando o nosso caminho segue junto por um trecho tão curto. Se você me perguntar como são as pessoas aqui, eu lhe direi: são como em todo lugar! É uma coisa única a raça humana. A maioria delas passa a maior parte do tempo empenhando-se em viver, e o pouco que lhes resta de liberdade as assusta tanto que procuram todos os meios para livrar-se dela. Oh, determinação dos homens!

Ainda assim é uma gente muito boa! Quando me esqueço de mim, por vezes desfruto com eles das alegrias ainda concedidas aos homens, de sentar à mesa bem posta e me divertir de peito e coração abertos, de uma viagem a passeio, uma dança ordenada no tempo certo ou algo semelhante, tudo isso tem um efeito muito bom em mim; mas não gosto de lembrar que ainda repousam tantas outras forças em mim, todas elas apodrecendo sem uso, e que preciso ocultar com cuidado. Ah, isso oprime o coração de tal modo. E, mesmo assim, ser mal compreendido é o destino de gente como nós.

Ah, a amiga de juventude ter partido assim, ah, por que fui conhecê-la? Eu diria: você é um tolo! Procura o que aqui embaixo não se pode encontrar! Mas eu a tive, senti seu coração, a grande alma, em cuja presença eu sentia ser mais do que eu era, pois na presença dela eu era tudo o que podia ser. Deus do céu! Será que ali alguma força de minha alma permaneceu sem uso? Não pude desenvolver diante dela toda a sensação maravilhosa com que meu coração envolve a natureza? Não era o nosso convívio um eterno tecer dos mais finos sentimentos, do mais agudo engenho, que, mesmo beirando os maus modos, eram todos cunhados com o selo de gênio? E agora! Ah, os anos que ela tinha de vantagem a levaram ao túmulo mais cedo do que a mim. Nunca a esquecerei, nunca esquecerei o seu caráter resoluto e sua condescendência divina.



Há poucos dias encontrei o jovem V..., um rapaz aberto, de compleição muito feliz. Acaba de sair da academia; não se julga exatamente sábio, mas acredita saber mais que outros. Também é aplicado, como percebo, em várias coisas; resumindo: ele tem belos conhecimentos. Como ouviu que eu desenhava e sabia grego (dois fenômenos raros nestas paragens), dirigiu-se a mim e desfilou muitos conhecimentos, de Batteux a Wood, passando por De Piles e Winckelmann, e me assegurou ter lido a primeira parte da teoria de Sulzer integralmente, possuindo também um manuscrito de Heynen sobre o estudo da Antiguidade. Deixei-o falar.



Conheci ainda um homem honrado, o bailio³ do principado, um ser aberto e de bom coração. Dizem ser uma alegria para a alma vê-lo em meio a seus filhos, que são nove; sobre a sua filha, especialmente, correm muitos comentários. Ele me convidou para ir à sua casa, e quero visitá-lo nos próximos dias. Ele mora em um palácio de caça do príncipe a uma hora e meia daqui, para onde teve a permissão de se mudar após o falecimento de sua esposa, visto que a permanência na cidade e na casa oficial tornou-se dolorosa demais.

De resto, ainda cruzaram o meu caminho alguns personagens grotescos, nos quais tudo é insuportável, o mais insuportável sendo as manifestações de amizade.

Adeus! A carta lhe será agradável, ela está bastante recheada de histórias.

aos 22 de maio

A vida dos homens ser apenas um sonho já ocorreu a muitos, e essa sensação também me acompanha. Quando vejo a limitação na qual estão trancadas as forças ativas e perscrutadoras do homem; quando vejo que toda a atividade desemboca em satisfazer necessidades que, de novo, não têm nenhum objetivo além de prolongar a nossa pobre existência; e depois, que toda a tranquilidade sobre determinados pontos da perscrutação é apenas resignação sonhadora, uma vez que se pintam com figuras coloridas e paisagens claras as paredes entre as quais estamos presos — tudo isso, Wilhelm, me emudece. Volto-me para dentro de mim e encontro um mundo! Mas esse mundo é mais suposição e anseio obscuro do que representação e força vital. E tudo flutua diante de meus sentidos e então eu continuo sorrindo em sonho diante do mundo.

O fato de as crianças não saberem por que têm desejos é unanimidade entre os sábios e os professores e preceptores da corte; mas também os adultos, tal como as crianças, tatearam como sonâmbulos nessa terra e, como elas, não sabem de onde vêm e para onde vão, e tampouco agem com objetivos reais, sendo regidos também por biscoitos e bolos e varas de bétula. Nisso ninguém quer acreditar muito, mas me parece algo bastante palpável.



Confesso-lhe com prazer, pois sei o que vai querer me dizer em seguida, que são mais felizes aquelas pessoas que, assim como as crianças, vivem todo dia

despreocupadas, carregam suas bonecas, despem-nas e vestem-nas e, com grande respeito, esgueiram-se em volta da gaveta onde mamãe escondeu o doce e, quando enfim conseguem o que desejavam, o consomem com as bochechas cheias e gritam: “mais!” — esses são seres felizes. Também vivem bem aqueles que dão às suas ocupações miseráveis, ou até às suas paixões, nomes pomposos, e as apregoam à raça humana como operações gigantescas em nome de sua salvação e do seu bem-estar. Feliz daquele que consegue ser assim! Mas aquele que em sua humildade reconhece onde isso tudo desemboca, que vê como cada cidadão feliz poda com afinco seu jardimzinho e o transforma em paraíso, e como também o infeliz segue intrépido o seu caminho, ofegante sob seu fardo, todos tendo o mesmo interesse em ver a luz do Sol por um minuto a mais — sim, ele silencia e também forma o seu mundo a partir de si próprio e também é feliz, porque é um ser humano. E depois, por mais limitado que seja, continua guardando no coração a doce sensação de liberdade, e de que ele pode deixar essa masmorra quando quiser.



aos 26 de maio

Há muito tempo você conhece o meu jeito de me alojar, encontrar uma cabaninha em algum lugar aprazível e me instalar, mesmo com todas as limitações. Também aqui encontrei novamente um lugarzinho que me atraiu.

Cerca de uma hora distante da cidade, há um local que chamam de Wahlheim⁴. A localização nas encostas de uma colina é muito interessante, e quando se desce a trilha lá de cima para o vilarejo pelo caminho de pedestres, repentinamente se avista todo o vale. Uma boa hospedeira, disposta e atenciosa para sua idade, serve vinho, cerveja, café; e o que supera tudo são as duas tílias que, com os galhos estendidos, encobrem a pequena praça diante da igreja, que está cercada em toda a sua volta por casas de camponeses, estábulos e quintais. Não encontrei nenhum lugarzinho tão aprazível, tão acolhedor, e peço que levem para lá minha mesinha da estalagem e a minha cadeira, onde tomo meu café e leio o meu Homero. A primeira vez que, numa bela tarde, por acaso fui parar embaixo das tílias, encontrei a pracinha muito solitária. Todos estavam no campo; apenas um menino aparentando quatro anos estava sentado no chão e, à frente dele, recostada em seu peito e entre seus pés, havia outra criança de cerca de seis meses entre seus braços, quieta, de modo que o menino lhe servia como que de poltrona, despreocupado com a alegria com que os olhos negros da criança olhavam ao redor. Fiquei encantado por essa visão: sentei-me sobre um arado à minha frente e desenhei aquela posição fraternal com muita alegria. Acrescentei a ela a cerca mais próxima, um portão de celeiro e algumas rodas de carroça quebradas, tudo como estava organizado, um atrás do outro e, passada uma hora, achei ter criado um desenho bem organizado, muito interessante, sem acrescentar um mínimo de minha imaginação. Isso reforçou o meu propósito de, no futuro, ater-me apenas à natureza. Somente ela é infinitamente rica e capaz de formar os grandes artistas. Podem-se dizer muitas coisas em favor das regras, como o que se diz mais ou menos para elogiar a sociedade burguesa. Um homem que se molda com base nelas nunca produzirá algo de mau gosto ou ruim, assim como quem se molda a partir de leis e bons modos nunca será um vizinho insuportável, ou um malvado esquisito; contudo, toda regra, diga-se o que quiser delas, destruirá o verdadeiro sentimento de natureza e a sua verdadeira expressão! Diga: “Isso é duro demais! Ela apenas limita, poda as vinhas salientes etc.”... Meu bom amigo, quer que eu lhe dê uma comparação? É como o amor.

Um jovem coração que está totalmente preso a uma moça passa todas as horas do dia com ela, desperdiça todas as suas forças, todo o seu patrimônio, para provar, a todo momento, que está entregue por inteiro a ela. E aí viria um filisteu, um homem que ocupa um cargo público, e diria a ele:

— Caro e nobre jovem! Amar é humano, apenas tem que amar humanamente! Divida suas horas: separe algumas para o trabalho, e dedique as de lazer à sua moça. Calcule seu patrimônio, e do que lhe restar depois de atender suas necessidades, não lhe impeço de comprar um presente a ela, mas não com tamanha frequência; por exemplo, em seu aniversário ou no dia de seu santo *etc.*

Se ele seguir os conselhos, então teremos um jovem muito útil. E eu mesmo aconselharia a qualquer regente que o colocasse em um colégio, mas isso será o fim de seu amor e, se for artista, de sua arte. Oh, meus amigos! Por que é tão raro irromper o fluxo do gênio, tão raro ele inundar marés altas com alto estrondo e por que abala a sua alma espantada? Queridos amigos, é lá que moram os senhores tranquilos dos dois lados da margem, e ele arrasaria suas casinhas ajardinadas, seus canteiros de tulipas e campos de couves, e é por isso que sabem se defender a tempo da ameaça do perigo futuro com diques e desvios.



27 de maio

Vejo que me levei pelo entusiasmo, por comparações e declamações, e acabei me esquecendo de contar o que aconteceu com as crianças. Estava eu sentado por duas horas sobre o meu arado, mergulhado profundamente em sensações pitorescas, trazidas em fragmentos por meu escrito de ontem. Ao fim da tarde, uma jovem mulher se aproximou das crianças, que não tinham se mexido durante todo esse tempo, com uma cestinha no braço, chamando de longe:

— Philipp, você é um bom menino.

Ela me cumprimentou e eu retribuí; levantei-me, aproximei-me e perguntei se era a mãe das crianças. Ela respondeu afirmativamente, e enquanto dava meia broa ao mais velho, pegou o pequeno e o beijou com todo o amor de mãe.

— Deixei o meu pequeno com Philipp — disse ela — e fui com o meu mais velho até a cidade para buscar pão branco, açúcar e uma panelinha para fazer mingau.

Vi tudo aquilo na cesta, cuja tampa se abrira.

— Quero fazer uma sopinha no jantar para o meu Hans — era esse o nome do mais novo. — Esse avoadado do meu mais velho quebrou minha panela ontem enquanto brigava com Philipp pela raspa do mingau.

Perguntei pelo mais velho, e ela mal acabara de dizer que ele estava correndo atrás dos gansos ali no campo quando o próprio veio pulando, trazendo uma vara de aveleira para o segundo. Continuei conversando com a mulher e fiquei sabendo que era a filha do professor e que seu marido fizera uma viagem à Suíça para buscar a herança de um primo.

— Quiseram enganá-lo — disse ela — e não respondiam às suas cartas. Então ele foi pessoalmente até lá. Espero que não tenha lhe acontecido nenhum acidente, pois não tenho notícias dele.

Foi difícil sair de perto da mulher; dei um dobrão para cada uma das crianças e um outro a ela para o mais novo, para que ela lhe comprasse uma broa para a sopa quando fosse à cidade, e assim nos separamos.

Vou lhe dizer, meu querido: quando os meus sentidos não se sustentam mais,

todo o tumulto é apaziguado pela visão de uma criatura dessas, que segue o estreito círculo de sua existência em feliz resignação, batalhando dia após dia, vendo as folhas caírem e não pensando em nada além do inverno que se aproxima.

Desde então, fico muito do lado de fora. As crianças já se acostumaram totalmente comigo; ganham açúcar quando tomo café e, à noite, dividem comigo o pão com manteiga e a coalhada. Aos domingos nunca lhes falta o dobrão, e se eu não estiver ali após a hora da oração, a minha hospedeira tem a instrução de lhes entregar as moedas.

Elas ficaram íntimas. Contam-me uma série de coisas e me divirto especialmente com suas paixões e seu ciúme singelo quando mais crianças do vilarejo se unem a nós.

Custou-me muito esforço tirar a preocupação da mãe de que pudessem me incomodar.



30 de maio

Aquilo que outro dia lhe disse sobre a pintura certamente vale também para a poesia; apenas reconheça o excelente e ouse expressá-lo, e isto, claro, é dizer muito com pouco. Hoje presenciei uma cena que, registrada por escrito, daria o mais belo idílio do mundo, mas de que servem poesia, cena e idílio? Será que sempre haverá necessidade de representação quando temos de tomar parte de um fenômeno da natureza?

Se a partir dessa introdução você esperar algo erudito e nobre, estará novamente enganado; o que me arrebatou para essa experiência intensa não foi nada além de um jovem camponês. Como de costume, contarei mal, e você, como de costume, penso eu, me julgará exagerado; novamente, é Wahlheim, é sempre Wahlheim, que produz essas raridades.



Lá fora havia um grupo de pessoas sob as tílias tomando café. Por não julgá-las agradáveis, fiquei para trás sob um pretexto qualquer.

Um jovem camponês veio de dentro de uma casa vizinha e se ocupou do conserto do arado que eu havia desenhado recentemente. Como o seu jeito me agradava, dirigi-me a ele perguntando por suas condições de vida. Logo fizemos amizade e, como é meu habitual com esse tipo de pessoa, ficamos íntimos. Ele me contou que trabalhava para uma viúva e que era bem tratado por ela. Falava dela tantas coisas e a elogiava de tal maneira que logo percebi que se afeiçoara à

viúva de corpo e alma. Ela não era mais jovem, disse ele; fora maltratada pelo primeiro marido, não queria mais se casar; e a partir de sua narrativa, ficava muito perceptível como lhe era bela e encantadora, como ele desejava que o escolhesse para apagar a lembrança dos erros de seu primeiro marido. Eu teria de repetir palavra por palavra para ilustrar a você a afeição pura, o amor e a fidelidade desse homem. Sim, eu precisaria ter o dom do poeta mais grandioso para, ao mesmo tempo, representar de forma vivaz a expressão dos gestos dele, a harmonia de sua voz, o fogo secreto de seu olhar. Não, não há palavras que expressem a delicadeza presente em todo o seu ser e em sua expressão; tudo o que eu poderia produzir seria apenas grosseiro. Fiquei especialmente tocado quando ele disse temer que eu pensasse mal de sua relação com a viúva e duvidasse do comportamento exemplar dela. Como era encantador quando ele falava da figura e do corpo dela, que o atraíam violentamente mesmo sem os encantos juvenis e o cativavam, sendo algo que só posso repetir no mais íntimo da minha alma. Nunca na minha vida vi o desejo urgente e o anseio caloroso e ardente com tamanha pureza; posso até dizer que nunca pensei ou sonhei com tal pureza. Não me reproves quando lhe digo que, diante da lembrança dessa inocência e verdade, o íntimo de minha alma arde em brasa, que a imagem dessa fidelidade e dessa ternura me persegue em toda parte e que eu, como que incendiado por isso, desejo e sou consumido.

Agora vou procurar vê-la o quanto antes, ou, pensando melhor, quero evitar fazê-lo. É melhor que a veja pelos olhos de seu amante. Talvez, diante de meus próprios olhos, ela não se pareça com o que parece agora diante de mim, e por que estragar a bela imagem?



16 de junho

Por que não lhe escrevo, você me pergunta, e ainda é um dos sábios. Deveria adivinhar que me encontro bem, de fato... Em suma, conheci alguém que muito tocou meu coração. Conheci... Não sei.

Contar-lhe na sequência como as coisas aconteceram, como conheci um dos seres mais amáveis, será difícil. Estou animado e feliz, e portanto não serei um bom contador de histórias.

Um anjo... Ora! É o que todos dizem de suas amadas, não? Mesmo assim, não sou capaz de dizer-lhe como ela é perfeita, ou por que ela é perfeita; basta dizer que ela tomou conta de todo o meu pensamento.

Tanta simplicidade com tanta racionalidade, tanta bondade com tanta firmeza, e a paz da alma em meio à vida real e prática.

Isso tudo são bobagens vazias que falo sobre ela, abstrações ruins, que não expressam um traço sequer do seu ser. Em outro momento — não, não em outro momento, agora mesmo, vou lhe contar tudo. Se não fizer isso agora, não farei nunca mais. Pois cá entre nós, desde que comecei a escrever, já estive por três vezes prestes a largar a pena, a mandar selar meu cavalo e a cavalgar até lá. E mesmo assim, jurei hoje cedo que não sairia cavalgando; no entanto, vou até a janela a todo momento para ver se o Sol ainda está alto.

Não resisti, tive de ir vê-la. Acabo de voltar, Wilhelm, querendo comer meu pão com manteiga à noite e lhe escrever. Que prazer é para a minha alma vê-la no círculo de suas crianças queridas e alegres, seus oito irmãos e irmãs!

Se eu continuar assim, ao final terá tanta informação quanto no início. Ouça então, que vou me obrigar a entrar em detalhes.

Outro dia lhe escrevi como conheci o bailio e como ele me pedira para ir logo visitá-lo em seu isolamento, ou, melhor dizendo, em seu pequeno reino. Deixei isso de lado, e talvez nunca tivesse ido até lá se o acaso não tivesse me revelado o tesouro escondido naquela região tranquila.

Nossos jovens tinham organizado um baile no campo, ao qual concordei em ir. Ofereci-me como par a uma moça daqui, boa, bonita, mas insignificante, e ficou

combinado que eu pegaria um coche e iria com a minha dançarina e sua prima até o local da festa, e que no caminho pegaria Charlotte S.

— Você vai conhecer uma bela moça — disse minha acompanhante, ao percorrermos os caminhos amplos e abertos da floresta em direção à casa de caça.

— Tome cuidado — ponderou a prima — e não se apaixone!

— Como assim? — perguntei.

— Ela já está destinada — respondeu a outra. — Um homem muito honrado que viajou para resolver algumas questões após a morte de seu pai e para tomar posse de uma soma considerável.

Recebi essa notícia com bastante indiferença.



O Sol ainda estava a quinze minutos das montanhas quando chegamos à frente do portão. Estava muito abafado, e as mulheres expressaram a sua preocupação com uma tempestade que parecia estar se formando no horizonte em volta, com nuvenzinhas branco-acinzentadas e opacas. Dissipei o temor que sentiam fingindo conhecimentos meteorológicos, não obstante eu mesmo começar a suspeitar que a nossa diversão sofreria um golpe.

Eu havia descido, e uma criada que veio até o portão desculpou-se e pediu para aguardarmos um momento, pois a srta. Lottinha viria logo. Atravessei o pátio até aquela casa elegante e, assim que subi as escadas à minha frente e cruzei a porta, ofereceu-se à minha vista o espetáculo mais encantador que já vira. Na antessala fervilhavam seis crianças, de dois a onze anos, em volta de uma moça de bela

figura e estatura mediana que usava um vestido branco simples, com fitas de um vermelho pálido no braço e no peito. Ela segurava um pão preto e cortava uma fatia para cada uma das crianças em volta, de acordo com a proporção da idade e do apetite delas. Dava-lhes com tanta simpatia, e elas diziam com tanta naturalidade o seu “Obrigado!”, esticando as mãozinhas para o alto muito antes de o pão ser cortado, e depois, satisfeitas com o jantar, saíam para o portão pulando ou tranquilas, se tinham caráter mais silencioso, para ver os desconhecidos e o coche no qual a sua Lotte partiria.

— Peço desculpas — disse ela — por fazê-lo entrar e deixar as moças esperando. Por causa da troca de roupa e de uma série de orientações para os cuidados domésticos na minha ausência, acabei me esquecendo de dar o jantar às minhas crianças. Não querem que ninguém além de mim corte o pão para elas.



Fiz-lhe um elogio insignificante, toda a minha alma repousava sobre sua figura, sua voz, seu comportamento; e mal tive tempo de me recuperar da surpresa quando ela veio para a sala buscar suas luvas e o leque. Os pequenos me olhavam de lado a certa distância, e me aproximei do mais novo, uma criança com a feição mais alegre. Ele se retraiu justamente quando Lotte entrou pela porta e disse:

— Louis, dê a mão ao primo! — O que o menino fez com muita desenvoltura. Não pude deixar de lhe dar um beijo afetuoso, apesar de seu narizinho escorrendo.

— Primo? — falei, oferecendo-lhe a mão. — Acredita que sou digno da felicidade de ser seu parente?

— Ó — disse ela com um sorriso fácil — nosso parentesco chega muito longe e eu ficaria triste se fosse o pior dentre os parentes.

Enquanto andava, incumbia Sofia, a irmã mais velha depois dela, uma menina de cerca de onze anos, de cuidar bem das crianças e mandar lembranças para o papai quando voltasse do passeio a cavalo. Aos pequenos, disse para que obedecessem a Sofia como se fosse ela mesmo, o que alguns prometeram expressamente. Mas uma loirinha esperta de cerca de seis anos disse:

— Mas não é você, Lotte, gostamos mais de você.

Os dois mais velhos tinham subido na parte de trás do coche e, a meu pedido, ela permitiu que fossem conosco até a floresta se prometessem se segurar bem e não fazer travessuras.

Mal tínhamos nos ajeitado nos assentos, as mulheres se cumprimentado, trocado comentários sobre as roupas e especialmente sobre os chapéus e passado em revista a sociedade que encontraríamos, quando Lotte pediu ao cocheiro que parasse e aos irmãos que descessem. Eles quiseram lhe beijar a mão mais uma vez, o que o mais velho fez com toda a delicadeza própria da idade de quinze anos, e o outro, com muita intensidade e loucura. Pediu mais uma vez que mandassem lembranças aos pequenos e continuamos a viagem.

A prima perguntou se ela havia terminado o livro que havia lhe enviado recentemente.

— Não — disse Lotte. — Não gostei. Pode pegar de volta. O anterior também não foi melhor.

Espantei-me quando perguntei que livros eram, e ela respondeu...⁵ Vi tanto caráter em tudo o que ela dizia, e a cada palavra vi novos encantos, novos raios de seu espírito irromperem nos traços faciais, que pouco a pouco pareciam ganhar mais alegria, pois sentia que era compreendida por mim.

— Quando eu era mais jovem — disse ela — amava romances acima de tudo. Deus sabe como me sentia bem quando, aos domingos, me sentava em um cantinho e podia participar da felicidade ou do infortúnio de uma Miss Jenny⁶. Também não nego que isso ainda me atrai. Mas como raramente tenho acesso a um livro, ele precisa ser do meu gosto. E o melhor autor para mim é aquele em quem reencontro o meu mundo, onde as coisas se passam como ao meu redor, e cuja história para mim se torne tão interessante e tão íntima quanto a minha vida caseira, que certamente não é nenhum paraíso, mas que no geral é fonte de indizível felicidade.

Esforcei-me em ocultar as minhas emoções diante dessas palavras. Obviamente, não fui muito longe: assim que a ouvi falar superficialmente com tanta verdade do pároco regional de Wakefield, do...⁷, me exaltei completamente, disse a ela tudo que precisava, e só depois de algum tempo, percebi, uma vez que Lotte voltou a conversa para as outras, que durante esse período estavam elas sentadas ali de olhos abertos, mas era como se não estivessem lá. A prima me olhou mais de uma vez com um narizinho de escárnio, mas não dei atenção a ela.

A conversa agora era sobre o prazer de dançar.

— Se essa paixão for um erro — disse Lotte —, então confesso-lhe com prazer que não conheço nada melhor do que a dança. E quando tenho algo na cabeça e dedilho uma contradança no meu piano desafinado, tudo fica bem.

Como me deleitava com seus olhos negros em meio à conversa... como os lábios vivazes e as faces frescas e alegres atraíam toda a minha alma... como eu, mergulhado completamente no sentido maravilhoso de sua fala, muitas vezes nem ouvia as palavras com que se expressava... Pode imaginar tudo isso porque me conhece. Em resumo, desci do coche como um sonhador quando paramos diante da casa onde haveria o baile, e eu estava tão perdido em sonhos, envolto naquele mundo de luz crepuscular, que mal atentei para a música que soava em nossa direção, vinda do salão iluminado.



Os dois senhores Audran e um certo sr. N... N... — quem se lembra de todos esses nomes? —, que eram os pares de dança da prima e de Lotte, receberam-nos na soleira, apoderaram-se de suas mulheres, e eu conduzi a minha dama para dentro.

Dançávamos os minuets entrelaçados; convidei uma moça após a outra, e justamente as mais feias não me davam a mão ou não se decidiam se me concediam a dança. Lotte e seu par começaram a contradança inglesa, e pode imaginar como fiquei feliz quando, na sequência, ela também começou a dançar conosco. É preciso vê-la dançar! Ela dança com o coração e a alma, seu corpo todo em harmonia, tão despreocupada, tão solta, como se aquilo na verdade fosse tudo, como se não pensasse em mais nada, não sentisse mais nada; e certamente nesse momento todo o resto desaparece diante dela.

Convidei-a para a segunda contradança; ela aceitou a terceira, e com a franqueza mais gentil do mundo, garantiu-me que adorava dançar à moda alemã.

— Por aqui é costume dizer — continuou — que todo par que combina fica

junto quando dança a alemã, e o meu par valsa mal e me agradece quando lhe poupo o trabalho. A sua parceira também não sabe e não quer, e vi na inglesa que você dança bem; se quiser ser meu par na alemã, vá e peça ao meu parceiro, e eu irei falar com a sua dama.

Prometi fazê-lo, e combinamos que o parceiro dela entreteria a minha dama.

Então começamos e nos divertimos durante algum tempo em entrelaçamentos variados de braços. Com que encanto, com que leveza ela se movimentava! Quando entramos na valsa, como esferas celestes a girar em volta uma da outra, é claro que houve certa confusão, pois poucos sabem dançá-la. Fomos sagazes e os deixamos extravasar, e quando os menos habilidosos deixaram a pista, foi a nossa vez, e junto com outro par, Audran e a sua dama, retomamos com ainda mais vigor. Nunca tive tanta facilidade. Eu não era mais humano. Ter o mais encantador dos seres nos braços e voar com ela como o tempo, apagando tudo o que havia em volta, e... Wilhelm, para ser sincero, eu acabei jurando que, se amasse uma moça com a qual tivesse alguma chance, ela nunca deveria dançar valsa com ninguém além de mim, mesmo que isso me arruinasse. Você vai me entender!

Demos algumas voltas, andando no salão para recuperar o fôlego. Então ela se sentou, e as laranjas que eu havia separado agora eram as únicas restantes, e tiveram um excelente efeito; no entanto, cada gomo que ela oferecia por educação a uma vizinha presunçosa era uma pontada em meu coração.

Na terceira dança inglesa, éramos o segundo par. Enquanto dançávamos a sequência, e eu — só Deus sabe com que regozijo — prendia-me em seu braço e em seus olhos, cheios de verdadeira expressão da mais pura e aberta diversão, chegamos a uma mulher que me chamou atenção devido ao seu semblante simpático em um rosto já não mais tão jovem. Ao passar por nós, olhou sorrindo para Lotte e, de dedo em riste, pronunciou duas vezes o nome Albert em tom muito significativo.



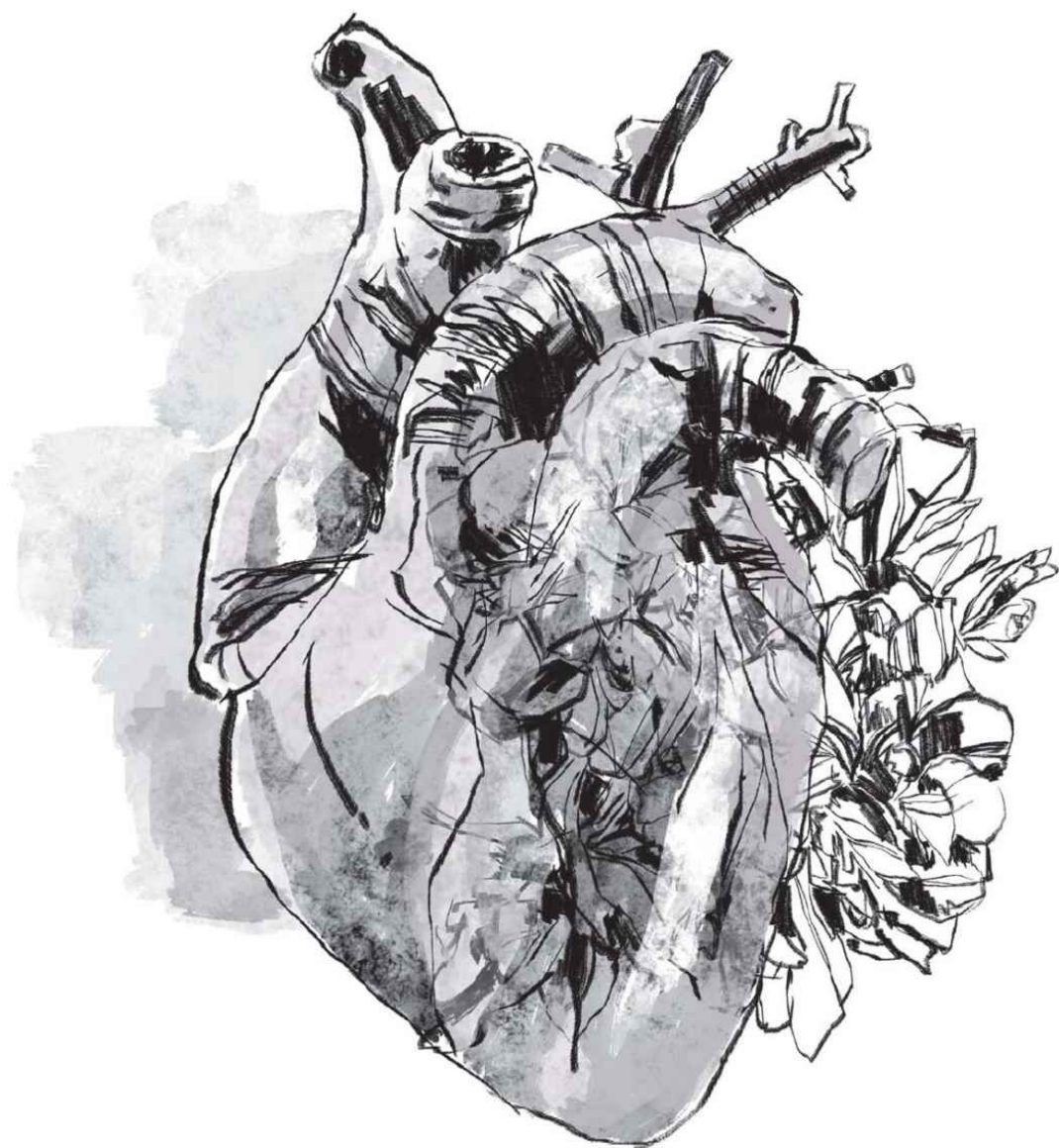
— Quem é Albert? — perguntei a Lotte. — Se não for ousado demais perguntar.

Ela estava prestes a responder quando tivemos de nos separar para formar o grande oito, e percebi certa marca de preocupação em sua testa quando nos cruzamos ao dançar.

— Por que deveria negá-lo ao senhor? — ela disse, oferecendo-me a mão para a promenade⁸. — Albert é um bom homem, de quem estou praticamente noiva.

Isso para mim não era novidade (pois as moças o haviam dito no caminho), mas também era algo totalmente novo, porque não havia relacionado o fato a ela, que com tanta rapidez se tornara tão cara a mim. Foi o suficiente para me confundir, esqueci quem era e entrei no meio do par errado, de modo que tudo ficou bagunçado e foi necessária a presença de espírito de Lotte e seus puxões e arrastões para rapidamente tudo voltar aos eixos.

A dança ainda não havia terminado quando os raios, que há um bom tempo vimos reluzirem no horizonte e julguei serem apenas relâmpagos, começaram a ficar muito mais fortes, e o trovão sobrepujou a música. Três mulheres saíram correndo da fila, seguidas por seus cavalheiros; a confusão se generalizou e a música parou. É natural que, quando somos surpreendidos por um acidente ou algo terrível em meio à diversão, isso deixe em nós impressões mais fortes do que em situações normais, seja porque a situação contrária se percebe com maior nitidez, seja porque, mais ainda, os nossos sentidos tornam-se mais palpáveis e, portanto, absorvem a impressão mais rapidamente. A essas circunstâncias devo atribuir as caretas incríveis que vi irromper em várias mulheres. A mais esperta sentou-se em um canto com as costas na parede e tampou os ouvidos; uma segunda ajoelhou-se a sua frente e escondeu o rosto no colo da primeira. Uma terceira esgueirou-se entre as duas e as abraçou, irmãzinhas que eram, sob torrentes de lágrimas. Algumas queriam ir para casa; outras, que sabiam ainda menos o que faziam, não tinham a presença de espírito necessária para controlar as gracinhas dos rapazes travessos, que pareciam estar muito ocupados em roubar, dos lábios das pobres encurraladas, as súplicas que faziam aos céus. Alguns dos nossos cavalheiros tinham descido para fumar um cachimbinho em paz; e o restante do grupo não recusou quando a estalajadeira teve a ideia sensata de nos oferecer uma sala dotada de venezianas e cortinas. Mal chegamos lá e Lotte já estava ocupada em organizar as cadeiras em círculo, e apresentou as explicações de um jogo quando, a seu pedido, o grupo se sentou.



Vi muitos lamberem os beijos na esperança de uma prenda succulenta, esticando braços e pernas.

— Vamos brincar de contar! — disse ela. — Agora, prestem atenção! Vou andar na roda, da direita para a esquerda; contem também em círculo, cada um dizendo o número que cair na vez, e sejam rápidos como um rastilho de pólvora; aquele que empacar ou errar recebe um tapa no rosto, e assim vamos até mil.

E isso era divertido de ver: ela fazia a roda com o braço estendido. “Um”, começou o primeiro; o vizinho, “dois”; “três” o seguinte, e assim por diante. Então, ela começou a andar mais rápido, cada vez mais rápido; eis que um errou: pá! Um tapa no rosto, e diante da risada, o seguinte também: pá! E cada vez mais rápido. Eu mesmo recebi duas solapadas e acreditava, com regozijo interior, que eram mais fortes que aquelas que ela aplicava nos demais. Uma risada e um burburinho gerais encerraram o jogo antes mesmo que se chegasse a mil. Os mais próximos se retiravam para os cantos, a tempestade havia passado e eu segui Lotte até o salão. No caminho, ela disse:

— Com os tapas eles esqueceram a tempestade e tudo mais! — Não consegui responder nada a ela. — Fui uma das que mais sentiu medo — continuou —, e me fingindo de alegre para encorajar os outros, tornei-me corajosa.

Aproximamo-nos da janela. Trovejava ao longe, e a incrível chuva caía chispando sobre a terra; o mais agradável dos aromas subiu até nós com toda a plenitude de um ar quente. Ela estava de pé, apoiada no cotovelo, seu olhar penetrava a região; ela olhou para o céu e para mim, e vi seus olhos cheios de lágrimas; colocou sua mão sobre a minha e disse:

— Klopstock⁹!

Lembrei-me de imediato da ode maravilhosa que estava em sua mente e mergulhei no fluxo de sensações que ela derramara sobre mim com esse mote. Não aguentei, debrucei-me sobre a sua mão e a beijei debaixo das mais prazerosas lágrimas. E novamente olhei para os seus olhos... Ah, meu nobre! Se tivesse visto o endeusamento dela naquele olhar, e agora não quero nunca mais ouvir seu nome tantas vezes desonrado!



19 de junho

Não sei mais onde parei com a minha narrativa naquele dia; o que sei é que eram duas da madrugada quando fui para a cama, e que se fosse possível lhe contar, em vez de escrever, talvez tivesse lhe segurado até de manhã.

Ainda não contei o que aconteceu na volta do baile, hoje também não é dia para isso.

Foi o mais lindo nascer do Sol. A floresta gotejante e os campos refrescados em volta! Nossas companheiras cochilavam. Ela perguntou se eu não queria me unir a elas, que não ficasse preocupado com ela.

— Enquanto eu vir esses olhos abertos — disse eu, olhando firmemente os dela —, não correrei esse risco.

E ambos aguentamos até o portão de sua casa, que a criada abriu em silêncio e lhe assegurou, ao ser perguntada, que o pai e os pequenos estavam bem e ainda dormindo. Em seguida, deixei-a com o pedido de poder vê-la ainda no mesmo dia; ela concordou e eu me fui — desde então, Sol, Lua e estrelas podem seguir o seu curso, pois não sei se é dia ou noite, e o mundo todo se esvai à minha volta.



21 de junho

Vivo dias tão felizes, dias esses não concedidos por Deus a seus santos; e pode acontecer comigo o que for, não posso dizer que não gozei das alegrias, dos mais puros prazeres da vida... conhece meu Wahlheim; estou completamente estabelecido ali, de lá levo apenas meia hora até Lotte, onde me sinto eu mesmo e gozo de toda a felicidade concedida a um ser humano.

Como eu poderia imaginar que, ao escolher Wahlheim como destino de meus passeios, estaria tão perto do céu! Quantas vezes vi a casa de caça — que agora engloba todos os meus desejos — em minhas longas caminhadas, ora da montanha, ora da planície por sobre o rio!

Querido Wilhelm, ponderei muitas coisas: sobre a ânsia dos homens de se expandirem, de fazerem novas descobertas, de errarem sem rumo; e também sobre esse ímpeto da entrega submissa à limitação, sobre continuarem seguindo nos trilhos do hábito e não se importarem em virar à esquerda ou à direita.

É maravilhoso, quando cheguei aqui e avistei o belo vale a partir da colina, como tudo em volta me atraiu. Ah, a florestinha ali! Ah, se você pudesse se misturar às sombras dela! Ali, o topo da montanha! Ah, se dali pudesse avistar toda a ampla região! As colinas encadeadas umas nas outras e os vales íntimos! Ah, se eu pudesse me perder neles! Apressei-me em ir até lá e voltei, e não encontrei o que esperava. Oh, a distância é como o futuro! Um grande todo crepuscular repousa diante de nossa alma, e a nossa sensação se dissolve ali tal como o nosso olho, e ansiamos, ah, por entregar todo o nosso ser, nos deixar preencher com todo o prazer de um único sentimento grande e maravilhoso... e, ah! Quando nos aproximamos apressados, quando o Lá se torna Aqui, tudo é como sempre foi, e nos encontramos em nossa pobreza, em nossa limitação, e a nossa alma fica sedenta pelo bálsamo que escapou.



Assim, o mais irrequieto vagante por fim acaba ansiando pela pátria, e acaba encontrando em sua cabana, no peito de sua esposa, entre os filhos, no trabalho que o sustenta, o prazer que, em vão, procurava pela vastidão do mundo.

Quando saio de manhã ao nascer do Sol em direção à minha Wahlheim, e lá colho eu mesmo no jardim da estalagem as ervilhas tortas, me sento e tiro os fios, e entrementes, leio o meu Homero; quando escolho uma panela pequena na cozinha, corto a manteiga, coloco as ervilhas no fogo, as cubro e me sento ali do lado, para sacudi-las um pouco de vez em quando, sinto vivamente como os ousados pretendentes de Penélope sacrificam, esquartejam e assam bois e porcos.¹⁰ Nada me preenche mais com uma tal sensação silenciosa e verdadeira do que feições da vida patriarcal que eu, graças a Deus, consigo entretecer sem afetar o meu modo de vida.

Como me sinto bem por meu coração ser capaz de sentir o deleite simples e inofensivo do homem que traz à sua mesa um repolho que ele mesmo cultivou, e não apenas o repolho, mas todos os dias bonitos, a bela manhã em que o plantou, as tardes agradáveis em que o regou e como se alegrava com o crescimento progressivo, fruía tudo novamente em *um único* instante.



29 de junho

Anteontem, o médico aqui da cidade foi ver o bailio e me encontrou no chão, em meio às crianças de Lotte, algumas subindo em mim, outras zombando de mim, e me viu fazendo cócegas nelas e produzindo uma grande gritaria. O doutor, uma bela marionete dogmática, que ao falar arruma os punhos em dobras, puxando uma prega sem fim, não achava aquilo digno de um homem sensato, o que percebi olhando o seu nariz empinado. Mas nada disso me abalou, deixei que desfiasse suas racionalidades e reconstruí as casas de cartas das crianças que elas tinham derrubado. Depois disso, saiu reclamando pela cidade que os filhos do bailio já eram mal-educados o suficiente, e agora o Werther os estragava completamente.



Sim, querido Wilhelm, as crianças são as que estão mais próximas do meu coração nesse mundo. Quando olho para elas e vejo naquelas coisinhas o germe de todas as virtudes, todas as forças que tanto irão precisar um dia; quando no

capricho vejo uma futura perseverança e firmeza de caráter, e na malícia, o bom humor e a leveza para enfrentar os perigos do mundo, tudo tão intacto, tão inteiro! Sempre, mas sempre mesmo, acabo repetindo as sábias palavras do professor dos homens: “se não mudardes e não vos tornardes como as crianças”¹¹; e agora, meu caro, tratamos como súditos aqueles que são nossos semelhantes, que deveríamos ver como modelos. Eles não devem ter vontades! Será que nós mesmos não as temos? E onde está a prerrogativa? Por sermos mais velhos e mais sábios! Ah, meu bom Deus que está no céu, vê as crianças mais velhas e as mais jovens, e nada mais; e quais Lhe dão mais alegria, isso já foi anunciado por Seu filho há muito tempo. Mas acreditam nele e não ouvem o que diz — isso também é velho! — e formam os seus filhos segundo a Sua imagem e... Adeus, Wilhelm! Não quero mais tagarelar sobre isso.



1º de julho

Sinto em meu próprio coração o que deve significar Lotte para um doente, este meu coração que está pior do que muitos outros que estão definhando em um leito de morte. Ela passará alguns dias na cidade, na casa de uma mulher íntegra que, segundo os médicos, se aproxima do fim, e nesses últimos momentos quer ter Lotte por perto. Na semana passada, fui com ela visitar o pastor de São ..., um lugarejo que fica a uma hora daqui, nas encostas das montanhas. Chegamos por volta das quatro. Lotte tinha levado a sua segunda irmã. Quando entramos no pátio paroquial, sombreado por duas nogueiras altas, o bom velho estava sentado em um banco diante da porta da casa, e quando avistou Lotte, era como se revivesse; esqueceu-se da bengala enodada e arriscou levantar-se, indo na direção dela. Ela correu até ele, insistiu para que voltasse a se sentar e sentou-se ela mesma ao seu lado, dizendo que trazia muitas lembranças de seu pai; acarinhou seu filho mais novo, um menino asqueroso e sujo que tagarelava, como é típico da idade. Deveria tê-los visto, como ela entretinha o velho, como erguia a voz para torná-la audível a seus ouvidos meio surdos, como ela lhe contava das pessoas jovens e robustas que haviam falecido inesperadamente, da excelência das águas de Karlsbad, e elogiava a sua decisão de ir até lá no próximo verão, dizendo que achava que ele estava com a aparência bem melhor, e muito mais animado que da última vez em que o vira. Nesse meio-tempo, fiz as honras com a senhora pastora. O velho ficou muito animado, e como não pude evitar comentar sobre as belas nogueiras que nos forneciam tão aprazível sombra, ele começou a nos contar, ainda que com alguma dificuldade, a história delas.

— Quanto à mais antiga — disse ele —, não sabemos quem a plantou; alguns dizem que foi um pastor, outros dizem que foi outro. Mas a mais nova ali atrás tem a idade da minha esposa, cinquenta anos em outubro. O pai dela a plantou na manhã do dia em que ela nasceu, ao fim da tarde. Ele foi meu antecessor no cargo, e é difícil dizer o quanto essa árvore lhe era cara, e eu certamente não gosto menos dela. Minha esposa estava sob a árvore, sentada em uma tora e fazendo tricô, quando, há vinte e sete anos, entrei neste pátio pela primeira vez como pobre estudante.



Lotte perguntou pela filha dele; ele respondeu que ela havia saído com o sr. Schmidt para encontrar os trabalhadores no campo, e então continuou a contar a sua história: como o antecessor passara a gostar dele e a filha também, e como foi ter sido primeiro o seu vigário e, depois, seu sucessor. A história mal havia terminado, quando a jovem pastora se aproximou pelo jardim com o tal sr. Schmidt: ela deu as boas-vindas a Lotte de forma calorosa e cordial, e devo dizer que gostei bastante dela; uma morena ágil, bem formada, muito capaz de entreter alguém durante esse curto período no campo. Seu namorado (pois foi assim que o sr. Schmidt logo se apresentou), um homem fino, mas discreto, não quis se intrometer em nossas conversas, apesar de Lotte sempre tentar inseri-lo. O que mais me entristeceu foi observar em sua feição que o que o impedia de se comunicar era mais capricho e mau humor do que limitação intelectual. Na sequência, isso ficou bastante evidente, pois durante o passeio, quando Friederike passeava com Lotte e eventualmente também comigo, o semblante daquele senhor, que normalmente já era de coloração amarronzada, escurecia-se visivelmente, um indicativo para Lotte me puxar pela manga e dar a entender que eu havia me aproximado com demasiada gentileza de Friederike. Nada me entristece mais do que quando as pessoas torturam umas às outras, ainda mais quando pessoas jovens, na flor da idade, que poderiam estar abertas para todas as

alegrias, estragam os poucos dias bons com caretas, e só percebem tarde demais o insubstituível de seu desperdício. Isso me incomodava, e ao final da tarde, quando voltamos ao pátio paroquial e tomamos leite sentados à mesa e a conversa enveredou para a alegria e o sofrimento do mundo, não consegui evitar retomar o fio da meada e me manifestar calorosamente contra o mau humor.

— Nós, seres humanos, muitas vezes reclamamos — comecei — que são poucos os dias bons e muitos os dias ruins, e me parece sem razão. Se tivéssemos o coração sempre aberto para aproveitar o bem que Deus nos prepara a cada dia, teríamos também força suficiente para aguentar o mal quando viesse.

— Mas não temos os nossos ânimos sob controle — retrucou a pastora — pois quanto depende do corpo! Se não estivermos nos sentindo bem, nada estará bem.

Concordei.

— Então vejamos isso como uma doença — continuei —, e perguntemos se não há remédio contra esse mal.

— Isso faz sentido — disse Lotte. — Eu, pelo menos, acho que muito depende de nós. Sei por mim. Se algo me irrita e me entristece, levanto e canto umas contradanças pelo jardim, para lá e para cá, e logo tudo passa.

— Era isso que eu queria dizer — retruquei. — O mau humor é como a preguiça, pois é uma espécie de preguiça. A nossa natureza fica muito acomodada, mas a partir do momento que temos a força de nos erguermos, o trabalho se torna fácil e encontramos real prazer na vida prática.

Friederike estava muito atento, e o jovem ponderou que não se é senhor de si, e que muito menos podemos dominar nossos sentimentos.

— Trata-se, aqui, de uma sensação desagradável — retruquei —, da qual todos querem se livrar; e ninguém sabe até onde vão as próprias forças até tentar usá-las. Certamente quem estiver doente perguntará a todos os médicos e não rejeitará as maiores resignações nem os mais amargos remédios para alcançar a saúde desejada.

Percebi que o velho honesto aguçava o ouvido para participar de nossa conversa e aumentei o volume da voz, direcionando minha fala a ele.

— Discursamos contra tantas adversidades — disse eu —, mas nunca ouvi que se houvesse falado contra o mau humor.¹²

— Isso teria de ser feito pelos párocos da cidade — disse ele. — Os camponeses não têm mau humor; no entanto, por vezes isso não faria nenhum mal, pelo

menos seria uma lição para as esposas e para o senhor bailio.

O grupo riu, e ele também riu de coração, até começar a tossir, o que interrompeu a nossa conversa por algum tempo; em seguida, o jovem retomou a palavra:

— Você chamou o mau humor de um vício; isso me parece exagerado.

— De modo algum — respondi —, se aquilo com que prejudicamos a nós mesmos e ao próximo merecer esse nome. Será que não é suficiente não conseguirmos tornar felizes uns aos outros? Será que temos ainda que roubar uns dos outros o prazer que cada coração carrega em si? E cite-me uma pessoa de mau humor que seja, ao mesmo tempo, tão hábil em escondê-lo, em carregá-lo sozinho, sem, no entanto, destruir a alegria à sua volta! Não seria ele um desconforto interior sobre a nossa própria indignidade, um descontentamento com nós mesmos que está sempre associado à inveja, atizada por uma tola vaidade? Vemos pessoas felizes que não fazemos felizes, e isto é insuportável.

Lotte sorriu para mim, pois vira a emoção com que eu falava, e uma lágrima no olho de Friederike me motivou a continuar.

— Ai daqueles — disse eu — que se utilizam da violência que usam sobre um coração para roubar-lhe as alegrias simples que brotam dele mesmo. Todos os presentes, todos os agrados do mundo, não substituem um instante de prazer de si próprio, tirado de nós pelo desconforto invejoso de nosso tirano.

Todo o meu coração estava pleno naquele momento; a lembrança de certas coisas passadas insistia em tomar minha alma, e as lágrimas me subiram aos olhos.

— Deveríamos dizer a nós mesmos todos os dias — exclamei — que devemos ser capazes de não querer nada dos amigos além de lhes permitir as alegrias e de multiplicar a felicidade, na medida em que fruímos junto com eles. Conseguirá dar a eles uma gota de alívio quando a sua mais íntima alma estiver sendo torturada pela paixão, arruinada pela preocupação? E quando a última e mais temerosa doença se apoderar do ser que em dias floridos tiver minado, e que agora está ali deitado no mais triste afrouxamento, o olho voltando-se em direção ao céu sem sentimentos, o suor da morte se alternando na testa pálida, e tu diante da cama como um condenado, com a sensação íntima de que nada pode fazer com toda a sua capacidade e o medo lhe acossando internamente como uma câibra, de modo que quer entregar tudo para poder infiltrar no ser naufragante uma gota de vitalidade, uma centelha de coragem.

A lembrança dessa cena em que estive presente me acometeu com toda a violência ao dizer essas palavras. Cobri os olhos com um lenço e abandonei o grupo, e foi apenas a voz de Lotte me chamando e dizendo que iríamos embora que me trouxe de volta a mim mesmo. E no caminho ela me repreendeu pela forma excessiva com que tudo me afeta, e disse que isso me arruinaria! Que eu deveria me preservar! Oh, que anjo! Por você preciso viver!



6 de julho

Ela está sempre perto de sua amiga moribunda, e é sempre a mesma, esse ser presente e doce, que aplaca as dores onde as vê e torna as pessoas felizes. Ontem à tarde foi passear com Mariane e a pequena Male; eu sabia e as encontrei, e fomos andando juntos. Após uma hora e meia de caminhada, voltamos para a cidade, para a fonte que me é tão cara, e que agora me é mil vezes mais cara. Lotte sentou-se na mureta, estávamos de pé diante dela. Olhei em volta e... ah! o tempo em que meu coração estava tão sozinho reapareceu diante de mim.

— Querida fonte — disse eu —, desde então não descansei mais em seu frescor; às vezes, ao passar apressado, nem olhei para você.

Olhei para baixo e vi que a pequena Male subiu muito compenetrada com um copo de água. Olhei para Lotte e senti tudo o que tenho com ela. Nesse meio-tempo chegou Male com o copo. Mariane queria pegá-lo dela:

— Não! — exclamou a criança, com a mais doce das expressões. — Não, Lottinha, você deve beber primeiro!

Fiquei tão encantando com a verdade, a bondade com que ela exclamara aquilo, que a única forma de expressar o meu sentimento foi pegar a criança do chão e beijá-la com tanta intensidade que imediatamente ela começou a gritar e a chorar.

— Você fez mal — disse Lotte.

Fiquei consternado.

— Vem, querida Male — continuou ela, pegando a criança pela mão e a levando escada abaixo —, lave-se rápido aqui na fonte fresca, rápido, aí não acontece nada.

Fiquei de pé ali, olhando com que afã a pequena esfregava as bochechas com suas mãozinhas molhadas, com a crença de que a fonte milagrosa lavasse todas as impurezas e a vergonha de criar uma barba feia; quando Lotte disse “Está bom agora!” e a criança continuava se lavando com afinco, como se mais fosse melhor que menos, digo-lhe, Wilhelm, nunca assisti com mais respeito a um ato de batismo como esse; e quando Lotte subiu, eu gostaria de ter-me jogado a seus

pés como se fossem os de um profeta que anulara as dívidas de uma nação.

À noitinha, não pude conter a alegria de meu coração e contei o ocorrido a um homem que julgava dotado de conhecimento humano, pois tem bom senso; mas que reação! Ele disse ter sido muito ruim da parte de Lotte; não deveríamos incutir crendices nas crianças, esse tipo de coisa daria ensejo a uma série de enganos e superstições, dos quais desde cedo deveríamos poupá-las. Agora lembrei que há oito dias o homem tinha mandado batizar um filho; por isso, deixei estar e, em meu coração, permaneci fiel à verdade: devemos agir com as crianças como Deus age conosco; Ele nos faz mais felizes deixando-nos mergulhar no prazer do delírio.



8 de julho

Como somos crianças! Como queremos para nós um olhar desses! Como somos crianças! Tínhamos ido a Wahlheim. As mulheres saíram com o coche e, durante as nossas caminhadas, eu acreditava ver nos olhos de Lotte... sou um tolo! Desculpe-me! Você deveria vê-los, aqueles olhos...! Que eu seja breve (pois meus olhos estão se fechando de sono): veja, as mulheres subiram, e em volta do coche estavam o jovem W..., Selstadt, Audran e eu. Conversavam pela janela do coche com os rapazes, que obviamente estavam bem leves e soltos... procurei pelos olhos de Lotte: ah, eles iam de um para o outro! Mas em mim! Em mim! Em mim... neste que estava concentrado apenas nela, eles não repousavam... meu coração disse adeus mil vezes a ela! E ela não me via! O coche passou e uma lágrima brotou em meu olho. Vi como se afastava e vi o enfeite de seu cabelo se debruçar para fora da janela; ela se voltou para olhar, ah, para mim...? Querido! Vivo nessa incerteza; é esse o meu consolo; talvez ela tenha se virado para me ver! Talvez...! Boa noite! Oh, como sou criança!



10 de julho

Você deveria ver a figura ridícula que faço quando falam dela em um grupo! Se me perguntarem o que acho dela... achar! Detesto essa palavra como a morte. Que tipo de pessoa é essa a quem Lotte tão somente agrada, para quem ela não preenche todos os sentidos, todas as sensações! Gostar! Outro dia me perguntaram se eu gostava de Ossian¹³!



11 de julho

Asra. M... está muito mal; rezo por sua vida, pois sofro junto com Lotte. Vejo-a raramente na casa de amigos e hoje me contou um acontecimento maravilhoso. O velho M... é um homem avarento e miserável que muito atormentou e cerceou a vida da sua esposa; mas a esposa sempre soube como contornar a situação. Há poucos dias, quando o médico a tinha desenganado, ela mandou vir o marido (Lotte estava no quarto) e disselhe então:

— Preciso confessar-lhe algo que, após a minha morte, poderá causar confusão e dissabor. Até agora mantive a casa da forma mais organizada e econômica possível, mas me perdoará por ter lhe enganado nesses trinta anos. No início do nosso casamento, você definiu um mínimo para a manutenção da cozinha e de outras despesas da casa. Quando a nossa receita aumentou e nosso negócio prosperou, não julgava necessário aumentar na mesma proporção o meu dinheiro semanal; resumindo: sabe que nos tempos em que foi mais rentável, exigia que eu mantivesse a casa com sete florins. Pois então os recebi sem protestar, tirando semanalmente o excedente do que entrava, uma vez que ninguém suspeitaria que a esposa estivesse roubando o caixa. Não desperdicei nada e, mesmo sem confessar, também teria ido ao encontro da eternidade tranquilamente, não fosse a suspeita de que quem vier a me suceder na manutenção da casa não saiba se arranjar, e você ainda insista em dizer que sua primeira esposa conseguia dar conta do recado com aquele valor.

Conversei com Lotte sobre o incrível ofuscamento da razão humana, e o fato de o marido não desconfiar que houvesse algo mais por trás de tudo, julgando serem suficientes sete florins, apesar de o volume de tarefas praticamente dobrar. Mas eu mesmo conheci pessoas que, sem espanto, teriam aceitado em sua casa a jarrinha de azeite eterno do profeta.¹⁴



aos 13 de julho

Não, não estou me enganando! Leio em seus olhos negros interesse verdadeiro por mim e meu destino. Sim, sinto — e nisso posso confiar em meu coração — que ela... oh, poderei, saberei expressar o céu nessas palavras...? Que ela me ama!

Ela me ama...! E como aumento a autoestima, como — a você posso dizê-lo, pois tem sensibilidade para isso — como idolatro a mim mesmo desde que ela me ama!

Seria isto presunção ou a sensação de um relacionamento real...? Não conheço a pessoa que talvez esteja no coração de Lotte. E mesmo assim — quando ela fala do noivo de forma tão calorosa e com tanto amor — sinto-me como alguém que fora destituído de toda a sua honra e dignidade e de quem tivessem tomado a espada.



aos 16 de julho

Ah, como o sangue perpassa todas as minhas veias quando meu dedo repentinamente toca o dela, quando os nossos pés se encontram debaixo da mesa! Recuo como diante do fogo, e uma força secreta volta a me impulsionar para frente — fico tão tonto em meus sentidos. Oh! E a sua inocência e sua alma singela não sentem o quanto essas pequenas intimidades me martirizam. Quando, por exemplo, ao conversar, ela coloca a sua mão sobre a minha e por interesse no palavreado se aproxima mais de mim, de modo que o hálito celestial consiga alcançar os meus lábios... creio estar afundando, como que atingido pelas intempéries. E... Wilhelm! Se alguma vez eu ousar... esse céu, essa confiança! Você me entende. Não, meu coração não é tão perverso! Fraco! Demasiado fraco...! E não seria isso uma perdição?

Ela me é sagrada. Todo o desejo silencia diante de sua presença. Nunca sei o que sinto quando estou com ela; é como se dentro de mim a alma se retorcesse em todos os nervos... Há uma melodia que ela toca ao piano com a força de um anjo, tão simples e tão espiritual! É a sua canção predileta, e me restabeleço de toda dor, todo martírio e todas as cismas ao ouvi-la tocar apenas a primeira nota.

Nenhuma palavra sobre a força mágica da música antiga parece-me improvável. Como sou afetado pelo canto simples! E como ela sabe executá-lo, muitas vezes no momento em que eu queria meter uma bala na cabeça! A errância e a escuridão de minha alma dissipam-se, e volto a respirar mais livremente.



aos 18 de julho

Wilhelm, o que há de ser o mundo em nosso coração sem o amor! O que é uma lamparina mágica sem luz! Assim que traz para dentro a lampadinha, aparecem as imagens mais coloridas na parede branca! E mesmo não sendo nada além de fantasmagorias passageiras, elas sempre farão a nossa felicidade quando nós, meninos, estamos diante delas e nos encantamos com os fenômenos milagrosos. Hoje não pude ir ver Lotte, um encontro inevitável me impediu. O que fazer? Mandeí meu criado até lá apenas para ter alguém próximo que hoje tivesse estado perto dela. Com que impaciência o aguardei voltar, com que alegria o revi! Eu o teria segurado pela cabeça e o beijado, se não fosse a vergonha a impedir-me.



Falaram-me da Pedra Bolonha, que, quando colocada ao Sol, absorve os seus raios e continua brilhando por um tempo durante a noite. Foi assim que me senti

com o rapaz. A sensação de que os olhos dela tinham pousado sobre seu rosto, suas faces, sobre os botões do casaco e a gola do sobretudo tornou aquilo tudo tão sagrado, tão valioso! Naquele momento, não teria dispensado o rapaz nem mesmo por mil táleres. Sentime tão bem na sua presença... Por Deus, não ria disso. Wilhelm, será que, quando nos sentimos bem, são apenas fantasmagorias?



19 de julho

“Vou vê-la!”, exclamo pela manhã quando me animo, e miro o belo Sol com toda a alegria. “Vou vê-la!”, e então não quero mais nada o dia todo. Tudo, tudo se consome diante dessa perspectiva.



20 de julho

Ainda temo em aceitar a sua ideia de que deva ir com o mensageiro para ... Não gosto muito da subordinação e, além disso, todos sabemos que o homem ainda é um ser repugnante. Minha mãe gostaria de me ver em atividade, diz, o que me fez rir. Não estou em atividade agora? E no fundo, não é irrelevante se eu conto ervilhas ou se conto lentilhas? Tudo no mundo se reduz a uma ninharia, e o homem que se acaba de trabalhar em nome dos outros, sem que seja pela própria vontade, pela própria necessidade, em nome do dinheiro ou da honra, será sempre um tolo.



aos 24 de julho

Uma vez que insiste tanto que eu não deixe de lado os meus desenhos, prefiro passar por cima da coisa toda do que dizer-lhe que desde então tenho desenhado pouco.

Nunca fui tão feliz, nunca a minha relação com a natureza, mesmo com a pedrinha, a graminha, foi tão plena, tão íntima e, no entanto... Não sei como devo me expressar, minha capacidade de imaginação está tão fraca, tudo flutua e oscila diante da minha alma, de modo que não consigo fixar nenhum contorno, mas imagino que, se tivesse barro ou cera, conseguiria formar algo. Também vou usar barro, se durar mais tempo, e amassá-lo, mesmo que se transforme em bolo!

Comecei três vezes o retrato de Lotte, e três vezes me envergonhei; o que me entristece ainda mais, pois há algum tempo eu costumava acertar. Então fiz a silhueta dela, e isso me basta.

Sim, querida Lotte, vou organizar e preparar tudo; dê-me mais tarefas, com muita frequência. Peço-lhe uma coisa: nada de areia nos bilhetinhos que me escreve. Hoje fui levar um deles rapidamente à boca e os dentes crepitaram.



aos 26 de julho

Ocasionalmente, tenho a intenção de não vê-la tanto. Mas quem consegue cumprir isso! Todos os dias, sucumbo à tentação e prometo a mim mesmo com fervor: amanhã ficarei longe. E quando chega o amanhã, acabo encontrando mais uma vez um motivo irresistível, e antes que me dê conta, estou com ela. Ao fim da tarde, ela dizia:

— Você vem amanhã, não?

Quem poderia se ausentar diante disso? Ou então ela me dá uma tarefa e eu julgo adequado dar-lhe a resposta pessoalmente; ou ainda o dia está muito bonito, vou até Wahlheim, e lá chegando, resta apenas meia hora até a sua casa...! Estava próximo demais, no clima... e pronto! Já estou lá. Minha avó contava uma história da carochinha que falava de uma montanha magnética: os navios que se aproximavam demais subitamente perdiam todos os elementos de ferro, os pregos voavam até a montanha, e os pobres miseráveis naufragavam em meio às tábuas que se empilhavam em queda.



aos 30 de julho

Albert voltou, e eu vou embora; e por mais que ele seja o melhor e mais nobre homem, ao qual estaria disposto a me subordinar, seria insuportável vê-lo estar de posse de tanta perfeição diante de meus olhos. Posse! Basta, Wilhelm, o noivo chegou! Um homem honrado, querido, de quem necessariamente se deve gostar. Felizmente, não estive na recepção. Isso teria dilacerado o meu coração. Ele também é muito digno e não beijou Lotte uma única vez na minha presença. Que Deus lhe pague! Em nome do respeito que tem pela moça, tenho de amá-lo. Ele me quer bem, e suponho que seja mais por obra de Lotte do que do próprio sentimento, pois nesse ponto as mulheres são muito finas e têm razão; se conseguirem manter ao mesmo tempo dois admiradores em harmonia, o benefício será sempre delas, por mais raro que isso seja.

Entretanto, não consigo omitir minha admiração por Albert. Seu exterior resignado se distingue muito claramente da inquietude do meu caráter, impossível de ocultar. Ele é muito sensível e sabe o valor que Lotte tem. Ele não parece sentir muito mau humor, e você sabe que esse é o pecado que mais odeio nos homens, mais do que todos os outros.

Ele julga ser eu um homem de bom senso; e o meu apego a Lotte, a alegria calorosa que demonstro diante de todos os atos dela, aumentam o triunfo dele, e ele a ama mais ainda. Será que ocasionalmente ele não a martiriza com ciúmes? Deixo isso em aberto. Eu, pelo menos, se estivesse em seu lugar, não estaria tão seguro diante desse diabo.

Seja como for, minha alegria de estar com Lotte se foi. Devo chamar a isto de tolice ou cegueira...? Que importam os nomes! A situação fala por si só! Eu sabia tudo o que sei hoje antes de Albert chegar; sabia que não teria qualquer pretensão em relação a ela; e não tive... isto é, se é que é possível não sentir desejos diante de tanta amabilidade. Nisso o tolo acorda quando o outro de fato aparece e lhe toma a moça.

Entredentes, escarneço da minha miséria, e escarneceria duas ou três vezes mais daqueles que dissessem que eu deveria me resignar, uma vez que não poderia ser diferente. Tirem esses espantalhos de perto de mim! Fico andando sem rumo pelas florestas, e quando chego à casa de Lotte e Albert está sentado com ela no

jardinzinho embaixo da pérgola, não consigo continuar; sou tomado de uma alegria tola, faço muitas palhaçadas, muitas coisas confusas.

— Pelo amor de Deus — disseme Lotte hoje. — Eu lhe peço, não faça hoje uma cena como a de ontem à tarde! Você é terrível quando está tão alegre.

Cá entre nós, espero o momento em que ele esteja ocupado e *vapt*! Já estou lá, e sempre me sinto bem quando a encontro sozinha.



aos 8 de agosto

Por favor, querido Wilhelm, não me referia a você quando chamava de insuportáveis as pessoas que exigem de nós que nos entreguemos a destinos inevitáveis. Realmente não pensava que você pudesse ser de opinião semelhante. E, no fundo, tem razão. Só uma coisa, meu caro! No mundo, é muito raro resolver tudo com “ou isso, ou aquilo”. As sensações e as formas de agir têm tantas nuances quanto há abismos entre narizes aquilinos e achatados.

Portanto, não me levarás a mal se eu for contra todo o seu argumento e procurar me esgueirar, sim, entre o “isso ou aquilo”.

Ou tem esperança com Lotte, diz-me, ou não tem. Bem, no primeiro caso, tenta concretizá-la, tenta abraçar a realização dos seus desejos: no outro caso, cria coragem e tenta livrar-se de uma sensação miserável, que fatalmente consumirá todas as suas forças... meu caro! Fácil dizer... difícil é fazer.

E você pode exigir algo do infeliz cuja vida está se esvaindo aos poucos, inexoravelmente, sob uma doença insidiosa, que coloque um fim repentino ao sofrimento dando-se uma punhalada? E será que o mal que lhe consome as forças não lhe rouba também a coragem de libertar-se dele?

Poderia me responder com uma comparação semelhante: quem não preferiria ter um braço arrancado a colocar em jogo sua vida por dúvida e hesitação? Não sei... não vamos nos digladiar em comparações. Basta... sim, Wilhelm, às vezes tenho um momento de coragem que brota, que chacoalha, e aí... se eu soubesse para onde ir, eu iria.



aos 8 de agosto • ao cair òa noite

Meu diário, que eu havia negligenciado há algum tempo, hoje me caiu nas mãos de novo, e estou surpreso como fui entrando nisso ciente de tudo! Como sempre, vi a minha situação com tanta clareza, e mesmo assim agi como uma criança, e ainda vejo com clareza, e não há sinal de que vá melhorar.



aos 10 de agosto

Eu poderia levar a melhor e mais feliz vida se não fosse um tolo. Circunstâncias tão belas não se reúnem tão facilmente para alegrar a alma de uma pessoa quanto estas em que me encontro agora. Ah, é tão certo que o nosso coração faz a sua felicidade sozinho: ser um membro da família amável, ser amado pelo velho como um filho, amado pelos pequenos como um pai, e por Lotte...! E depois o sincero Albert, que não atrapalha a minha felicidade com nenhuma descortesia caprichosa; que me abraça com amizade cordial; para quem, depois de Lotte, sou o ser mais querido do mundo...! Wilhelm, é uma alegria nos ouvir quando estamos caminhando a passeio e conversando sobre Lotte; não há no mundo nada mais ridículo do que essa relação; ainda assim, muitas vezes as lágrimas me saltam aos olhos quando penso nisso.

Quando ele me fala da honrada mãe dela: como no leito de morte ela confiou a Lotte a casa e os filhos e o recomendou a ela; como desde aquela época um espírito totalmente diferente avivara Lotte; de como ela, preocupada com a administração da casa, com toda seriedade se tornara uma verdadeira mãe; de como nenhum instante de seu tempo se passava sem amor zeloso, sem trabalho, e de como ainda assim a alegria e o espírito leve nunca a abandonaram. Vou andando ao lado dele e colho flores à beira do caminho, reúno-as com muito cuidado em um ramalhete e... as jogo no rio que passa e acompanho-as com o olhar, vendo-as ondulando em silêncio... Não sei se te escrevi que Albert ficará por aqui e receberá um respeitável salário por um cargo na corte, onde é muito querido. Poucas vezes vi alguém com tamanha organização e afinho nos negócios.



aos 12 de agosto

Certamente, Albert é o melhor homem sob o céu. Ontem vivenciei uma cena maravilhosa com ele. Fui vê-lo para me despedir, pois me acometeu a vontade de ir cavalgar nas montanhas, de onde te escrevo agora, e enquanto ando de um lado para o outro na sala, as pistolas dele me chamam a atenção.



— Empresta-me as pistolas para a minha viagem? — perguntei.

— Por mim... — disse ele — se quiser me poupar o trabalho de carregá-las...
Estão penduradas aqui apenas por estar.

Tirei uma de lá e ele continuou:

— Desde que a prudência me pregou uma peça muito desagradável, não quero mais saber dessas coisas.

Fiquei curioso para saber da história. Ele prosseguiu.

— Estava eu morando por uns bons três meses no campo, na casa de um amigo,

tinha algumas pistolas descarregadas e dormia bem. Certo dia, em uma tarde chuvosa, enquanto estava sentado relaxando, não sei por que, tive a ideia de que poderíamos ser assaltados, poderíamos necessitar das pistolas e poderíamos... você bem sabe como é isso. Dei-as ao criado para limpá-las e carregá-las; e ele vai brincar com as moças, quer assustá-las, e Deus sabe como, a arma disparou, uma vez que o carregador ainda estava lá dentro, e atira o carregador em direção a uma moça, atingindo o músculo da mão direita, estilhaçando o dedão. Arquei com as consequências, lamentando, e ainda tive de pagar o tratamento. Desde então, deixo todas as armas descarregadas. Meu caro, o que é prudência? O perigo nos ensina, sempre! Sim, mas...

Agora você sabe que eu prezo muito o homem, à exceção de seus “sim, mas”, pois não é evidente que toda frase generalizante tem exceções? Mas o homem é tão cuidadoso! Quando acredita ter dito algo de forma apressada, generalizante, alguma meia verdade, ele não para de limitar, modificar, acrescentar e retirar, até no final não existir mais nada para se opor.

E naquela ocasião, ele se aprofundou em considerações: por fim, acabei nem dando mais ouvidos a ele, caí em devaneios, e com um gesto repentino, apertei o cano da pistola na testa, acima do olho direito.

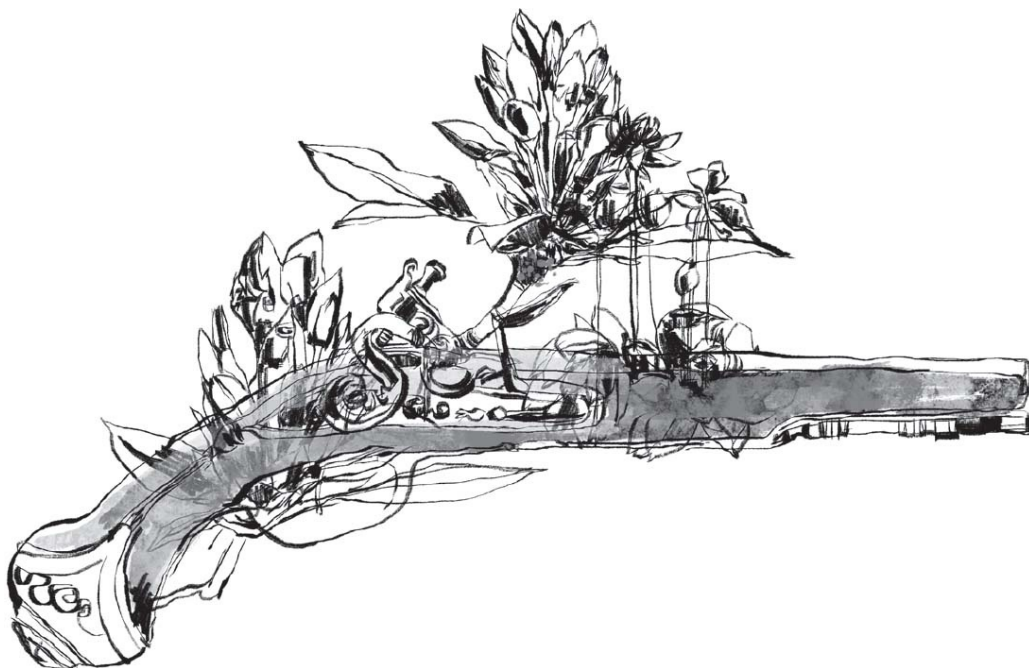
— Ei! — disse Albert, tirando a pistola de mim e abaixando-a.

— Que bobagem é essa?

— Não está carregada — disse eu.

— Mesmo assim, pra que isso? — retrucou ele impaciente. — Não consigo imaginar como alguém pode ser tão tolo a ponto de se matar com um tiro; a mera ideia gera repulsa em mim.

— É curioso quando as pessoas — exclamei —, para falar de algo, tenham sempre que dizer “isso é uma tolice, isso é sagaz, isso é bom, isso é maldade!”, mas o que quer dizer tudo isso?



Teriam vocês com isso desbravado as relações internas de um ato? Conhecem com certeza as causas do acontecido, sabem por que tinha de acontecer? Se soubessem, não seriam tão precoces em seus julgamentos.

— Concordará comigo — disse Albert — que determinados atos continuarão sendo condenáveis, não importando por qual motivo ocorreram.

Dei de ombros e concordei.

— No entanto, meu caro — continuei — mesmo aqui encontramos algumas exceções. É verdade, o roubo é condenável: mas e aquele que rouba para salvar os seus da fome que estão passando? Mereceria compaixão ou punição? Quem atirará a primeira pedra contra o marido que, tomado de uma raiva justificada, sacrifica a esposa infiel e o sedutor indigno? Contra a moça que, em um momento de deleite, se perde nas alegrias irrefreáveis do amor? Nossas próprias leis, essas pedantes de sangue frio, até elas podem ser tocadas e retraírem sua punição.

— Isso é totalmente diferente — retrucou Albert —, pois um sujeito que se deixa levar por suas paixões perde todo poder racional e passa a ser visto como um ébrio, como um louco.

— Ah, que pessoas sensatas são todos! — exclamei, sorrindo. — Paixão! Embriaguez! Loucura! Estão aí tão resignados, sem participação ativa, vocês, pessoas morais, que criticam o ébrio, que abominam o louco, e passam por eles como o padre e agradecem a Deus como o fez o fariseu, por Ele não tê-lo feito como um daqueles. Fiquei bêbado mais de uma vez, minhas paixões nunca

ficaram muito longe da loucura, e não me arrependo de nada disso: pois aprendi em grande medida como foi necessário afastar todas as pessoas extraordinárias que lograram algo grande, algo que parecia impossível, tiveram de se apartar, como se fossem bêbadas ou loucas. Mas até na vida comum é insuportável ouvir gritarem sempre para aquele que executa um ato livre, nobre e inesperado, mesmo que parcialmente: “Ele é um bêbado, é um tolo!”. Tenham vergonha, sóbrios! Tenham vergonha, sábios.

— De novo vem com seus devaneios — disse Albert. — Exagera tudo, e aqui, pelo menos, certamente não tem razão quando compara o suicídio, sobre o qual estamos falando, a grandes atos: uma vez que não podemos considerá-lo como nada além de fraqueza. Pois certamente é mais fácil morrer do que suportar com firmeza uma vida de sofrimento.

Eu estava a ponto de interrompê-lo, pois nenhum argumento me tira mais de minha compostura do que quando alguém chega apresentando lugares comuns insignificantes, justamente quando estou falando com todo o coração. Mas me contive, porque já ouvira aquilo muitas vezes, e já havia me irritado muitas vezes, então retuquei, com certa intensidade:

— Chama a isso de fraqueza? Peço-lhe, não se deixe seduzir pela aparência. Um povo que geme sob o jugo insuportável do tirano: pode chamar a isso de fraqueza, quando, por fim, se levanta e rompe as correntes? Uma pessoa que diante do pavor do fogo que consome a sua casa sente todas as forças tensionadas ao carregar, com facilidade, coisas que mal conseguiria mover se estivesse tranquilo; alguém que em meio à raiva por uma ofensa recebida enfrenta seis e os domina; seriam todos eles chamados de fracos? E, meu caro, se esforço é força, então por que a força excessiva deveria ser o contrário?

Albert me olhou e disse:

— Não me leve a mal, mas os exemplos que você traz não parecem se aplicar aqui.

— Pode ser — disse eu. — Já me criticaram muitas vezes dizendo que o meu modo de combinar as coisas chega a beirar o palavrório vazio. Vejamos, então, se conseguimos imaginar de outra forma o que sente uma pessoa que se decide por descartar a carga normalmente agradável da vida. Pois só quando nos colocamos no lugar dela é que teremos a honra de falar sobre um assunto. A natureza humana tem seus limites — continuei. — Ela consegue suportar alegria, sofrimento e dor até certo ponto, e sucumbe assim que esse ponto é ultrapassado. Aqui, então, a questão não é saber se alguém é fraco ou forte, mas

se consegue aguentar a medida de seu sofrimento, seja ele moral ou físico. Acho igualmente incrível alguém dizer que a pessoa é covarde por ter tirado a própria vida, tanto quanto inadequado chamar de covarde alguém que morre de uma febre maligna.

— Paradoxal! Muito paradoxal! — exclamou Albert.

— Nem tanto quanto pensa — retruquei. — Admita para mim que chamamos a isso de uma doença de morte, que agride a natureza de tal forma que em parte consome todas as forças, em parte lhes tira o efeito, ficando a natureza incapacitada de se reerguer e não conseguindo restabelecer o ciclo normal da vida, nem mesmo através de uma revolução bem-sucedida. Bem, meu caro, apliquemos isso ao espírito. O homem vê, em sua limitação, qual efeito as impressões têm sobre ele, como as ideias se estabelecem nele, até que uma paixão crescente lhe rouba toda a força de raciocínio e o faz sucumbir. Inútil o homem resignado, sensato, ter a visão geral do estado do infeliz, inútil encorajá-lo! Assim como é inútil um sadio ao lado da cama do doente, que não pode lhe infiltrar o mínimo de sua força.

Para Albert, isso era geral demais. Lembrei-o de uma moça que encontraram morta na água há algum tempo e repeti a história para ele.

— Uma criatura boa e jovem, que havia crescido no círculo estrito das atividades domésticas, do trabalho semanal regrado, que não tinha nenhuma perspectiva de diversão além de passear em volta da cidade aos domingos com seus amigos em vestes remendadas, talvez de dançar uma vez em todas as grandes festas e, aliás, depois conversar com a vizinha durante horas com toda a vivacidade participativa sobre o motivo de uma briga, uma difamação... a natureza fogosa dessa moça, por fim, sente necessidades íntimas, multiplicadas pelos galanteios dos homens; suas alegrias anteriores pouco a pouco vão se tornando insípidas até encontrar um homem que a atrai irresistivelmente, uma sensação desconhecida, e nele deposita todas as suas esperanças, esquecendo do mundo em volta, nada ouvindo nem vendo e nem sentindo além dele, o único, ansiando por ele, o único. Não se vê depreciada pelas diversões de uma vaidade passageira, e seu desejo se volta para o objetivo de querer ser dele, ela quer encontrar toda aquela felicidade que lhe falta em uma conjunção eterna, quer apreciar a junção de todas as alegrias pelas quais tanto ansiava. As promessas repetidas que selam a certeza de todas as esperanças, as carícias ousadas que multiplicam os seus desejos e envolvem a sua alma completamente; ela flutua em uma consciência indistinta, em uma sensação precoce de todas as alegrias, ela não cabe mais em si e, por fim, estende os braços para abraçar tudo o que desejou... e seu amado a

abandona. Paralisada, sem sentidos, ela se vê diante de um abismo; em volta dela, só escuridão, sem perspectiva, sem consolo, sem suposição! Pois fora abandonada por aquele em quem sua existência encontrou o verdadeiro sentido. Ela não vê o mundo amplo diante de si, não vê os muitos que poderiam substituir a sua perda, sente-se sozinha, abandonada pelo mundo todo... e cega, encurralada no canto pela miséria terrível do seu coração; ela se joga do alto, para sufocar todos os seus sofrimentos com uma morte que lhe é totalmente receptiva. Vê, Albert, essa é a história de tantas pessoas! E diz, não seria este também o caso da doença? A natureza não encontra a saída do labirinto dessas forças confusas e contraditórias e a pessoa tem de morrer. Ai de quem pudesse assistir a isso e dizer: “A tola! Se tivesse esperado, deixaria o tempo agir, o desespero teria diminuído, haveria de aparecer outro para consolá-la”. É como se alguém dissesse: “O tolo! Morrer de febre! Se tivesse esperado até recuperar as forças, até que seus fluidos voltassem ao normal, o tumulto do seu sangue se apaziguasse, tudo teria terminado bem e ele estaria vivo até hoje!”.

Albert, a quem a comparação ainda não pareceu ilustrativa, fez algumas intervenções, entre elas: eu teria falado apenas de uma moça simples; mas ele só não entendia como desculpar uma pessoa dotada de razão, que não fosse tão limitada, que tivesse a visão geral da situação.

— Meu amigo — exclamei. — O homem é o homem, e o pouco de razão que alguém possuir terá pouca ou nenhuma importância quando grassa a paixão e nos acua os limites da humanidade. Mais ainda... deixo isso para outro dia — disse eu, e apanhei meu chapéu.

Oh, tinha o coração oprimido... e nos separamos sem termos nos entendido. Não é fácil as pessoas se entenderem neste mundo.



aos 15 de agosto

É certo que nada no mundo torna o homem mais necessário do que o amor. Sinto isso em Lotte, que ela não gostaria de me perder, e as crianças não dizem outra coisa que não para eu voltar no dia seguinte. Hoje fui até lá para afinar o piano de Lotte, mas não cheguei a fazê-lo, pois os pequenos me perseguiram exigindo que contasse um conto de fadas, e a própria Lotte pediu que eu lhes satisfizesse o desejo. Cortei o pão do jantar para eles, que agora aceitam vindo de mim com uma felicidade quase igual à que sentem com Lotte, e lhes contei a historinha da princesa que era servida por mãos.¹⁵ Aprendo muito com isso, asseguro-lhe, e fico espantado com o efeito que tem sobre eles. Como às vezes tenho de inventar um incidente que acabo esquecendo na segunda vez, eles logo dizem que da outra vez fora diferente, de forma que agora eu treino para poder recitá-la com fluidez, sem alterações e em sílabas cantadas. A partir disso aprendi que um autor necessariamente prejudica o seu livro com uma segunda edição revisada da sua história, mesmo que poeticamente ela fique melhor. Somos abertos à primeira impressão, somos feitos para sermos convencidos das maiores aventuras; elas logo nos impregnam com força, e aí de quem as queira rapar ou eliminar!



aos 18 de agosto

Mas tinha mesmo de ser assim, que aquilo que perfaz a felicidade do homem também seja a fonte de sua miséria?

O sentimento pleno e caloroso do meu coração diante da natureza, que me inundava com tanto deleite, que transformava o mundo em volta em paraíso, agora tornou-se uma punição insuportável, um espírito torturador que me persegue por todos os caminhos. Quando antes eu tinha a visão panorâmica a partir da rocha, por sobre o rio até aquelas colinas no vale fértil, vendo tudo à minha volta germinando e brotando; quando via aquelas montanhas, do sopé ao cume, revestidas de árvores altas e densas, aqueles vales em suas variadas curvaturas sombreados pelas mais aprazíveis florestas, com o rio suave seguindo o seu curso por entre os juncos sibilantes, refletindo as nuvens amáveis que o suave vento da noite acalentava no céu; quando então ouvia os pássaros à minha volta reavivando a floresta e via os milhões de bandos de mosquitinhos dançando corajosamente ao último raio vermelho do Sol, e seu último olhar trêmulo libertando da grama o besouro a zunir, e os zunidos e flutuações em volta de mim chamavam a minha atenção para o chão, e o musgo, que extrai forçosamente seu alimento da minha rocha, e a giesta que cresce descendo a árida colina de areia me revelavam a vida íntima, incandescente e sagrada da natureza... como eu colocava isso tudo no calor de meu coração, sentindo-me como que endeusado nessa plenitude transbordante, e as figuras esplêndidas desse mundo infinito moviam-se em minha alma, a tudo avivando. Montanhas assustadoras me rodeavam, abismos estavam diante de mim e riachos de água da chuva despencavam; os rios corriam debaixo de mim e floresta e montanhas ressoavam; e eu as via interagindo e trabalhando nas profundezas da terra, todas as forças inescrutáveis; e agora, sobre a terra e sob o céu fervilham as gerações das criaturas diversas. Tudo, tudo povoado por milhares de formas; e os seres humanos então se protegendo em casinhas, juntos, e se aninhando e regendo o vasto mundo segundo o próprio juízo! Pobre tolo! Você, que tudo honra tão pouco por ser tão pequeno. Desde as montanhas inacessíveis, passando pelo deserto que nenhum rio pisou, até o fim do oceano desconhecido sopra o vento do eterno criador e se alegra com todo pó que O percebe e O vive... Ah, naquela época, quantas vezes desejei chegar à costa do mar imensurável com as asas de um grou que voava sobre mim, beber aquele deleite intumesciente da vida no

copo espumante do infinito e só por um instante sentir na força limitada de meu peito uma gota de felicidade do ser que tudo produz em si e através de si.

Irmão, só a recordação daquelas horas me faz bem. Mesmo esse esforço de trazer de volta aqueles prazeres indizíveis, verbalizá-los novamente, eleva a minha alma acima de si própria, e faz com que eu sinta em dobro a temeridade desse estado que me envolve agora.

Ele se abriu para minha alma como uma cortina, e o palco da vida infinita transforma-se diante de mim no abismo da sepultura eternamente aberta. Pode dizer “isto é assim!”, considerando que tudo vai passar? Que tudo passa rolando como as águas da tempestade, tão raramente perdurando toda a força de sua existência, ah... já que tudo será arrastado pela correnteza, afundado e estilhaçado na rocha? Não há momento que não consuma você e os seus à sua volta, não há momento em que não seja um destruidor, em que precise sê-lo; o mais inocente dos passeios custa a vida de milhares de pobres vermes, uma pisada destrói as construções trabalhosas das formigas e prensa um pequeno mundo em uma sepultura injuriosa. Ah! Não é essa miséria grande e rara do mundo, nem são essas águas que arrastam seus vilarejos, nem os terremotos que engolem suas cidades que me tocam; o que mina o coração é a força consumidora que se esconde no todo da natureza, que não criou nada e que não destrói o seu vizinho ou a si próprio. E assim, ando cambaleante e atemorizado. À minha volta, céu e terra e suas forças tecelãs: nada vejo além de um monstro que devora eternamente e regurgita eternamente.





aos 21 de agosto

Em vão estendo meus braços em direção a ela, quando desperto de manhã de sonhos pesados, em vão procuro-a à noite em minha cama, quando um sonho feliz e inocente me iludiu, como se estivesse a seu lado no prado, segurando-lhe a mão e cobrindo-a de mil beijos. Ah, quando ainda entorpecido pelo sono tateio procurando-a e me alegrando com isso... irrompe um rio de lágrimas em meu coração apertado, e choro inconsolável ante um futuro sombrio.



aos 22 de agosto

É uma desgraça, Wilhelm, minhas forças ativas estão desafinadas e transformaram-se em uma resignação inquieta; não consigo relaxar, mas também não consigo fazer nada. Não tenho força de imaginação, não tenho sentimentos diante da natureza e os livros me enjoam. Se faltamos a nós mesmos, falta-nos tudo. Juro, às vezes desejaria ser um trabalhador comum, para despertar pela manhã e ter a perspectiva do dia vindouro, um impulso, uma esperança. Muitas vezes invejo Albert, que vejo soterrado em meio aos papéis, e imagino que eu estaria bem se estivesse em seu lugar! Várias vezes já tive o impulso, quis escrever a você e ao ministro, para me candidatar ao posto na embaixada que, como me assegurou, não me seria negado. Eu mesmo acredito nisso. O ministro gosta de mim há muito tempo, insistiu muito para que eu me dedicasse a algum ofício; e em algum momento seria realmente bom fazê-lo. Portanto, pensando nisso e lembrando-me da fábula do cavalo, que, impaciente com sua liberdade, deixa que coloquem nele sela e cabresto, sendo montado até a sua ruína... não sei o que devo fazer... E meu caro! Será que esse anseio dentro de mim por uma mudança de estado não seria uma impaciência íntima, desagradável, que me perseguirá para onde for?



aos 28 de agosto

É verdade, se a minha doença pudesse ser curada, essas pessoas o fariam. Hoje é meu aniversário e logo cedo recebo um pacotinho de Albert. Ao abri-lo, de imediato vejo uma das fitas de um vermelho pálido que Lotte usava quando a conheci, e as quais desde então lhe pedi várias vezes. Havia ali dois livrinhos em formato duodécimo, o Homero de Wetstein, uma edição que tanto desejara, para não carregar a pesada edição Ernestina nos meus passeios.¹⁶ Veja! Assim eles se antecipam aos meus desejos, assim buscam todos os pequenos agrados da amizade, que são mil vezes mais valiosos que aqueles presentes ofuscantes, através dos quais somos humilhados pela vaidade do presenteador. Beijo este laço mil vezes, e a cada respirada sorvo a lembrança daquelas felicidades com que eu preenchia aqueles poucos dias felizes e impossíveis de serem repetidos. Wilhelm, é assim, e não reclamo, as flores da vida são apenas aparições! Quantas passam sem deixar qualquer vestígio, são poucas as que deixam frutos, e destes, são poucos os que amadurecem! E no entanto ainda há frutos suficientes; e, mesmo assim — oh, meu irmão! —, será que podemos abandonar, desprezar, deixar apodrecer sem degustar os frutos maduros?

Adeus! Temos um verão maravilhoso; subo frequentemente nas árvores frutíferas no terreno de Lotte, com o cabo longo de colher frutos, e retiro as peras lá do alto. Ela fica embaixo e as pega quando as desço.



aos 30 de agosto

Infeliz! Não é um tolo? Não engana a si mesmo? Qual o sentido dessa paixão tempestuosa e infinita? Não faço mais preces, elas são só para ela; na minha imaginação não aparece ninguém além dela, e vejo tudo à minha volta apenas em relação a ela. E isso me abastece por várias horas felizes... até eu ter de me afastar dela novamente! Ah, Wilhelm! A que coisas às vezes me impele meu coração! Se estive sentado junto com ela, por duas, três horas, me deleitando de sua imagem, de seu comportamento, da expressão celestial de suas palavras... e agora todos os meus sentidos pouco a pouco vão se estendendo, a minha vista escurecendo, mal escuto, e sinto como se um assassino me apertasse a garganta, e meu coração em batimentos acelerados tentando buscar ar em meio aos sentidos aflitos, desta forma só aumentando a sua confusão... Wilhelm, muitas vezes não sei se estou no mundo! Quando às vezes sou invadido pela tristeza e Lotte me permite o miserável consolo de extravasar minha aflição chorando sobre suas mãos... tenho de partir, tenho de sair, e então acabo caminhando sem rumo pelos campos, subir uma montanha íngreme é minha alegria, abrir uma trilha na floresta sem caminhos, atravessando sebes que me machucam, passando por espinhos que me rasgam! Só assim me sinto um pouco melhor! Um pouco! Também quando ocorre de eu ficar pelo caminho por cansaço ou sede, às vezes no meio da noite, com a Lua cheia alta sobre mim, e me sento numa árvore torta na floresta solitária para dar aos meus pés feridos um pouco de alívio, e em seguida adormeço numa calma extenuante, no brilho crepuscular adentro! Oh, Wilhelm! A moradia solitária de uma cela, o traje de crina e o cilício seriam o bálsamo pelo qual minha alma anseia. Adeus! Não vejo um fim para esta miséria senão o túmulo.



aos 3 de setembro

Preciso partir! Agradeço-lhe, Wilhelm, por ter me ajudado a pôr fim em minha falta de decisão. Há duas semanas venho lidando com a ideia de deixá-la. Preciso partir! Ela está na cidade novamente, na casa de uma amiga. E Albert... e... preciso partir!



aos 10 de setembro

Que noite! Wilhelm! Agora supero tudo. Não voltarei a vê-la! Oh, não posso abraçar-lhe, nem lhe expressar sob mil lágrimas e deleites, meu caro, que sensações invadem meu coração. Estou aqui buscando respirar, tentando me acalmar, aguardando a manhã, e ao nascer do Sol os cavalos estarão prontos.

Ah, ela dorme tranquila e não pensa que nunca mais me verá. Desprendi-me, fui forte o suficiente em não revelar o meu intento em uma conversa de duas horas. Por Deus, que conversa!

Albert havia me prometido estar com Lotte no jardim logo após o jantar. Eu estava em pé no terraço debaixo das castanheiras altas e olhava o movimento do Sol, que se punha uma última vez para mim por sobre o aprazível vale e o rio suave. Tantas vezes estive aqui com ela acompanhando o espetáculo maravilhoso, e agora... andava para cá e para lá na alameda que me era tão cara; uma feição secreta e simpática tantas vezes me tinha mantido aqui antes mesmo de conhecer Lotte, e como ficamos felizes quando, no início de nossa amizade, descobrimos a mútua afeição por esse lugarzinho que, de fato, é um dos mais românticos que vi sendo reproduzidos artisticamente.

Primeiro tem a visão ampla, ali, entre as castanheiras... ah, lembro-me, acho que já lhe escrevi muito a respeito, como por fim as paredes altas de faias lhe envolvem e a alameda vai ficando cada vez mais escura devido a um bosquezinho adjacente, até terminar em um lugarzinho fechado, envolto por todos os pavores da solidão. Ainda sinto aquela sensação de aconchego que tive quando entrei ali pela primeira vez em pleno meio-dia; tinha a leve suspeita de que aquele lugar seria palco de felicidade e dor.

Havia me deleitado por cerca de meia hora com os pensamentos lânguidos e doces da despedida, do reencontro, quando a ouvi subindo as escadas. Corri em sua direção e com um calafrio tomei sua mão e a beijei. Acabáramos de subir quando a Lua surgiu por detrás das colinas repletas de arbustos; falamos sobre diversas coisas e, sem percebermos, nos aproximamos do gabinete escuro. Lotte entrou e sentou-se, Albert sentou-se a seu lado, eu também; mas minha inquietude não me permitiu ficar parado por mais tempo; levantei-me, postei-me diante dela, andei de um lado a outro, voltei a me sentar: era um estado

amedrontado. Ela nos chamou a atenção para o belo efeito da luz da Lua, que ao final da parede de faias iluminava todo o terraço à nossa frente: uma visão maravilhosa, que era ainda mais impactante por estarmos envoltos por uma penumbra profunda. Estávamos em silêncio e, após alguns instantes, ela começou:

— Nunca vou passear à luz da Lua, nunca, para que não me lembre de meus mortos, para não ser inundada pela sensação de morte, de futuro. Seremos, no futuro! — continuou ela com a voz do sentimento mais esplêndido. — Mas Werther, devemos nos reencontrar? Reconhecer? O que você intui? O que diz?

— Lotte — disse eu, dando-lhe a mão e com os olhos se enchendo de lágrimas — nós voltaremos a nos ver! Aqui e lá nos veremos...!

Não consegui continuar. Wilhelm, ela me perguntou aquilo justamente quando meu coração temia essa despedida!

— E será que nossos entes queridos que se foram sabem de nós? — continuou ela. — Será que sentem quando estamos bem e que nos lembramos deles com todo o amor? Oh, a figura de minha mãe sempre paira à minha volta quando, ao fim da tarde silenciosa, estou sentada em meio às crianças, às minhas crianças, e elas reunidas em volta de mim, assim como se reuniam em volta dela. E quando miro o céu com lágrimas saudosas nos olhos, desejo que ela possa olhar para nós apenas por um instante para ver que estou cumprindo a promessa que lhe fiz no leito de morte: de ser a mãe de seus filhos. Com que sensação exclamo: “Desculpe-me, querida, se não sou para eles o que você era. Ah! Mas eu faço tudo o que posso... estão vestidos, alimentados, ah, e mais do que tudo, são bem cuidados e amados. Se pudesses ver a nossa harmonia, minha santa! Com um caloroso “obrigada!” glorificaria a Deus a quem pediu com as últimas e amargas lágrimas pelo bem-estar dos seus filhos.

Ela disse isso! Oh, Wilhelm, e quem poderia repetir o que ela disse! Como a letra fria e morta poderá representar a flor celestial do espírito? Albert interpelou-a suavemente:

— Está se deixando afetar demais, querida Lotte! Eu sei, sua alma se apega muito a essas ideias, mas lhe peço...

— Oh, Albert — disse ela —, sei que não esquece as tardes em que estivemos sentados ao lado da mesinha redonda, quando papai viajava e mandávamos os pequenos irem dormir. Muitas vezes tinha um bom livro e são poucas as chances que você tem para ler...

O trato com aquela alma maravilhosa não valia mais do que tudo? A mulher bela, suave, alegre e sempre ativa! Deus conhece minhas lágrimas, com elas muitas vezes me prostrei diante d’Ele em minha cama: rogava que me fizesse igual a ela.

— Lotte! — exclamei, prostrando-me diante dela, tomando sua mão e umedecendo-a com mil lágrimas. — Lotte! Sobre você repousam a bênção de Deus e o espírito de sua mãe!

— Se a tivesse conhecido — disse ela, apertando a minha mão.

— Ela merecia que a conhecesse!

Acreditei estar desfalecendo. Nunca havia sido dita uma palavra mais grandiosa e orgulhosa sobre mim. Ela continuou:

— Essa mulher teve de nos deixar na flor da idade, com um bebê que não tinha nem seis meses! Sua doença não foi longa... Ela estava calma, resignada, só os filhos lhe doíam, especialmente o menor. Quando o fim se aproximava, ela me disse: “Traga-os aqui para cima!”, e eu os conduzi para dentro do quarto, os pequenos, que não sabiam, e os maiores, que estavam sem entender. Ficaram em volta da cama, e ela levantou as mãos sobre eles e rezou, beijando-os um após o outro, mandando-os embora, em seguida, e me dizendo “Seja a mãe deles!”, e eu lhe estendi a mão como juramento! “Está prometendo muito, minha filha”, disse. “O coração e os olhos de uma mãe. Muitas vezes vi que suas lágrimas de gratidão sentem o que isso significa. Tenha esse sentimento pelos seus irmãos e, pelo seu pai, tenha a lealdade e a obediência de uma mulher. Você o consolará”. Ela perguntou por ele, que havia saído para esconder de nós a insuportável dor que sentia... O homem estava completamente dilacerado. Albert, você estava no recinto. Ela ouviu alguém saindo, perguntou e ordenou que lhe chamassem, e como olhou para você e para mim, com o olhar calmo e confortado, porque seríamos felizes, seríamos felizes juntos.

Albert a abraçou e a beijou, exclamando:

— Nós somos! E seremos! — o calmo Albert estava completamente fora de si, e eu havia perdido a noção de mim mesmo.

— Werther — começou ela —, essa mulher teve de partir! Deus! Às vezes penso como é possível que deixemos que levem a coisa mais querida da nossa vida, e ninguém sente isso mais fortemente do que as crianças, que durante muito tempo ainda lamentaram que os homens negros tinham carregado a mamãe!

Ela se levantou e eu despertei; estava abalado e me sentei, e segurei a mão dela.

— Vamos embora — disse ela. — Está na hora.

Ela quis retirar a mão e eu a segurei ainda mais forte.

— Vamos nos ver novamente — exclamei. — Vamos nos encontrar, vamos nos reconhecer em meio a todas as pessoas. Eu me vou — continuei —, vou-me de livre e espontânea vontade e, mesmo assim, se tivesse de dizer para sempre, não aguentaria. Adeus Lotte! Adeus Albert! Iremos nos ver de novo!

— Amanhã, penso eu — respondeu ela, brincando.

Senti aquele amanhã! Ah, ela não sabia, ao tirar a mão de dentro da minha... Saíram pela alameda ao luar e fiquei de pé, acompanhando-os com os olhos, e joguei-me no chão; chorei tudo o que pude, levantei-me de um salto e corri para o terraço; ainda pude ver ali, na sombra das altas tílias, o seu vestido branco resplandecendo em direção ao portão do jardim; estendi os braços e ele sumiu.







- [1](#) De acordo com o folclore europeu, Melusina é um espírito das águas doces. [N. de E.]
- [2](#) Ao longo do livro, Werther constantemente lê Homero, poeta da Grécia Antiga que viveu por volta do século IX ou VIII a. C., a quem se atribui a autoria dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*. [N. de E.]
- [3](#) Espécie de faz-tudo do governo, inspetor-geral, administrador-geral, representante do governante, fiscal das províncias, responsável por uma jurisdição específica. [N. de T.]
- [4](#) Que o leitor não se dê ao trabalho de buscar os locais aqui citados, pois viu-se a necessidade de modificar os nomes verdadeiros constantes do original. [N. do A.]
- [5](#) Viu-se a necessidade de suprimir esta parte da carta para não dar a ninguém a chance de reclamar. Mesmo que, no fundo, um autor pouco se importe com a opinião de uma única moça e de uma pessoa jovem e instável. [N. do A.]
- [6](#) Provável referência a *História de Miss Jenny Glanville* (1764), de Marie-Jeanne Riccoboni, ou a romances semelhantes e correntes na época, nos quais uma mocinha é iludida, sequestrada ou algo parecido e depois é salva por um pretendente, o verdadeiro amor. [N. de T.]
- [7](#) Aqui também foram omitidos os nomes de alguns autores alemães. Aquele que comungar do aplauso de Lotte certamente sentirá em seu coração quando vier a ler esse trecho e, de resto, ninguém precisa saber.[N. do A.]
- [8](#) Estilo de dança em que os dançarinos movimentam-se em círculos, trocando de par e voltando. [N. de E.]
- [9](#) Lotte vê a tempestade e cita apenas o nome do autor Friedrich Gottlieb Klopstock (1724–1803), referindo-se a seu poema “Festa da primavera” (1749), em que, ao olhar a natureza e a tempestade, louva-se a Deus. Cria-se então o vínculo imediato entre ela e Werther. [N. de T.]
- [10](#) Na mitologia grega, Penélope é a esposa de Ulisses, cortejada por outros pretendentes durante a ausência do marido. O retorno de Ulisses para casa após a Guerra de Troia é tema de *Odisseia*, uma das obras de Homero que Werther está lendo. [N. de E.]
- [11](#) Goethe faz referência à passagem bíblica do evangelho de Mateus, 18:3, em que Jesus, ao ser indagado pelos apóstolos sobre quem seria a figura mais importante do reino dos céus, diz-lhes que são as crianças, e que devem ser humildes como elas para alcançar a salvação. [N. de E.]
- [12](#) Agora temos um excelente discurso de Lavater a esse respeito, inclusive sobre o Livro de Jonas. [N. do A.]
- [13](#) Ossian é o autor presumido de poemas épicos gaélicos do século III, traduzidos e publicados pelo escocês James Macpherson (1736–1796). A origem é polêmica, mas foi um enorme sucesso na Europa entre os jovens da época. Os cantos de Ossian são basicamente um longo lamento pelos mortos e o luto. [N. de T.]
- [14](#) Referência bíblica ao Livro dos Reis, capítulo 17, em que um milagre dá a uma pobre viúva uma jarra de azeite que nunca acaba. [N. de E.]
- [15](#) Referência a um conto de fadas sobre uma princesa servida por mãos que saem do teto, publicado na coleção *Les illustres fées* (1698), por Marie-Catherine d’Aulnoy (1650–1705). [N. de T.]

[16](#) Refere-se a duas edições conhecidas da *Odisseia*. Uma, a de Wetstein, em dois volumes, edição greco-latina (1707) no formato duodécimo (12,5 × 19 cm); a outra, a edição Ernestina, em cinco volumes (1759–1764), no formato de quarto (24 × 30,5 cm). [N. de T.]

Livro II

aos 20 de outubro de 1771

Ontem chegamos aqui. O representante do governo não está se sentindo bem, portanto ficará recolhido por alguns dias. Se ele pelo menos não fosse tão desagradável estaria tudo bem. Percebo, percebo que o destino preparou duras provas para mim. Mas ânimo! Um espírito leve carrega tudo! Espírito leve? Faz-me rir o modo como essa palavra chega ao bico de minha pena. Oh, um sangue um pouco mais leve me faria o mais feliz sob o Sol. Mas qual! Enquanto outros, com seu pouco de força e talento, apresentam-se com agradável autossatisfação, eu me desespero com minha força, com meus dotes? Meu bom Deus, que tudo me deu, por que não represou algumas de minhas forças e deu-me autoconfiança e moderação?

Paciência! Paciência! Vai melhorar. Pois lhe digo, querido, tem razão. Desde que me deixo levar todos os dias em meio ao povo e vejo o que fazem e como lidam com as coisas, estou bem melhor comigo mesmo. Certamente por sermos feitos desse modo, comparando tudo conosco e a nós com tudo, é que a felicidade ou a miséria estão nos objetos com que nos mantemos unidos, e por isso não há nada mais perigoso do que a solidão. Nossa força de imaginação, instada por sua natureza a se levantar e alimentada pelas imagens fantásticas da arte da poesia, cria uma série de seres na qual nos encontramos na escala mais baixa, e tudo além de nós parece mais maravilhoso, todos os outros são mais completos. E isso acontece de forma totalmente natural. Tantas vezes sentimos que nos faltam algumas coisas e justamente o que nos falta parece estar de posse de outra pessoa, a quem ainda somamos todas as qualidades que temos, além de certa satisfação idealizada por nós. Assim, a felicidade está completamente pronta no outro, uma criação de nós mesmos.

Por outro lado, se continuarmos trabalhando apenas com nossa fraqueza e com nosso esforço, muitas vezes achamos que, com a nossa lerdeza e com o nosso vai e vem sem rumo, chegaremos mais longe do que outros com suas velas e seus remos... Isso certamente é que nos confere de fato uma percepção de identidade: quando corremos no mesmo passo dos outros ou até os antecedemos.



aos 26 de novembro de 1771

Na medida do possível, estou começando a me sentir bastante bem aqui. O melhor é que há muito o que fazer; e depois, a variedade de pessoas, todas as novas figuras apresentam um espetáculo colorido a minha alma. Conheci o conde C..., um homem que a cada dia admiro mais, de mente aberta e ampla e que, por isso, não é fria, pois tem a visão de muitas coisas; um homem de cujo trato emana luminosamente tanta sensibilidade para a amizade e para o amor. Ele se aproximou de mim quando lhe fiz uma encomenda comercial, e percebeu logo nas primeiras palavras que nos entendíamos, que ele poderia falar comigo como não poderia com todos. Também não me canso de louvar seu comportamento aberto em relação a mim. Não há alegria tão verdadeira e calorosa no mundo quanto ver uma grande alma que se abre para nós.



aos 24 de dezembro de 1771

O representante do governo me traz muito desgosto, como eu previra. Ele é o tolo mais pontual que pode haver; gosta de proceder com minúcia, passo a passo, cheio de dedos, um homem que nunca está satisfeito consigo mesmo e a quem, por isso, ninguém consegue agradecer. Eu gosto de trabalhar e terminar, e como está é como ficará; mas ele é capaz de me devolver um artigo dizendo:

— Está bom, mas faça uma revisão, sempre há uma palavra melhor, uma partícula mais correta.

Nesses momentos, me irrita como o diabo. Nenhum “e”, nenhuma conjunçãozinha pode ficar de fora, e ele é inimigo mortal de todas as inversões que às vezes me escapam; se não desfilarmos o período de acordo com a melodia clássica, ele não entende nada. É um sofrimento ter de lidar com alguém assim.

A confiança do conde C... ainda é a única coisa que me mantém incólume. Recentemente, ele me disse com toda sinceridade como estava insatisfeito com a lerdeza e o escrúpulo do representante do governo.

— As pessoas dificultam as coisas para si e para os outros. No entanto — disse ele —, precisamos nos resignar como um viajante que precisa passar sobre uma montanha; certamente, se a montanha não estivesse lá, o caminho seria muito mais confortável e curto; entretanto, ela está lá, e precisamos superá-la!

Meu velho percebe a preferência dada a mim pelo conde e aproveita toda e qualquer oportunidade para falar mal do conde para mim. Eu, como se fosse natural, retruco, o que só piora as coisas. Ontem mesmo ele me irritou, pois era eu o alvo do que disse, de que para negócios mundanos desse tipo, o conde era bastante bom, tinha muita facilidade para trabalhar e manejava bem a pena, mas lhe faltava a erudição profunda, como a todos os beletistas. Isso acompanhado de uma expressão facial como se quisesse dizer “Senti a ferroada?”, mas não fez efeito sobre mim; agi com desprezo por esse ser, que teve a capacidade de pensar e se comportar desse modo. Mantive-me firme e lutei com bastante intensidade. Falei que o conde era um homem que deveria ser respeitado, tanto pelo seu caráter como pelos seus conhecimentos.

— Não conheci ninguém — disse eu — que tivesse tido tanto sucesso em

ampliar seu intelecto, disseminá-lo por inúmeros objetos e, não obstante, preservar essa atividade para a vida comum.

Isso era grego para aquele cérebro, então acabei me despedindo para não ter de engolir mais fel diante de outro argumento descabido.

E vocês todos são culpados, que me convenceram a vir a esse jugo e me teceram louvor sobre estar em atividade. Atividade! Se não é aquele que planta batatas e cavalga até a cidade para vender seu trigo alguém mais útil do que eu, então terei de pagar com trabalho de dez anos na galé à qual estou atado agora.

E a miséria explícita, o tédio entre essas pessoas asquerosas que aqui se vê lado a lado! O vício pelo poder entre eles, como estão vigilantes e atentos para passar à frente do outro; como deixam à mostra as mais miseráveis e tristes paixões. Há uma mulher, por exemplo, que fala para todo mundo sobre a sua nobreza e a do seu país, de modo que um forasteiro deva pensar: ela é uma tola que imagina lances milagrosos a partir de um pouco de nobreza e da fama de seu país — mas é ainda pior: a mulher é justamente filha de um escrivão aqui da vizinhança. Como vê, não consigo entender a raça humana, que tem tão pouco bom senso, a ponto de passar vergonha de uma maneira tão rasteira.

É verdade que a cada dia, meu caro, percebo como somos tolos avaliando os outros a partir de nós mesmos. E como tenho tanto trabalho comigo mesmo, e o meu coração é tão tempestuoso... Ah, é com prazer que deixo os outros seguirem suas trilhas, se eles também me deixarem seguir a minha.

O que mais me atíça são as relações burguesas inevitáveis. Sei muito bem como é necessária a diferença entre as classes, quantas vantagens ela me proporcionou; no entanto, ela não deve ser um obstáculo no meu caminho quando eu ainda poderia aproveitar um pouco de alegria, um reflexo pálido de felicidade nessa terra. Outro dia, durante um passeio, conheci a srta. B..., uma criatura amável que preservou muita naturalidade em meio à vida enrijecida. Gostamos de nossas conversas e, quando nos despedimos, pedi autorização para ir visitá-la. Ela permitiu com tanta franqueza, que mal pude esperar o momento adequado de ir até lá. Ela não é daqui e mora na casa de uma tia. Não gostei da fisionomia da velha. Dediquei-lhe muita atenção, minha conversa na maioria das vezes dirigia-se a ela e, em menos de meia hora, havia desvendado em grande parte o que a própria senhorita me confessou mais tarde: que à querida tia faltava tudo em sua idade avançada, um patrimônio decente, um intelecto e não tinha nenhum apoio que não uma série de antepassados; outro escudo além da classe social em que havia se encastelado e nenhuma alegria além de desviar o olhar de sua sacada

por sobre as cabeças burguesas. Dizem que, na juventude, foi muito bonita e esbanjou a vida em pequenas imposturas, primeiro torturando os pobres rapazes com seus caprichos e, em anos mais maduros, submetendo-se à obediência de um velho oficial, que por esse preço e uma generosa subsistência passou com ela a idade de bronze e faleceu. Agora, era ela quem se via sozinha na idade de ferro e não seria respeitada, não fosse a amabilidade da sobrinha.



8 de janeiro de 1772

Que pessoas são essas cujas almas inteiras repousam unicamente no cerimonial, cuja arte de poetizar e cuja ambição passam anos a fio apenas girando em torno do melhor local para se sentarem à mesa; não, antes acumulam-se os trabalhos justamente porque são desviadas dos assuntos importantes pelas pequenas mazelas cotidianas. Na semana passada, houve brigas no trenó, estragando toda a alegria do passeio.

Os tolos é que não veem que não é importante o lugar em que se sentam e que aquele que ocupa o primeiro lugar raramente tem o papel mais importante! Quanto rei não é regido por seu ministro, quanto ministro não é regido por seu secretário! Quem, afinal, é o primeiro? Parece-me ser aquele que se esquece dos outros e tem força ou esperteza suficientes para aproveitar os poderes e paixões dos outros, com o objetivo de executar os próprios planos.



aos 20 de janeiro

Preciso escrever-lhe, querida Lotte, aqui do quarto apertado de uma hospedaria simples de camponeses, onde me refugiei durante uma tempestade pesada. Enquanto vagueio pelo triste vilarejo de D... em meio a pessoas estranhas, tão pouco familiares a meu coração, não tive nenhum momento sequer, nenhum no qual meu coração me tivesse instado a lhe escrever; e agora, nessa cabana, nessa solidão, nessa limitação, quando neve e ferrolhos batem à minha pequena janela, você é meu primeiro pensamento. Assim que entrei, fui impactado pela sua figura, pela lembrança de sua pessoa, ó Lotte! Tão sagrada, tão calorosa! Meu bom Deus! O primeiro momento feliz, de novo.

Se me visse, minha cara, nessa onda de distração! Como os meus sentidos estão ficando ressecados! Nenhum momento de coração pleno, nenhuma hora feliz! Nada! Nada! Estou como diante de uma caixa de raridades, vendo os homenzinhos e cavalinhos se mexendo diante de mim, e muitas vezes me pergunto se não é ilusão de ótica. Eu participo do jogo, ou melhor, eu sou jogado como uma marionete, e às vezes pego o meu vizinho pela mão de madeira e recuo aterrorizado. À noite traço o plano de aproveitar o nascer do Sol, mas não consigo sair da cama; de dia, espero poder me alegrar com a luz da Lua e fico dentro do meu quarto. Não sei ao certo por que levanto e por que vou dormir.

Falta a massa fermentada que colocava a minha vida em movimento; falta o estímulo que me mantinha acordado na noite profunda e que me despertava do sono pela manhã.

Encontrei um único ser feminino por aqui, uma senhorita de B..., que é semelhante a você, Lotte, se é que isto é possível. “Ai!”, você dirá, “olha ele desfiando elogios bonitos”, o que não deixa de ser verdade até certo ponto. Há algum tempo estou muito afável, pois não consigo ser diferente, tenho muito engenho, e as mulheres dizem que não há ninguém que saiba fazer um elogio como eu (e mentir, acrescentam, pois sem isso não funciona, sabe?). Queria falar da srta. B... Ela tem uma grande alma, que transparece inteira em seus olhos azuis. Sua classe lhe é um fardo, pois não satisfaz nenhum dos desejos de seu coração. Ela deseja se afastar da multidão e passamos várias horas fantasiando cenas campestres de felicidade pura, ah! E de você! Quantas vezes ela se vê obrigada a louvá-la, obrigada, não, ela o faz espontaneamente, gosta de ouvir

sobre você, a ama.



Ó se eu estivesse a seus pés no querido e familiar quartinho, e os nossos pequenos queridos se enroscando ao meu redor, e se ficassem barulhentos demais, eu os reuniria à minha volta e lhes contaria um conto assustador, aquietando-os.

O Sol está se pondo em esplendor por sobre a paisagem brilhante da neve, a tempestade passou e eu... preciso me trancar novamente em minha gaiola. Adeus! Albert está com você? E como...? Deus me perdoe esta pergunta!



8 de fevereiro

Há oito dias o tempo está terrível e isso me faz bem. Pois desde que estou aqui, não despontou no céu nenhum dia bonito que alguém não tivesse estragado ou azedado. Assim, quando chove muito e venta e vem geada e depois derrete: “Ah!”, penso, “em casa não pode ficar pior do que aqui fora”, ou o contrário, e está bom assim. Quando o Sol nasce de manhã, prometendo um belo dia, nunca deixo de exclamar: “agora eles terão de novo um bem celestial para privar uns aos outros!”. Não há nada pelo qual não possamos causar privação. Saúde, uma boa reputação, alegria, descanso! E geralmente por bobagem, incompreensão e estreiteza, e dizem ser com a melhor das intenções. Às vezes queria lhes pedir de joelhos para não atacarem com tanto ímpeto as próprias entranhas.



aos 17 de fevereiro

Temo que o meu representante do governo e eu não aguentemos ficar juntos por muito mais tempo. O homem é completamente insuportável. Sua maneira de trabalhar e de fazer negócios é tão ridícula que não me contenho em contradizê-lo, e muitas vezes fazer uma coisa segundo a minha cabeça e à minha moda, o que, evidentemente, para ele nunca está bom. A esse respeito ele me acusou recentemente na corte, e o ministro deu-me uma advertência leve, mas era uma advertência, e estive a ponto de desejar a minha saída quando recebi dele uma carta particular¹⁷, uma carta diante da qual me ajoelhei e louvei o bom senso altivo, nobre e sábio. Nela, critica a minha sensibilidade por demais exacerbada e diz que, embora respeite as minhas ideias exageradas de eficácia, de efeito nos outros, de êxito intenso nos negócios enquanto arroubos juvenis, sugere que eu não os extirpe, mas os suavize, conduzindo-os para o lugar onde desenvolvem o próprio jogo, onde podem praticar o seu forte efeito. Também estou fortalecido por oito dias, de bem comigo mesmo. A paz de alma é algo maravilhoso, é a alegria em si mesma. Querido amigo, se apenas essa joia não fosse tão frágil quanto é bela e preciosa.



20 de fevereiro

Deus os abençoe, meus queridos, que lhes dê a todos os belos dias que me rouba! Agradeço-lhe, Albert, por me ter enganado: esperei por notícias sobre quando seria o seu casamento e havia planejado tirar da parede solenemente a silhueta de Lotte, enterrando-a sob outros papéis. Agora vocês são um casal, e a imagem dela ainda está aqui! Bem, assim ficará! E por que não? Eu sei, também estou com vocês, estou no coração de Lotte sem prejuízo para você, sim, ocupo o segundo lugar nele, e quero e devo mantê-lo. Ó, ficaria furioso se ela conseguisse esquecer... Albert, nesse pensamento encontra-se um inferno. Albert, adeus! Adeus, anjo do céu! Adeus, Lotte!



15 de março

Tive um desprazer que me afastará daqui. Estou rangendo os dentes! Diabos! Ele não pode ser substituído, e só vocês são culpados, vocês que me estimularam e motivaram e martirizaram para que eu me candidatasse ao posto que não condizia com o meu desejo. Agora está aí! Agora têm o que queriam! E não venha me dizer novamente que minhas ideias exageradas estragaram tudo; você tem aqui, querido senhor, uma narrativa, plana e simples, tal como um cronista a anotaria.

O conde de C... me ama, tratame com distinção, isso é sabido, eu já lhe disse isso centenas de vezes. Mas ontem estive na casa dele, à mesa, justamente no dia em que, à noite, o grupo nobre de cavalheiros e damas se reuniria ali; nunca pensei, e também nunca havia chamado a minha atenção, que nós, subalternos, não pertencemos a esse grupo. Muito bem. Faço a refeição na casa do conde, e após a refeição vamos até o grande salão, andando de um lado ao outro, falo com ele, com o coronel B... que se junta a nós, e assim vai se aproximando a hora da chegada dos convidados. Não penso em nada, sabe Deus. E eis que entra a digníssima senhora de S... com seu esposo e sua filha — uma perua bem chocada, com o peito chato e espartilho engraçadinho —, e mostram seus olhos superficiais e narinas tradicionais e muito nobres, e como essa gente me é totalmente abjeta, já ia despedir-me, esperando apenas que o conde se libertasse do falatório repulsivo, quando entrou a minha srta. B...

Como meu coração sempre desabrocha um pouco quando a vejo, decidi ficar, e me postei atrás de sua cadeira; só depois de algum tempo percebi que ela falava comigo de forma menos aberta do que de costume, até com algum constrangimento. Isto chamou a minha atenção. Seria ela também como todo aquele povo, pensei, sentindo-me ferido e querendo ir embora; no entanto, permaneci ali, pois gostaria de tê-la desculpado e não acreditava, ainda esperando alguma boa palavra dela e... o que quiser. Nesse meio-tempo, a casa foi ficando cheia. O barão F..., com toda a vestimenta da época da coroação de Francisco I, o conselheiro da corte R..., aqui apenas na qualidade de sr. R..., com sua esposa surda etc., não esquecendo do mal fornido J..., que remenda os buracos de sua vestimenta da antiga Francônia com trapos da moda atual; é isso que aparece aos montes e converso com alguns de meus conhecidos, todos eles muito lacônicos. Pensava... e prestava atenção apenas na minha B...



Não percebi que as mulheres no fundo do salão cochichavam e que acabou chegando aos ouvidos dos homens que a senhora de S... falava com o conde (tudo isso me foi dito depois pela srta. S...), até que o conde dirigiu-se a mim e me levou até uma janela.

— Você conhece nossos excelentes costumes... — disse ele. — Os convidados estão insatisfeitos, pelo que percebi, de o ver aqui. Eu não queria de modo algum...

—Excelência — interrompi —, peço mil desculpas... deveria ter pensado nisso antes, e sei que me perdoará por essa inconsequência, eu já queria ter ido antes. Um espírito mau me impediu — acrescentei, sorrindo, enquanto fazia uma reverência.

O conde apertou minhas mãos com uma sensibilidade que dizia tudo. Esquivei-me suavemente daquele grupo, fui embora, sentei-me em um cabriolé e fui até M... para assistir ao pôr do Sol do alto da colina, lendo o canto maravilhoso no meu Homero, quando Ulisses é servido pelo excelente pastor.¹⁸ Estava tudo bem.

À noite volto à hospedaria; havia apenas poucos hóspedes, que jogavam dados em um canto, dobrando para trás a toalha de mesa. Eis que entra o honesto Adelin, tirando o seu chapéu, olha para mim, se aproxima e me diz em voz baixa:

— Teve um desprazer?

— Eu? — pergunto.

— O conde expulsou você do grupo.

— Que o diabo os carregue! — disse eu. — Fiquei feliz por tomar um ar fresco.

— Que bom que leva dessa forma. Só fico triste porque é isso que está circulando por aí.

Foi aí que tudo começou a me incomodar. Todos os que vinham à mesa e olhavam para mim, pensei, me olhavam por isso! Isso não daria boa coisa.

E hoje todos têm compaixão de mim onde quer que eu pise, pois ouço que aqueles que me invejam estão triunfantes dizendo “Agora se vê qual o fim dos atrevidos, que elevam sua cabeça mais alto do que o limite, acreditando, por isso, poder se colocar acima de sua posição”, e boatos desse tipo... a vontade é de fincar uma faca no coração, pois digam o que for da autonomia, eu quero ver aquele que tolera patifes falando sobre ele quando estiverem em vantagem;

quando o falatório estiver vazio, pode-se deixá-los de lado com facilidade.



aos 16 de março

Tudo me atíça. Hoje encontrei a srta. B... na alameda; não me contive e, assim que nos afastamos um pouco das pessoas, fui falar com ela, mostrando-lhe que fiquei sentido com seu comportamento daquele dia.

— Ó, Werther — disse ela, em um tom intimista. — É assim que interpretou minha perturbação, mesmo conhecendo meu coração? O que sofri por sua causa logo que entrei no salão! Previ tudo, por cem vezes estava na ponta da língua para lhedizer. Eu sabia que as senhoras de S... e T... e seus maridos prefeririam ir embora mais cedo do que permanecer em sua companhia; eu sabia que o conde não poderia estragar a própria relação com eles... e agora todo esse barulho!

— Como, senhorita? — perguntei eu, escondendo meu susto. Afinal, tudo o que Adelin havia me dito anteontem naquele momento percorreu minhas veias como água fervente.

— O que isso já me custou! — disse a doce criatura, com lágrimas brotando dos olhos. Eu já não era mais senhor de mim, estava prestes a me jogar aos pés dela.

— Explique-se! — exclamei.

As lágrimas lhe escorriam pelas faces. Estava fora de mim. Ela as secou, sem querer escondê-las.

— Conhece a minha tia — começou. — Ela estava presente e... ó, com que olhos ela assistiu àquilo! Werther, ontem à noite e hoje cedo tive de aguentar um sermão sobre o meu trato com você e tive de ouvi-la o diminuindo, humilhando, e consegui e pude defendê-lo apenas em parte.

Cada palavra que dizia me atravessava o coração como uma espada. Ela não percebia como teria sido misericordioso ocultar isso tudo de mim, e ainda acrescentou o que mais seria objeto de boatos e que tipo de gente triunfaria com isso.

Também falou que aqueles que já me criticam há tempos por esse meu jeito ficaram felizes e atíçados com o castigo recebido pela minha ousadia e por eu ter sido desprezado. Ouvir tudo isso, Wilhelm, da boca da moça, com a voz da mais genuína empatia... fiquei destruído e ainda estou furioso por dentro. Eu queria

que alguém se atrevesse a me criticar, para que eu pudesse lhe atravessar o corpo com uma adaga; se eu visse sangue, me sentiria melhor. Ah, peguei tantas vezes na faca para aliviar a pressão deste coração. Contam que existe uma raça nobre de cavalos que, quando se sente extremamente acalorada e assustada, por instinto morde uma veia para ajudar a respirar. Sinto-me assim muitas vezes; gostaria de abrir uma veia que me levasse à liberdade eterna.



aos 24 de março

Pedi demissão da corte e espero consegui-la; você me perdoará por não ter ido pedir a sua autorização antes. O fato é que precisava ir embora, e sei o que você teria para me dizer no intuito de convencer-me a ficar, sei de tudo isso, então... Conte à minha mãe dourando a pílula, não consigo nem me ajudar, então ela há de aceitar que também não posso ajudá-la. Certamente irá doer. Ver suspensa repentinamente a bela carreira que seu filho trilhava em direção ao posto de conselheiro de Estado e representante do governo e voltar à estaca zero! Faça com isso o que quiser e combine os possíveis motivos pelos quais eu poderia e deveria ter ficado... basta, vou embora, e para saber para onde irei, está aqui o príncipe ..., que se sente muito bem em minha companhia e que me pediu, uma vez sabendo da minha intenção, para acompanhá-lo em visita a suas propriedades e lá passar a bela primavera. Prometeu-me que eu ficaria muito à vontade, e como nos entendemos até certo ponto, vou arriscar e acompanhá-lo.



em relação à notícia • aos 19 de abril

Obrigado pelas suas duas cartas. Não respondi, pois deixei ali a folha até a minha partida da corte; temia que minha mãe se dirigisse ao ministro, dificultando o meu propósito. Mas agora está feito, chegou minha despedida. Nem lhe digo como ela me foi penosa e o que o Ministro me escreveu... você irromperia em novas lamentações. O príncipe herdeiro me enviou vinte e cinco ducados de presente pela despedida, com uma frase que me levou às lágrimas; ou seja, não preciso do dinheiro da minha mãe que havia pedido anteriormente.



aos 5 de maio

Amanhã parto daqui, e como a minha cidade natal fica a apenas seis milhas do caminho, irei revê-la, vou me lembrar dos velhos e felizes dias de sonhos. Quero entrar justamente por aquele portão pelo qual minha mãe saiu comigo quando, após a morte do meu pai, abandonou a cidade tão querida e familiar para ir se trancar na sua cidade insuportável. Adeus, Wilhelm, você saberá das minhas andanças.

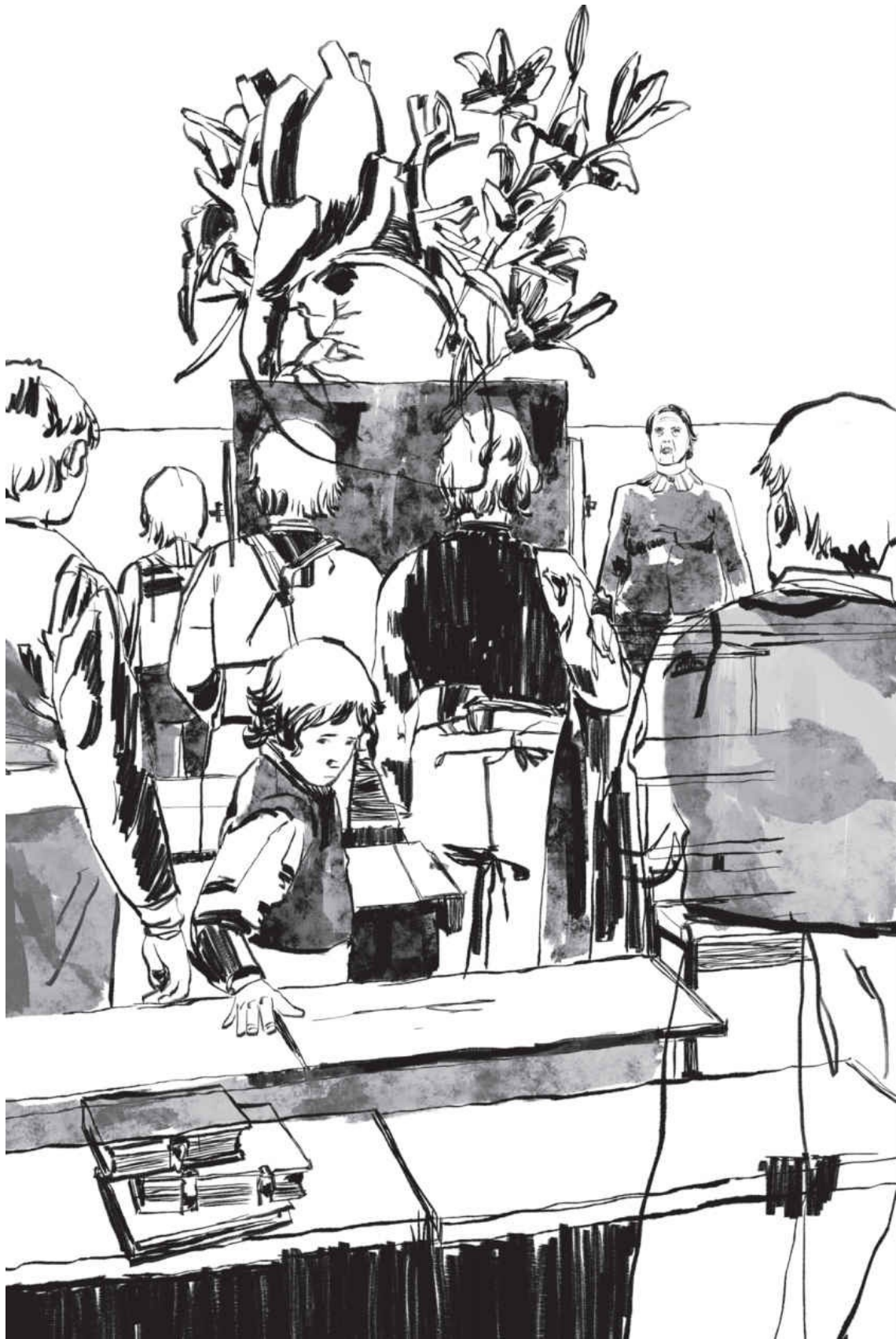


aos 9 de maio

Completei a jornada até a minha terra natal com toda a devoção de um peregrino, e fui tomado de vários sentimentos inesperados. Chegando perto da grande tília, que fica a um quarto de hora diante da cidade em direção a S..., pedi que parassem, desci e instei o condutor a seguir viagem, para que eu degustasse a pé cada lembrança de uma forma nova, vívida, guiada pelo meu coração. Estava eu, então, junto à tília, que outrora, enquanto menino, me servia de meta e limite para meus passeios. Que diferença! Naquela época, em minha feliz ignorância, eu ansiava sair pelo vasto mundo desconhecido, onde esperava encontrar tanto alimento, tanto prazer para o meu coração, no intuito de encher e satisfazer meu peito ansioso e saudoso. Agora estou voltando do vasto mundo... ó, meu amigo, com quantas esperanças fracassadas, com quantos planos destruídos! Via as montanhas diante de mim, que por milhares de vezes tinham sido objeto de meus desejos. Podia ficar sentado aqui durante horas e ansiar por estar ali do outro lado, perdendo-me no mais íntimo da alma em meio às montanhas e aos vales, que se me apresentavam aos olhos de forma tão agradavelmente fugidia; e quando tinha horário para voltar, com que relutância deixava aquele lugar amado! Aproximei-me da cidade, todas as velhas e conhecidas casinhas foram saudadas por mim, não gostava das novas, nem das mudanças que fizeram. Entrei pelo portão e logo voltei a me encontrar por inteiro. Querido, não vou entrar em detalhes; o encanto que senti ficaria simplório na narrativa. Decidi morar na praça da feira, bem ao lado da nossa velha casa. Ao caminhar até lá, percebi que a escolinha onde uma senhora honrada havia conformado nossa infância se transformara em mercearia. Lembro-me da inquietação, das lágrimas, do torpor dos sentidos, do medo no fundo do coração que eu suportara naquele buraco. Não dei nenhum passo que não chamasse minha atenção. Um peregrino na Terra Santa não encontra tantos locais de lembranças religiosas quanto eu encontrei, e a sua alma dificilmente estará tão repleta de comoção sagrada quanto a minha. Mais um em milhares. Desci até o rio, até chegar a determinada propriedade; aquele costumava ser meu caminho usual, e era também o lugar onde nós, meninos, treinávamos jogar as pedras achatadas para saltarem sobre a água com o maior número possível de saltos. Lembrei tão vivamente de quando ficava ali, de pé, acompanhando o curso da água, com que intuições maravilhosas eu o seguia, como imaginava ser uma aventura o lugar para onde a água corria e como logo encontrei os limites

da minha capacidade de imaginação... e mesmo assim, aquilo precisava continuar, continuar fluindo, até eu me perder totalmente em meio à contemplação de um local longínquo invisível. Veja, meu querido, tão limitados e tão felizes eram os maravilhosos ancestrais! Tão infantil seu sentimento, sua poesia! Quando Ulisses fala do mar imensurável e da terra infinita, isso é tão verdadeiro, tão humano, íntimo, estrito e misterioso. De que me adianta agora eu poder repetir com qualquer aluno de escola que ela é redonda? O homem precisa apenas de alguns torrões de terra para fruir sobre eles, e menos para descansar debaixo deles. Agora estou aqui, no castelo de caça do regente. Pode-se viver muito bem com o senhorio, ele é verdadeiro e simples. Em torno dele há pessoas estranhas que não compreendo. Elas não parecem ser malandras, mas também não aparentam ser pessoas honestas. Às vezes, parecem-me honestas, não obstante não confio nelas. Aliás o que julgo uma pena é o fato de ele muitas vezes falar de coisas que apenas ouviu ou leu, e justamente da perspectiva pela qual o outro lhe quis apresentar o assunto. Ele também aprecia mais o meu juízo e os meus talentos do que este coração, que ainda é o meu único orgulho, todo e completamente miserável. Ah, o que eu sei, todos podem saber... meu coração é só meu.







aos 25 de maio

Eu tinha algo em mente que não queria lhe dizer antes que fosse executado: agora, como não deu certo, está tudo bem. Eu queria ir para a guerra, uma ideia que me foi cara durante muito tempo. Foi só por isso que segui o regente até aqui, que é general a serviço de ... Em um passeio, expus-lhe meu intento; ele me desaconselhou e, no meu caso, teria sido mais paixão do que ideia fixa, se não quisesse dar ouvidos às razões que ele me expôs.



aos 11 de junho

Diga o que quiser, não posso ficar mais. Por que estou aqui? O tempo está ficando demasiado longo. O regente me segura aqui o máximo possível, mas não estou confortável. No fundo, não temos nada em comum. Ele é um homem de razão, porém uma razão bem comum; seu convívio não me instiga mais do que a leitura de um livro bem escrito. Ficarei ainda oito dias, depois voltarei à errância. O melhor que fiz por aqui foram meus desenhos. O regente tem senso artístico, e o teria mais ainda se não estivesse limitado pelo abjeto universo acadêmico e pela terminologia comum. Às vezes ranjo os dentes quando o conduzo com uma imaginação calorosa através da natureza e da arte e repentinamente ele acredita estar fazendo isso bastante bem ao recorrer, atabalhado, a um jargão artístico.



aos 16 de junho

Sim, sou apenas um caminhante, um peregrino na Terra! Mas você é algo além disso?





aos 16 de junho

Aonde quero ir? Vou contar-lhe em confiança. Ainda preciso ficar aqui catorze dias e depois cheguei à conclusão de que queria visitar as minas da região de ...; no fundo, não é nada disso, queria era estar mais próximo de Lotte, é isso. E rio do meu próprio coração... e faço a vontade dele.



aos 29 de julho

Não, está tudo bem! Está tudo bem! Eu... marido dela! Ó Deus que me criou, se me tivesse concedido essa felicidade, minha vida seria uma eterna prece. Não quero julgar, e perdoe-me essas lágrimas, perdoe os meus desejos vãos! Ela, minha esposa! Se tivesse acolhido em meus braços o ser mais amável que existe sob este Sol... passa um calafrio por todo o meu corpo, Wilhelm, quando Albert envolve o corpo esbelto dela.

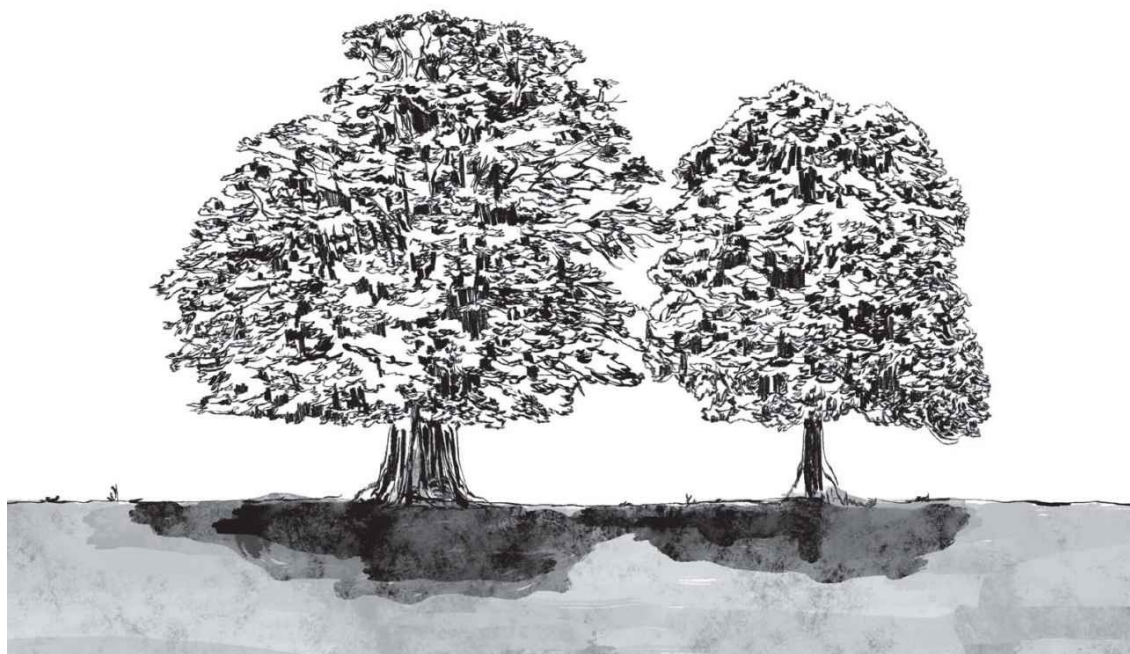
E... posso dizê-lo? Por que não, Wilhelm? Ela seria mais feliz comigo do que com ele! Ó, ele não é a pessoa a preencher todos os desejos daquele coração! Certa falta de sensibilidade, uma falta... entenda como quiser; o coração dele não bate mais forte com empatia quando... ó...! Quando lê um trecho de um livro querido, quando o meu coração e o de Lotte se unem num só... em cem outras ocasiões, quando nossas sensações em relação a algum ato de terceiros se manifestam. Querido Wilhelm! É bem verdade que ele a ama com toda a sua alma, e um amor desses, o que não merece!

Uma pessoa insuportável me interrompeu. Minhas lágrimas secaram. Estou distraído. Adeus, querido!



aos 4 de agosto

Não sou só eu a sentir isso. Todas as pessoas são iludidas em suas esperanças, enganadas em suas expectativas. Visitei minha boa hospedeira sob a tília. O mais velho correu ao meu encontro, seus gritos de alegria trouxeram também a mãe, que parecia muito abatida. Suas primeiras palavras foram:



— Bom senhor, o meu Hans morreu!

Era o mais jovem dos rapazes. Fiquei em silêncio.

— E o meu marido — disse ela — voltou da Suíça e não trouxe nada, e se não fossem pessoas boas, ele teria de mendigar, e pegou a febre na viagem.

Não pude lhe dizer nada e dei algo de presente para o pequeno; ela pediu que eu aceitasse algumas maçãs, o que fiz, e saí do lugar de tão triste lembrança.



aos 21 de agosto

Assim como viramos a mão de um lado para o outro, muda também o meu estado de ânimo. Às vezes, um olhar amigável de vida parece surgir no horizonte, ah, apenas por um instante...! Quando estou perdido em sonhos, não consigo evitar o seguinte pensamento: e se Albert morresse? Iria! Sim, ela iria... e aí persigo essa fantasia até ela me levar às profundezas, diante das quais estremeço.

Quando saio pelo portão, percorrendo o mesmo caminho que trilhei pela primeira vez quando fui buscar Lotte para a dança, como era tudo tão diferente! Tudo, tudo passou! Nenhum sinal do mundo passado, nenhuma pulsação do meu sentimento de outrora. Sinto o que deve sentir um espírito que retorna ao castelo queimado e destruído, que no passado ele construía e decorara com todas as dádivas do esplendor quando era um próspero regente e que, moribundo, deixara esperançoso para seu amado filho.



aos 3 de setembro

às vezes não entendo como outra pessoa pode amá-la, *tem autorização* para amá-la, já que eu só a ela amo, tão no íntimo, tão plenamente, não conhecendo, não sabendo, nem tendo mais nada além dela.



aos 4 de setembro

Sim, é assim. Assim como a natureza se inclina para o outono, instala-se o outono em mim e ao meu redor. Minhas folhas se tornam amarelas, e as folhas das árvores vizinhas já caíram. Não lhe escrevi certa vez sobre um rapaz camponês, logo que cheguei aqui? Voltei a perguntar sobre ele em Wahlheim e parece que foi enxotado do trabalho e ninguém mais quis saber dele. Ontem, por acaso, o encontrei a caminho de outro vilarejo; dirigi-me a ele, que me contou a sua história e me comoveu com dupla e tripla intensidade, como você entenderá facilmente quando eu recontá-la. Mas para que tudo isso? Por que não guardo para mim o que me amedronta e me magoa? Por que ainda lhe aflijo? Por que sempre lhe dou oportunidade de sentir compaixão comigo e de ralar comigo? Que seja, isso também deve ser parte do meu destino!

Com uma tristeza silenciosa na qual eu parecia detectar um ser um pouco arisco, o homem primeiro respondeu às minhas perguntas; mas logo se abriu mais, como se repentinamente me reconhecesse, e confessou-me seus erros, lamentando a sua infelicidade. Caro amigo, se eu pudesse deixar a seu juízo cada uma das palavras dele! Ele confessou, até contou com uma espécie de fruição e felicidade de rememoração, que a paixão por sua patroa se multiplicava a cada dia, e que enfim ele não sabia o que fazia e, como me disse, não sabia onde estava sua razão. Não conseguia comer nem beber nem dormir, ficava com a garganta entalada, e fazia o que não deveria ter feito; esquecia o que lhe ordenavam, era como se um espírito mau o perseguisse, até que, certo dia, quando sabia que ela estava no quarto de cima, foi atrás dela, e de fato sentiu-se impelido a ir até lá; como ela não dera atenção a suas súplicas, quis se apoderar dela com violência, não sabia como fizera aquilo, e que Deus era testemunha de como suas intenções em relação a ela sempre foram das mais respeitadas, e que não desejara nada mais intensamente do que casar com ela, que passasse sua vida com ele. Depois de ter falado por algum tempo, começou a se calar em alguns momentos, como alguém que ainda tem algo para contar mas não tem coragem de dizê-lo; por fim, me confessou também com vergonha as pequenas intimidades que ela lhe concedera, e a proximidade que lhe permitira. Ele interrompeu a fala por duas ou três vezes e repetiu as mais vivas manifestações de que não dissera aquilo para retratá-la de forma negativa, como disse, mas que a amava e admirava como antes, que algo assim não havia saído de sua boca e

que ele só estava me dizendo aquilo para me convencer de que não era um homem totalmente ruim ou insano.

E aqui, meu caro, retomo a velha toada que sempre irei cantar: se eu pudesse apresentar-lhe o homem tal como estava diante de mim, e como ainda está! Se eu pudesse dizer-lhe tudo de forma exata para que pudesse sentir como participo de seu destino, como tenho de participar dele! Mas basta; como você também conhece meu destino, como me conhece, sabe bem demais o que me atrai em todos os infelizes, especialmente o que me atrai nesse infeliz em especial.



Relendo agora o que escrevi, vejo que esqueci de contar-lhe o fim da história, mas que pode facilmente ser deduzido. Ela se defendeu; apareceu seu irmão, que há tempos detestava o rapaz e há muito o queria longe da casa, pois temia que, com um novo casamento da irmã, seus filhos perdessem a herança, que agora lhes daria boas esperanças, com sua irmã não tendo filhos; o irmão, então, logo o expulsou da casa, e fez tanto estardalhaço sobre o fato que a mulher, mesmo que quisesse, não podia mais acolhê-lo. Agora contratou um novo criado, e dizem que de novo entrou em confronto com o irmão, e dizem que é certo que ela se casará com ele, mas que o irmão tem a firme intenção de não vivenciar isso.

O que lhe conto não é exagero nem foi amenizado, devo dizer mesmo que contei de forma fraca, fraca, e deixei a narrativa mais rude, contando-a com nossas bem-comportadas palavras tradicionais.

Esse amor, portanto, essa fidelidade, essa paixão não é uma invenção poética. Ela está viva, encontra-se em sua maior pureza na classe de pessoas que chamamos de incultas, de cruas. Nós, os ilustrados, formados... deformados em um nada! Leia essa história com devoção, peço-lhe. Hoje estou quieto enquanto escrevo isto; você pode ver na minha caligrafia que não estou rabiscando e produzindo garranchos como de costume. Leia, meu querido, e ao fazê-lo, pense que também é a história do seu amigo. Sim, passei por isso, vou passar por isso, e não tenho nem metade da honradez e da capacidade de decisão do pobre infeliz, a quem quase não ousa me comparar.



aos 5 de setembro

Ela tinha escrito um bilhetinho para o marido, que estava no campo, onde tinha ido tratar de negócios. Começava assim: “Querido, amadíssimo, venha assim que puder, espero-lhe com mil alegrias”. Um amigo que entrava trouxe a notícia de que, devido a determinadas circunstâncias, ele não voltaria tão cedo. O bilhete ficou ali e à noite foi parar em minhas mãos. Eu o li e sorri; ela perguntou:

— Por quê?

— Que presente divino é a força da imaginação — exclamei. — Por um momento imaginei que fosse escrito para mim.

Ela interrompeu, pareceu não gostar e eu me calei.



aos 6 de setembro

Demorou até que eu decidisse descartar meu fraque azul simples, com o qual dancei com Lotte a primeira vez, mas no fim ele acabou por ficar pouco vistoso. Também mandei fazer um novo igual ao anterior, gola e punho, e de novo o colete amarelo e ainda as calças. Mas o efeito não é o mesmo. Não sei, acho que, com o tempo, também vou gostar mais desse aqui.



aos 12 de setembro

Ela tinha viajado por alguns dias para buscar Albert. Hoje entrei em seu salão e ela veio ao meu encontro; beijei sua mão com mil alegrias.

Um canário saiu voando de cima do espelho e pousou em seu ombro.

— Um novo amigo — disse ela, e o atraiu para a sua mão. — É para os meus pequenos. Ele é querido demais! Veja! Quando lhe dou pão, ele bate as asas e fica bicando de um modo tão bonito. Ele também me beija, veja!

Quando ela ofereceu a boca ao animalzinho, ele afundou tão carinhosamente em seus lábios, que era como se sentisse a felicidade que fruía.

— Ele também deve beijá-lo — disse ela, e me passou a ave. O biquinho percorreu o trajeto da boca de Lotte para a minha, e o contato da bicada foi como um sopro, um prenúncio de uma fruição amorosa.

— O beijo dele não é de todo desprovido de desejo — disse eu. — Ele procura alimento e volta insatisfeito do carinho vazio.

— Ele também come na minha boca — disse ela. Ofereceu-lhe algumas migalhas de pão com os lábios, e sorriu, em puro deleite, com aquele compartilhamento inocente de seu amor. Virei o rosto para outro lado. Ela não devia fazer aquilo, não deveria estimular a minha imaginação com tais imagens de inocência e felicidade celestial e arrancar meu coração do sono no qual ele às vezes é embalado pela indiferença da vida! E por que não? Ela confia tanto em mim! Ela sabe como a amo!



15 de setembro

Provoca muita ira, Wilhelm, saber que há pessoas sem senso nem sentimento diante das poucas coisas na Terra que ainda têm valor. Conhece as nogueiras sob as quais me sentei com Lotte na casa do honrado pároco de São ..., aquelas nogueiras maravilhosas que sempre, sabe Deus, me preencheram com o prazer da alma! Como dispuseram a paróquia de forma aconchegante, como era refrescante! E como eram majestosos os galhos! E a memória dos honrados párocos que as plantaram há muitos anos. O professor citou muitas vezes um dos nomes que ouvira de seu avô, e deve ter sido um homem muito bom, recordar-se dele sempre foi um momento sagrado sob as árvores. Digo-lhe, o professor estava com lágrimas nos olhos quando ontem mencionávamos que elas haviam sido cortadas — cortadas! Era de enlouquecer, eu seria capaz de matar o cão que deu o primeiro golpe. Não seria capaz de me consolar se algumas dessas árvores estivessem no meu quintal, uma delas morresse devido à idade e eu tivesse de assistir. Queridíssimo, uma coisa fica clara aqui: o que é o sentimento humano! O vilarejo inteiro está reclamando, e espero que a esposa do pároco sinta na falta de manteiga, ovos e confiança a ferida que ela abriu em seu vilarejo. Pois é ela, a esposa do novo pároco (o nosso antigo também morreu), uma criatura mirrada, adoentada, que tem todos os motivos para não ter empatia em relação ao mundo, pois ninguém tem empatia por ela. Uma tola que se faz de erudita, se intromete na análise do cânon, trabalha bastante na nova moda da reforma moral e crítica do Cristianismo e dá de ombros diante do entusiasmo fanático de Lavater, tem uma saúde bastante abalada e, por isso, não tem nenhuma alegria nesse solo de Deus. Só uma criatura dessas seria capaz de cortar as nogueiras. Veja, não consigo me recompor! Imagine: as folhas que caem sujam o pátio dela e o deixam abafado, as árvores lhe tiram a luz do dia, e quando as nozes ficam maduras, os meninos jogam pedras para que caiam, e isso a irrita, isso atrapalha seus pensamentos profundos, quando compara Kennicott, Semler e Michaelis.¹⁹ Como vi as pessoas no vilarejo tão insatisfeitas, especialmente os mais velhos, perguntei:

— Por que toleraram isso?

— Por aqui, quando o administrador quer — disseram —, o que podemos fazer?

Mas uma coisa foi justa. O administrador e o pároco, que também queria uma parte dos caprichos de sua esposa, caprichos estes que de resto não engrossavam

o caldo, pensaram em dividir a renda; e eis que a controladoria ficou sabendo e impediu. Pois ela ainda tinha antigas pretensões em relação à parte do pátio paroquial onde estavam as árvores, e as vendeu a quem oferecia mais. Agora estão no chão! Ó, se eu fosse regente! Essa esposa do pároco, esse administrador e essa controladoria iriam ver... Regente! Bem, se eu fosse regente, não me preocuparia com as árvores em meus domínios!



aos 10 de outubro

Basta eu ver os olhos negros dela e logo fico bem! Veja, e o que me entristece é que Albert parece não estar tão feliz quanto ele... esperava... quanto eu... achava estar... quando... não gosto de usar reticências, mas aqui não consigo me expressar de outra forma... e, parece-me, de forma bastante clara.



aos 12 de outubro

Ossian deixou Homero em segundo plano no meu coração. A que mundo sou conduzido pelo magnífico! Caminhar sobre a relva envolvido pelo vento tempestuoso, que em meio a neblinas vaporosas conduz os espíritos dos patriarcas na luz crepuscular da lua. Vindo das montanhas, em meio ao ronco do rio da floresta, ouvir um gemido dissipado dos espíritos em suas cavernas, e as lamúrias da menina que se lamenta até a morte diante das quatro pedras recobertas de musgo e de grama do nobre falecido, seu amado. Quando enfim o encontrar, o bardo cinzento caminhante, que no amplo pasto busca a pegada de seus pais e, ah!, encontra suas lápides e então olha lamuriante para a querida estrela da noite que se esconde no mar revolto, e os tempos do passado se avivam na alma do herói, quando ainda brilhava o raio amigável que alertava os valentes para os perigos e a Lua iluminava seu navio que retornava vitorioso, enfeitado de guirlandas. Quando leio a profunda aflição em sua testa e vejo o último magnífico abandonado, cambaleando para o túmulo em toda a sua exaustão, e como sempre acaba sugando novas alegrias ardentes e dolorosas na presença fraca das sombras de seus falecidos, olhando para baixo, para a terra fria e para os juncos altos balançando ao vento e exclama: “O caminhante virá, virá, que me conheceu em minha beleza, e perguntará: ‘Onde está o cantor, o excelente filho de Fingal?’ Seu pontapé passa por cima de meu túmulo, e ele pergunta em vão por mim na terra”. Ó, meu amigo! Quero puxar a espada tal como um nobre portador de armas, libertar meu príncipe de uma só vez do tormento da vida que se esvai lentamente e enviar para o semideus liberto a minha alma.



aos 19 de outubro

Ah, essa lacuna! Essa lacuna terrível que sinto aqui em meu peito! Muitas vezes penso: se eu pudesse apertá-la contra esse coração apenas uma vez, uma vez apenas, toda essa lacuna seria preenchida.



aos 26 de outubro

Sim, meu querido, tenho a certeza, e cada vez mais certeza, que interessa pouco, muito pouco, a existência de uma criatura. Chegou uma amiga à casa de Lotte e fui até a sala ao lado para pegar um livro, não consegui ler, depois peguei uma pena para escrever. Ouvi-as conversando em voz baixa; elas contavam uma à outra coisas insignificantes, novidades da cidade: esta casando, aquela outra doente, muito doente.

— Ela está com uma tosse seca, os ossos lhe saltam ao rosto e ela tem desmaios... não dou um tostão pela sua vida — disse a amiga.

— O N. N. também está muito mal — respondeu Lotte.

— Já está inchado — completou a outra.

E a minha imaginação fértil já me transportou para a beira da cama desses pobres coitados; eu os via, com que repulsa eles davam as costas para a vida, como eles... Wilhelm! E as minhas mulherzinhas falavam disso como se costuma falar disso... um estranho morrendo. E quando olho ao redor e olho para o recinto e à minha volta as roupas de Lotte e os escritos de Albert e esses móveis, dos quais agora já sou tão amigo, até esse tinteiro, e penso: veja o que você é agora nessa casa! Tudo junto. Seus amigos o honram! Muitas vezes você faz a alegria deles, e ao seu coração parece que sem eles não pode ser; mesmo assim... se agora fosse embora, se saísse desse círculo de amizade? Eles sentiriam, por quanto tempo sentiriam a lacuna que escancararia a sua perda no destino deles? Por quanto tempo? Ó, tão transitório é o homem que, mesmo quando tem certeza de sua existência, quando tem a única impressão verdadeira de seu presente, que é na lembrança, na alma de seus entes queridos, que percebe que precisa se extinguir, desaparecer, e isso muito em breve!



aos 27 de outubro

Muitas vezes quero dilacerar meu peito e esmigalhar meu cérebro, vendo que podemos ser tão pouco importantes uns para os outros. Ah, se eu não contribuir com amor, alegria, calor e deleite, não será o outro a me dá-los, e com um coração inteiro repleto de felicidade, não irei tornar feliz quem estiver frio e sem forças diante de mim.



aos 27 de outubro • à noite

Eu tenho tanto, e o sentimento por ela consome tudo; eu tenho tanto, e sem ela tudo isso se torna nada.



aos 30 de outubro

Cem vezes já estive a ponto de abraçá-la! Deus sabe o que sinto ao ver passear diante de mim tanta amabilidade sem poder tocá-la; e o toque é o instinto mais natural da humanidade. As crianças não tocam em tudo que lhes vem à frente...? E eu?



aos 3 de novembro

Deus bem sabe! Tantas vezes vou deitar à noite com o desejo, e mesmo na esperança de não acordar mais: e de manhã abro os olhos, volto a ver o Sol, e fico mal. Ah, pudesse eu ser irritadiço, jogar a culpa no tempo, em um terceiro, em um empreendimento malsucedido, pois assim a carga insuportável do mal-estar se reduziria à metade. Ai de mim! É bem verdade que sinto que a culpa é toda minha... mas não é culpa! Já é suficiente a fonte de toda a miséria dentro de mim ter sido deteriorada, assim como outrora a fonte de todas as felicidades. Por acaso não sou exatamente o mesmo que antes flutuava na plenitude dos sentimentos, que a cada passo via surgir diante de mim um paraíso, que tinha um coração disposto a abraçar, afetuoso, um mundo inteiro? E esse coração agora está morto, dele não brotam mais encantos, meus olhos estão secos, e meus sentidos, que não são mais alimentados por lágrimas refrescantes, franzem amedrontados a minha testa. Sofro muito, pois perdi o que era o único deleite da minha vida, a força sagrada e estimulante com a qual criava mundos à minha volta; foi-se embora! Quando olho pela janela em direção à colina distante, vendo o Sol matinal despontar ali no topo, atravessando a neblina e iluminando a várzea silenciosa, e o rio suave serpenteando em minha direção, em meio aos chorões desfolhados, ó!, essa natureza exuberante se posta imóvel diante de mim como uma pequena imagem envernizada, e todo esse deleite não consegue bombear uma gota sequer de felicidade do meu coração para o cérebro, e esse homem todo fica diante de Deus como uma fonte seca, um balde furado. Muitas vezes me joguei no chão e pedi a Deus que me desse lágrimas, assim como um lavrador pede chuva quando o céu está pesado sobre ele e a terra, sedenta.



Mas, ah, sinto que Deus não dá chuva e Sol diante de nossas súplicas intempestivas, e aqueles tempos cuja lembrança me martiriza, pergunto-me por que eram tão felizes, e vejo que era porque esperava paciente o Seu espírito, e absorvi com o coração pleno e profundamente grato o deleite que Ele derramou sobre mim.



aos 8 de novembro

Ela criticou meus excessos! Mas, ah, de forma tão amável! Meus excessos, quando às vezes tomo uma taça de vinho e sou levado a tomar a garrafa inteira!

— Não faça isso! — disse ela. — Pense em Lotte!

— Pensar! — disse eu. — Mas precisa lembrar-me disso? Eu penso...! Eu não penso! Está sempre em minha alma! Hoje estive no lugar em que outro dia você desceu da carruagem.

Ela mudou de assunto, para não permitir que eu me aprofundasse no assunto. Meu caro, estou perdido! Ela pode fazer comigo o que bem entender.



aos 15 de novembro

Agradeço-lhe, Wilhelm, pela sua empatia cordial, pelo seu conselho bem-intencionado e peço que se acalme. Deixe que eu aguente; apesar do meu cansaço, ainda tenho força para seguir. Respeito a religião, sabe disso, sinto que para muitos esgotados ela é cajado, para muitos desfalecidos é alívio. Mas será que pode e deve sê-lo para todos? Se olha para o vasto mundo, verá milhares para os quais ela não o foi, milhares para quem nunca o será, com ou sem prédica, e será que deve sê-lo para mim? Não é o próprio filho de Deus quem diz que estarão em volta dele aqueles que o Pai lhe deu? E se eu não lhe for dado? E se o Pai quiser me manter junto dele, como diz meu coração? Peço-lhe que não interprete isso de forma errada; não veja escárnio nessas inocentes palavras; é minha alma inteira que lhe apresento aqui; senão preferiria ter-me calado: como sei tão pouco de tudo isso quanto todo mundo, não gosto de comentar a respeito. Não seria apenas destino dos homens aguentar o seu fardo e tomar o cálice até o fim? E se o cálice foi amargo demais para o Deus do céu em seus lábios humanos, por que deveria eu me gabar e fazer de conta que para mim é doce? E por que deveria eu ter vergonha no momento terrível em que todo o meu ser treme entre ser e não ser, quando o passado brilha como um raio sobre o abismo tenebroso do futuro e tudo à minha volta naufraga e o mundo, junto comigo, sucumbe? Não será, então, a voz da criatura completamente confinada em si mesma, perdida de si mesma e em queda irrefreável a dizer, com voz rangente nas profundezas interiores de suas forças, se regenerando em vão “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”, e deveria eu me envergonhar por essa expressão, deveria ter medo do momento em que não foi poupado nem aquele que enrola os céus como uma toalha?



aos 21 de novembro

Ela não vê, não percebe que está preparando um veneno que destruirá a mim e a ela; e eu sorvo cheio de volúpia o copo que ela me deu para a minha ruína. Qual o sentido do olhar bondoso com que ela me olha com frequência — com frequência? — não, não é com frequência, mas às vezes, qual o sentido da amabilidade com que absorve uma expressão não intencionada do meu sentimento, qual o sentido da compaixão com meu padecimento que se desenha em sua fronte?

Ontem, quando estava de partida, ela me estendeu a mão e disse:

— Adeus, querido Werther!

Querido Werther! Foi a primeira vez que me chamou de querido, e estremeci até os ossos. Repeti cem vezes para mim mesmo e ontem à noite, quando ia deitar e conversava comigo mesmo sobre várias coisas, subitamente disse:

— Boa noite, querido Werther!

E, em seguida, tive de rir de mim mesmo.



aos 22 de novembro

Não posso rezar: “Deixe-a para mim!”; no entanto, muitas vezes ela parece ser minha. Não posso rezar: “Dê-me ela!”; pois ela pertence a outro. Vou lidando com as minhas dores de forma jocosa; se deixasse de fazê-lo, haveria toda uma ladainha de antíteses



24 de novembro

Ela sente o que padeço. Hoje o seu olhar penetrou fundo no meu coração. Encontrei-a sozinha; eu nada dizia e ela me olhava. E não vi mais nela a beleza doce, nem a luz do belo espírito, tudo aquilo havia desaparecido aos meus olhos. Um olhar muito mais majestoso teve efeito sobre mim, cheio de expressão da mais íntima empatia, da mais doce compaixão. Por que eu não podia me jogar a seus pés? Por que não podia responder com mil beijos em seu pescoço? Ela buscou refúgio junto ao piano, exalava sons harmoniosos com voz doce e baixa, acompanhando a música. Nunca vi seus lábios tão encantadores; pareciam abrirem-se sedentos para sorver aqueles doces sons que brotavam do instrumento... e se apenas o eco secreto ressoasse da boca pura... se eu pudesse dizer-lhe isso assim! Não resisti mais, curvei-me e jurei: nunca ousarei estampar um beijo em vós, lábios nos quais flutuam os espíritos do céu. E mesmo assim... quero... ah! Veja, como se sente cindida a minha alma — com essa bem-aventurança — e que depois sucumbe para pagar esse pecado... pecado?



aos 26 de novembro

Às vezes, digo a mim mesmo: seu destino é único; chame os outros de felizes — nenhum foi tão martirizado, então leio um poeta dos primórdios e é como se visse meu próprio coração. Tenho de suportar tanto! Ah, será que os homens antes de mim também já eram tão miseráveis?



30 de novembro

Não devo, não devo me recompor! Aonde quer que eu vá, encontro uma entidade que me tira do prumo! Hoje! Ó destino! Ó humanidade!

Ao meio-dia fui até o rio, não tive vontade de comer. Tudo ermo, um vento frio e molhado soprava da montanha e as nuvens carregadas, cinzentas, entravam no vale. Ao longe vejo uma pessoa vestida com um casaco verde mal ajambrado andando em meio às rochas e que parecia estar procurando ervas. Quando me aproximei e ele se virou ao ouvir o meu ruído, vi uma fisionomia muito interessante na qual o traço principal era um luto velado, mas que de resto não expressava nada além de uma boa índole; seus cabelos pretos estavam enrolados em dois rolos, presos por agulhas, e o restante disposto em uma trança grossa que lhe descia pelas costas. Como as suas roupas me faziam pensar que era uma pessoa de classe baixa, acreditava que ele não levaria a mal se eu prestasse atenção em sua atividade e, portanto, perguntei o que procurava.

— Procuro — respondeu ele, com um profundo suspiro — por flores, e não acho nenhuma.

— Mas esta não é a estação certa — disse eu, sorrindo.

— Há tantas flores — disse ele, descendo até perto de mim. — No meu jardim há rosas e madressilvas de dois tipos, uma me foi dada pelo meu pai e cresce como mato; já procuro por ela há dois dias e não acho. Lá fora também sempre há flores, amarelas e azuis e vermelhas, e a erva fel-da-terra tem uma florzinha bonita. Não encontro nenhuma delas.

Percebi algo sinistro, e então perguntei a ele por meio de subterfúgios:

— Mas o que quer fazer com essas flores?

Um sorriso maravilhoso e trêmulo o fez contorcer o rosto.

— Se não me entregar — disse ele, colocando o indicador sobre os lábios —, é que prometi um buquê para o meu amor.

— Isso é muito bom — disse eu.

— Ó — disse ele —, ela tem muitas outras coisas, ela é rica.

— E mesmo assim, ela gosta de seu buquê — retruquei.

— Ó — continuou ele —, ela tem joias e uma coroa.

— E qual é o nome dela?

— Se os Estados Gerais me pagassem — retrucou — eu seria outro homem! Sim, houve um tempo em que estive muito bem! Agora estou acabado. Sou o que sou.

Um olhar molhado para o céu exprimia tudo.

— Então é feliz? — perguntei.

— Ah, queria voltar a ser! — disse ele. — Eu me sentia tão bem, tão alegre, leve como um peixe n'água!

— Heinrich! — chamava uma senhora de idade que vinha pelo caminho. — Heinrich, onde estava? Procuramos por você em todos os lugares, venha comer.

— É seu filho? — perguntei, me aproximando dela.

— Sim, meu pobre filho — respondeu. — Deus me deu uma cruz pesada para carregar.

— Há quanto tempo ele está assim?

— Quietamente assim — disse ela — vai fazer meio ano. Graças a Deus ele está assim; antes, durante um ano, tinha ataques de fúria, daí ficou acorrentado no hospício. Agora ele não faz mal a ninguém, apenas lida com reis e imperadores. Era um homem tão bom, tão quieto, que ajudava a trazer alimento para casa, que tinha uma bela caligrafia e que subitamente ficou melancólico, foi acometido por febre alta, desembocando em ataques de fúria, e agora está como o vê. Se lhe contasse, senhor.

Interrompi o fluxo de suas palavras com a seguinte pergunta:

— Mas que tempo foi esse no qual ele se vangloria de ter sido tão feliz, de se sentir tão bem?

— Que tolo! — exclamou ela, com um sorriso de compaixão. — Ele se referia ao tempo em que estava fora de si, é o que sempre apregoa; é a época em que estive no hospício, quando não sabia nada de si mesmo.

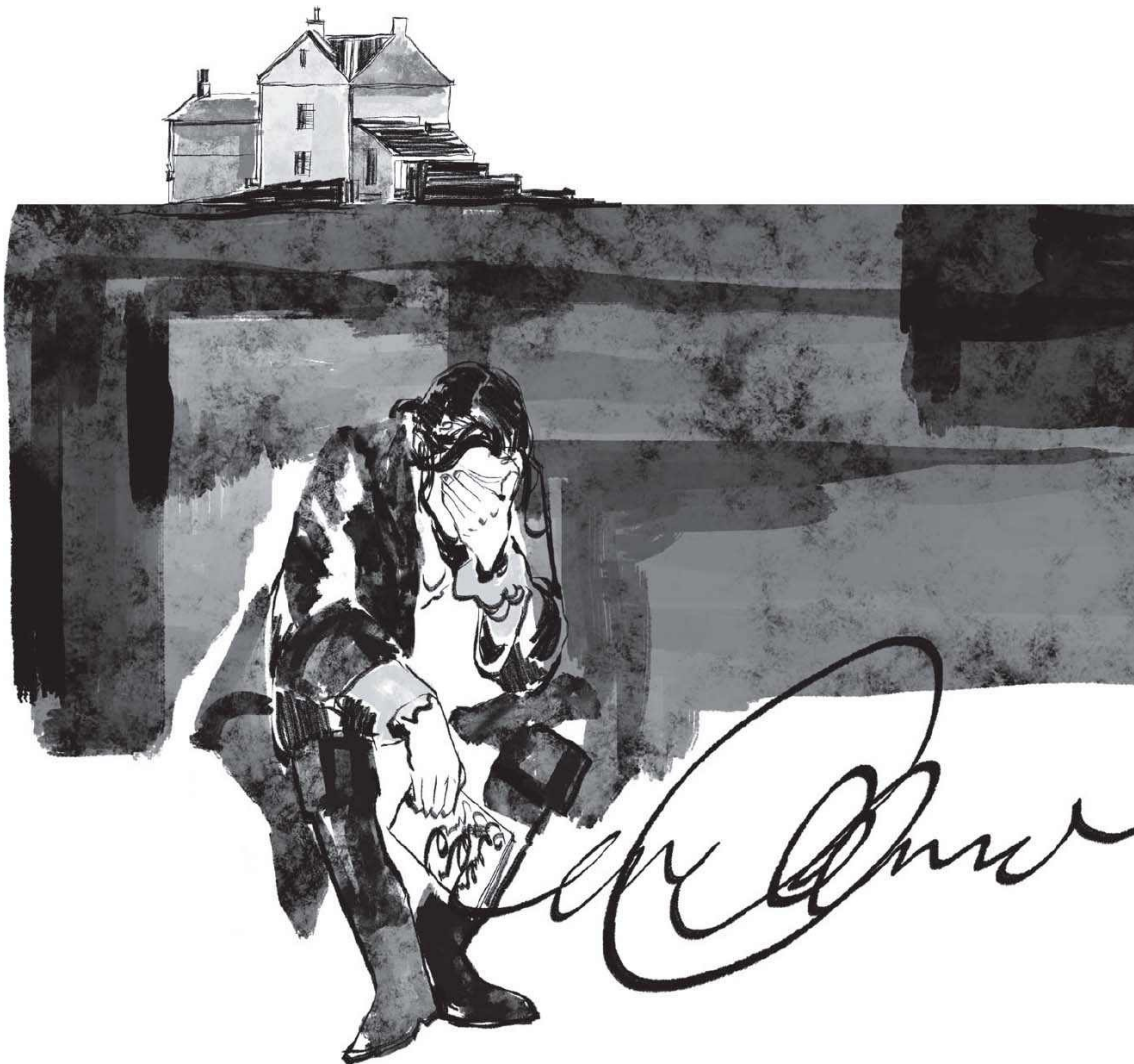
Aquilo me atingiu como um raio, pus uma moeda em sua mão e a deixei, apressado. “Quando era feliz!”, exclamei para mim mesmo, indo em direção à cidade, “quando se sentia bem como um peixe n'água!”. Deus do céu! Foi nisso que transformou o destino dos homens: que não fossem felizes até chegarem à razão, voltando a ser felizes quando a perdessem. Que homem miserável! E como invejo a sua tristeza, a confusão de sentidos em que padece! Ainda sai com a esperança de colher flores para a sua rainha — no inverno — e fica triste por não encontrá-las e não entende por que não as encontra. E eu... eu saio sem esperança, sem objetivo, e volto para casa do mesmo modo que saí. Imagina que homem seria se os Estados Gerais lhe pagassem. Feliz criatura, que pode atribuir

a falta de felicidade a um obstáculo terreno! Não sente, não sente que é dentro do seu coração destruído, do seu cérebro destroçado, que está a sua miséria, e que não há reis nesta terra que possam o ajudar. Deveria morrer desamparado aquele que zomba de um doente, que vai até alguma fonte distante, fonte essa que intensificaria a sua doença e lhe reservasse uma morte mais dolorosa. É a mesma coisa daquele que se julga superior diante de um coração aflito e que, para se livrar da consciência pesada e dos sofrimentos da alma, empreende uma peregrinação ao Santo Sepulcro. Cada passo que suas solas derem em caminhos não trilhados é uma gota de alívio para a alma amedrontada, e, a cada dia de viagem suportado, o coração se deita mais aliviado em meio às muitas aflições. E podem chamar a isso de loucura, vocês comerciantes de palavras, sentados em suas poltronas estofadas? Loucura! Ó, Deus! Veja minhas lágrimas! E o Senhor, tinha de criar o homem suficientemente pobre, tinha de lhe dar também irmãos que ainda por cima lhe roubam aquele pouco de pobreza, aquele pouco de confiança que ele tem no Senhor, no Senhor, que a todos amas! Pois a confiança em uma raiz curativa, nas lágrimas da videira, o que são senão a confiança no Senhor, a confiança de que pôs em tudo que nos rodeia a força de curar e de suavizar a dor, aquilo que precisamos a toda hora? Pai que não conheço! Pai, que antes preenchia toda a minha alma e agora desviou o seu rosto de mim, chama-me para junto do Senhor! Não continue em silêncio! Seu silêncio não deterá esta alma sedenta — mesmo que um homem, um pai, esbravejasse diante do abraço do filho que retorna inesperadamente, dizendo: “Voltei, meu pai!”. Não esbraveje por eu ter interrompido a minha caminhada, que por Sua vontade eu deveria ter continuado. O mundo é o mesmo em todo lugar, por esforço e trabalho ganhamos recompensa e alegria; mas de que me serve isso? Só me sinto bem onde o Senhor está, e quero sofrer e fruir diante do Senhor... e o Senhor, Pai celestial, o repeliria?



no dia 1º de dezembro

Wilhelm! Aquele homem sobre o qual lhe escrevi, o feliz infeliz, era escrevente do pai de Lotte, e uma paixão que nutriu por ela e escondeu foi descoberta; por causa dela foi despedido do serviço, e isso foi o que o enlouqueceu. Sinta, com essas palavras secas, a desmedida com que essa história me afetou quando Albert a contou para mim com a mesma tranquilidade com que você talvez a leia.



aos 4 de dezembro

Peço-lhe, veja, é o meu fim, não aguento mais! Hoje estive sentado junto dela — sentado, ela ao piano, tocando melodias variadas e com tanta expressividade! Tanta! Tanta! O que quer? Sentada em meus joelhos, a irmãzinha dela arrumava a boneca. As lágrimas me saltaram aos olhos. Curvei-me, e sua aliança se mostrou à minha vista — minhas lágrimas escorreram — e de repente ela tocou aquela velha melodia, celestial e doce, tão de repente, e me perpassou a alma uma sensação de consolo e uma lembrança do passado, dos tempos em que ouvira aquela canção, dos sombrios espaços intermediários de dissabores, das esperanças malogradas, e depois... eu ia e vinha pelo salão, meu coração sufocava diante da importunação.

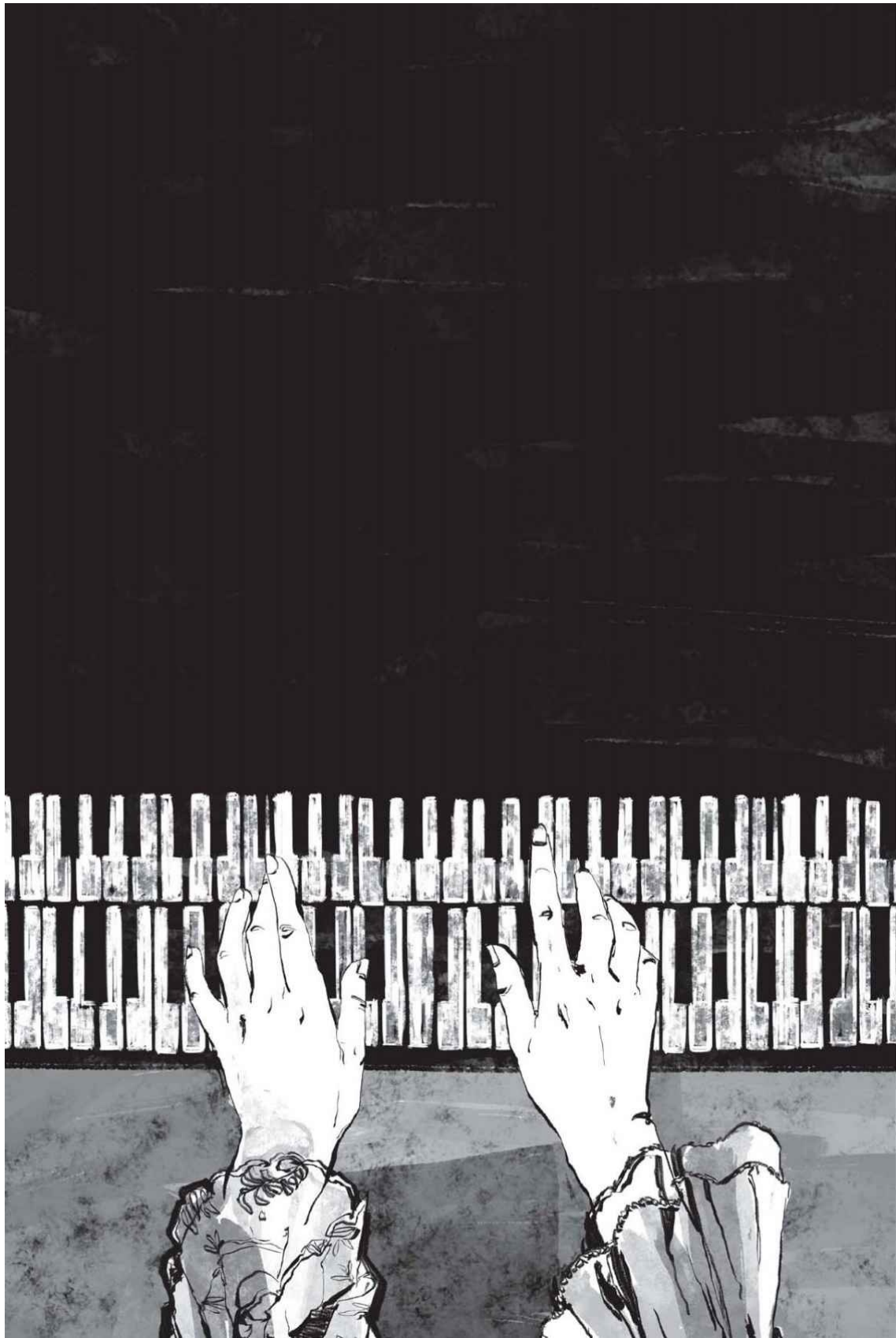
— Pelo amor de Deus — disse eu, irrompendo de forma brusca e indo em sua direção. — Pelo amor de Deus, pare!

Ela parou e me olhou fixamente.

— Werther — disse ela, com um sorriso que me atravessou a alma —, Werther, está muito doente, seus pratos favoritos lhe são repulsivos. Vá! Peço-lhe, acalme-se.

Arranquei-me à força de perto dela e... Deus! Veja a minha miséria e termine com ela.





aos 6 de dezembro

Como a figura me persegue! Em vigília e sonhando ela preenche toda a minha alma! Aqui, quando fecho os olhos, aqui em minha frente, onde a força da visão interna se concentra, estão os olhos negros dela. Aqui! Não consigo expressar para você. Se fecho meus olhos, eles estão lá; como um mar, como um abismo repousam diante de mim, em mim; preenchem os sentidos da minha frente.

O que é o homem, o aclamado semideus! Mas não lhe faltam forças justamente quando mais precisa delas? E quando, em alegria, ele se eleva ou sucumbe em sofrimento, não é retido em ambos e trazido de volta para a consciência obtusa e fria, justamente quando ansiava perder-se na plenitude do infinito?



do editor ao leitor

Como eu desejaria que tivessem restado testemunhos de próprio punho dos últimos dias estranhos de nosso amigo, para que eu não tivesse de interromper com narrativa a sequência das cartas que ele deixou.

Tentei reunir notícias precisas vindas da boca daqueles que pudessem estar bem informados sobre a sua história; ela é simples, e todas as narrativas coincidem, à exceção de alguns pequenos detalhes; as opiniões divergem e os juízos se dividem apenas quando se trata da índole das pessoas em questão.

O que nos resta senão contar de forma conscienciosa aquilo que descobrimos com esforço repetido, encaixando as cartas deixadas pelo falecido e não desprezando nenhuma folhinha, por menor que seja, uma vez que já é tão difícil descobrir as próprias e verdadeiras molas propulsoras de apenas uma única ação, quando passada em meio a pessoas que não são comuns.

Descontentamento e desprazer sempre fincaram raízes profundas na alma de Werther, e se emaranhavam cada vez mais fortemente, tomando conta, por fim, de todo o seu ser pouco a pouco. A sua harmonia de espírito estava totalmente destruída, um calor e uma intensidade internos, que embaralhavam todas as forças de sua natureza, produziam os mais contraditórios efeitos, deixando para ele, ao final, somente a exaustão, de onde ainda se ergueu mais temeroso do que quando havia lutado contra todos os males. O seu coração amedrontado consumiu as forças restantes de seu espírito, sua vivacidade, sua sagacidade, e ele tornou-se uma companhia triste, cada vez mais infeliz e cada vez mais injusta quanto mais infeliz ficava. Pelo menos é o que dizem os amigos de Albert, que afirmam que Werther não havia conseguido compreender um homem puro e calmo que acabara de alcançar uma felicidade longamente esperada, e que apenas almejava mantê-la no futuro; justamente ele, que a cada dia consumia todo o seu patrimônio, para, à noite, sofrer e privar-se de muitas coisas. Diziam que Albert não havia mudado em tão pouco tempo, ainda era o mesmo que Werther conhecera lá no início, e que tanto apreciava e respeitava. Ele amava Lotte mais do que tudo, tinha orgulho dela e desejava que também fosse reconhecida por todos como a mais esplêndida das criaturas. Não deveríamos, então, entendê-lo quando desejava afastar toda e qualquer suspeita, quando nesse momento não teve vontade de compartilhar com ninguém aquela posse preciosa, mesmo que da forma mais inocente? Eles confessam que Albert

muitas vezes saía dos aposentos de sua esposa quando Werther estava com ela, mas não por ódio ou aversão a seu amigo, e sim porque intuía que ele se sentia oprimido com sua presença.

O pai de Lotte tinha sido acometido por um mal que o manteve preso ao quarto e mandou seu coche para ela, que foi até lá. Era um belo dia de inverno, e a primeira neve havia caído com intensidade, recobrindo toda a região.

Na manhã seguinte, Werther foi atrás dela para acompanhá-la de volta, caso Albert não viesse buscá-la.

O dia claro tinha pouco efeito sobre o seu ânimo obscurecido, uma pressão obtusa sobre a alma; as imagens tristes tinham se cristalizado dentro dele, e o seu ânimo não conhecia nenhum movimento além de ir de um pensamento dolorido a outro.

Como nunca conseguia estar em paz consigo mesmo, parecia-lhe que o estado dos outros também era mais preocupante e confuso; ele acreditava ter atrapalhado a bela relação entre Albert e sua esposa, e criticava-se por isso, sendo que se imiscuía uma má vontade secreta em relação a Albert.

Os pensamentos dele também se ocupavam desse assunto em trânsito. “Sim, sim”, dizia a si mesmo, com um ranger de dentes secreto, “é este o comportamento empático, familiar, simpático, carinhoso, a fidelidade calma e duradoura! É saturação e indiferença! Será que ele não é atraído mais por qualquer reles negócio do que por sua cara e preciosa esposa? Será que sabe valorizar a própria felicidade? Sabe respeitá-la como ela merece? Ele a tem, que seja, ele a tem... sei disso como também sei de outra coisa, acho que me acostumei com a ideia, isso ainda vai me enlouquecer, ainda vai me matar... e será que a amizade comigo se manteve de pé? Será que ele não vê em meu apego a Lotte uma intervenção em seus direitos, e em minha atenção para com ela uma crítica silenciosa? Sei bem que é assim, sinto, ele não gosta de me ver, deseja meu afastamento, minha presença é penosa para ele.”



Muitas vezes interrompia seus passos ligeiros, muitas vezes ficava parado e parecia querer voltar; mas sempre caminhava para frente, e em meio a esses pensamentos e às conversas consigo mesmo, acabou chegando à casa de caça contra a sua vontade.

Entrou pela porta, perguntou pelo velho e por Lotte e encontrou a casa com algum movimento. O menino mais velho lhe disse que havia acontecido um acidente lá em Wahlheim, tinham matado um camponês. O fato não causou grande impacto nele. Entrou no salão e encontrou Lotte ocupada, tentando convencer o velho a não ir até lá, pois, apesar da doença, era o que ele queria fazer, para avaliar o ato no local. Ainda não se conhecia o autor do crime, haviam encontrado o morto de manhã na frente da porta de casa, e havia suspeitas: o morto era empregado de uma viúva, que antes tinha outro a seu serviço, mas que havia sido dispensado em meio a discórdias.

Quando Werther ouviu aquilo, levantou-se de súbito.

— Será possível? — exclamou. — Preciso ir até lá, não descanso mais nem um

minuto.

Foi rapidamente em direção a Wahlheim, cada lembrança viva em sua memória, e não duvidou um instante sequer de que quem havia cometido o ato era aquela pessoa com quem havia falado tantas vezes, e que lhe tinha sido tão caro.

Como precisava passar pelas tílias para chegar à taberna onde haviam colocado o corpo, ficou horrorizado diante da praça normalmente tão amada. Aquela soleira sobre a qual as crianças da vizinhança brincaram tantas vezes estava lambuzada de sangue. Amor e fidelidade, os sentimentos humanos mais bonitos, tinham se transformado em violência e assassinato. As árvores robustas estavam ali sem as folhas e com gelo, as belas cercas vivas que se fechavam em curva sobre o muro baixo do pátio da igreja tinham perdido as folhas, e as lápides, cobertas de neve, espreitavam por entre as lacunas.

Quando se aproximava da taberna, diante da qual o vilarejo inteiro se reunira, começou uma gritaria repentina. Ao longe se avistava uma tropa de homens armados e todos gritaram que traziam o assassino. Werther olhou e não teve dúvidas. Sim, era o empregado que tanto amava a viúva, aquele que há algum tempo ele havia encontrado vagando por aí com uma raiva silenciosa, com um desespero secreto.

— O que fizeste, infeliz! — exclamou Werther, indo em direção ao preso.

Ele o olhou em silêncio, calou-se e enfim respondeu resignado:

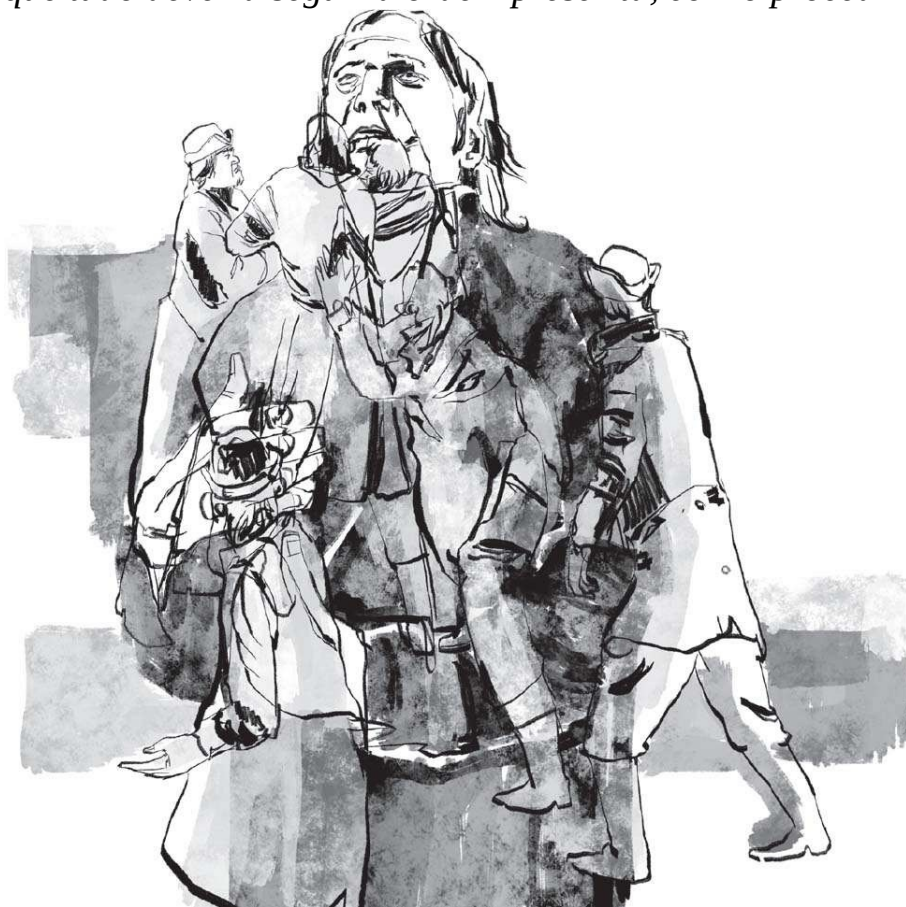
— Ninguém vai tê-la, ela não terá ninguém.

Levaram o preso para a taberna e Werther saiu apressado.

Através dessa comoção terrível e violenta, tudo que era de sua essência fora embaralhado. Por um momento, fora arrancado de seu luto, seu mal-estar, sua entrega indiferente; a empatia apoderou-se dele de forma irreversível, e foi acometido de um desejo de salvar o homem. Ele o sentiu tão infeliz, achou-o tão sem culpa do crime, colocou-se tanto no lugar dele que acreditava também poder convencer outros disso. Imediatamente desejou falar em nome dele, a fala mais eloquente se avizinhava de seus lábios; apressou-se em ir à casa de caça e, no caminho, não se conteve em falar a meia voz tudo o que queria apresentar ao bailio.

Quando entrou no salão, encontrou Albert, o que o aborreceu um pouco, mas logo se recompôs e apresentou acaloradamente ao bailio as suas intenções. Este

sacudiu a cabeça algumas vezes, e apesar de Werther apresentar com a maior vivacidade, paixão e verdade tudo o que um homem pode dizer para desculpar outro homem, o bailio não se comoveu, como se pode imaginar facilmente. Ele não deixou nosso amigo terminar, refutou-o com afinco e o criticou por proteger um assassino; mostrou a ele que dessa forma toda lei seria suspensa, toda segurança de Estado seria arruinada; e acrescentou que nesse caso não poderia fazer nada sem que isso significasse assumir uma responsabilidade enorme, e que tudo deveria seguir a ordem prescrita, com o procedimento previsto.



Werther não se entregou, pediu ao bailio que ao menos fizesse vista grossa quando ajudassem o homem a fugir! Mas isso também foi rejeitado pelo bailio. Albert, que enfim entrou na conversa, colocou-se do lado do velho. Werther saiu derrotado, e com um sofrimento horrível pôs-se a caminho, depois de o bailio ter-lhe dito algumas vezes “Não, ele não tem salvação!”.

O quanto essas palavras lhe chamaram a atenção fica evidente a partir de um bilhetinho que se encontrava em meio a seus papéis, e que certamente foi escrito no mesmo dia.

“Não tens salvação, infeliz! Vejo bem que não temos salvação.”

O que Albert dissera por último com relação ao preso, na presença do bailio, fora extremamente repugnante para Werther: ele acreditava ter percebido alguma sensibilidade contra ele ali, e, após ponderar um pouco, mesmo sua esperteza fazendo-o perceber que ambos poderiam estar certos, tinha a sensação de que deveria renunciar ao seu mais íntimo se tivesse de confessar, se tivesse de admitir isso.

Um papelzinho que relata isso, e que talvez expresse toda a sua relação com Albert, encontra-se em meio aos papéis dele.

“De que me adianta dizer e repetir que ele é um homem honesto, um bom homem, isso me revolve as entranhas; não consigo ser justo.”

Por ser uma noite agradável e o tempo tender a descongelar tudo, Lotte voltou a pé com Albert. No caminho, ela olhava aqui e acolá, como se estivesse sentindo falta da companhia de Werther. Albert começou a falar dele, o criticou, mas foi justo com ele. Tocou em sua paixão infeliz e desejou a possibilidade de afastá-lo.

— Também desejo isso por nós — disse ele. — E peço-lhe — continuou —, veja se consegue dar um outro rumo para o comportamento dele em relação a você, reduza as frequentes visitas dele. As pessoas estão reparando, e sei que se falou a respeito aqui e ali.

Lotte calou-se e Albert pareceu sentir o silêncio, e ao menos a partir dali não mencionou mais Werther diante dela; quando ela o mencionava, ele interrompia a conversa ou a conduzia para outro assunto.

A vã tentativa de Werther de salvar o infeliz foi o último flamejar da chama de uma luz em extinção; ele mergulhou ainda mais fundo na dor e na inatividade, e quase ficou fora de si quando ouviu que talvez pudessem chamá-lo para testemunhar contra o homem, que agora insistia em negar tudo.

Tudo o que havia acontecido de desagradável em sua vida laboriosa, o mal-estar com o representante do governo, tudo que havia fracassado, o que o tinha ofendido, fervilhava em sua alma. Por tudo isso, julgava ter direito à inatividade, achava-se excluído de toda e qualquer perspectiva, incapaz de iniciar qualquer atividade com que se executa as tarefas da vida comum; e assim, entregue totalmente ao seu sentimento maravilhoso, à sua forma de pensar e a uma paixão infinita, na rotina eterna de um convívio triste com a criatura amável e amada, cuja paz ele atrapalhava, tomando suas forças de assalto e usando-as sem qualquer sentido ou perspectiva, finalmente se aproximava cada vez mais de um triste fim.

Algumas das cartas deixadas por ele e que gostaríamos de inserir aqui dão testemunho da sua confusão, da sua paixão, da sua atividade e do seu anseio incansáveis, além do seu cansaço diante da vida.



aos 12 de dezembro

Querido Wilhelm, encontro-me no estado em que devem ter ficado aqueles infelizes os quais se acreditava estarem possuídos por maus espíritos. Às vezes me domina; não é medo, nem desejo, é um fervilhar interno, desconhecido, que ameaça dilacerar meu peito, que me aperta a garganta! Ai de mim! Ai de mim! E então vagueio a esmo pelas cenas noturnas terríveis dessa estação do ano misantrópica.

Ontem à noite tive de sair. Subitamente tivemos o degelo, fiquei sabendo que o rio transbordara, todos os riachos se encheram e inundaram meu querido vale, vindos de Wahlheim! À noite, depois das onze, corri para fora. Um espetáculo terrível ver as marés retorcidas descendo das rochas em turbilhões iluminados pela luz da Lua, passando por sobre plantações e prados e sebes e tudo o mais, e subindo e descendo o vale um mar revolto no assobio do vento! E quando, então, a Lua reapareceu, descansando sobre a nuvem negra, e diante de mim rolava e ressoava a maré em reflexo terrível e belo, fui acometido por um calafrio, e novamente por um anseio! Ah, de olhos abertos estava diante do abismo e respirava para baixo! Para baixo! E me perdi em meio ao regozijo de jogar lá para baixo meus tormentos, meus sofrimentos! Bramir naquela direção como as ondas! Ó! E não conseguiu erguer o pé do chão, nem terminar todos os tormentos! Meu tempo ainda não se esgotou, eu sinto! Ó, Wilhelm! Como teria abdicado da minha condição de humano para poder rasgar as nuvens com aquele vento tempestuoso, agarrar as marés! Ah! E será que o encarcerado não terá o prazer de desfrutar esse deleite?

E quando olhei, melancólico, para um lugarzinho onde havia descansado com Lotte debaixo de um chorão em um passeio quente... vi que ali também estava inundado e mal reconheci o chorão! Wilhelm! E seus prados, pensei, e a região em torno da casa de caça! Como está avariada agora a nossa pérgola pela torrente de água! Foi o que pensei. E o raio de Sol do passado deu uma espiada, assim como para um preso aparece o sonho de rebanhos, campos e honrarias. Estava de pé! Não me repreendo, pois tenho coragem de morrer. Teria... agora estou aqui sentado como uma velha que tira a madeira das sebes e o pão das portas para prolongar e aliviar por mais um momento a sua existência definhante e sem alegria.



aos 14 de dezembro

O que é isso, meu querido? Assusto-me comigo mesmo! Não seria o meu amor por ela o mais sagrado, mais puro, mais fraterno? Alguma vez senti em minha alma algum desejo condenável? Não consigo afirmar — e agora, sonhos! Ó, como era verdadeiro o que sentiam as pessoas que atribuíam a forças estranhas os efeitos tão contraditórios! Esta noite! Tremo ao dizê-lo, eu a segurei em meus braços, bem perto de meu peito, e cobri de infinitos beijos sua boca, que sussurrava palavras de amor; meu olho nadava na embriaguez do olho dela! Deus! Seria eu condenável por ainda agora sentir uma felicidade que me traz de volta essas alegrias ardentes de plena intimidade? Lotte! Lotte...! E é o meu fim! Meus sentidos se embaralham; há oito dias já não tenho mais plena consciência das coisas, meus olhos estão cheios de lágrimas. Em nenhum lugar me sinto bem, e em todo lugar me sinto bem. Não desejo nada, não exijo nada. Seria melhor eu partir.

A decisão de deixar este mundo vinha ganhando cada vez mais força na alma de Werther nessa época e nessas circunstâncias. Desde a volta para perto de Lotte, essa sempre havia sido a sua última perspectiva e esperança; mas dizia para si que não deveria ser um ato apressado, não deveria ser rápido, queria dar esse passo plenamente convicto, com a maior firmeza possível.

Suas dúvidas, a luta consigo mesmo, transparecem em um bilhete, que provavelmente era uma carta que começara a escrever para Wilhelm e que foi achado em meio a seus papéis:

A presença, o destino, a empatia dela para com o meu destino ainda fazem brotar as últimas lágrimas do meu cérebro chamuscado. Subir a cortina e ir para trás dela! Isso é tudo! E por que a indecisão e a hesitação? Por não se saber o que há lá atrás? E por não haver volta? É que essa é a característica de nosso espírito, de supor confusão e trevas quando não sabemos nada ao certo.

Por fim, se familiarizara e se amigara cada vez mais com a triste ideia, e o seu propósito tornara-se firme e irrevogável, e disso dá testemunho a carta a seguir,

de duplo sentido, escrita para seu amigo.



aos 20 de dezembro

Agradeço ao seu amor, Wilhelm, por ter acolhido as minhas palavras dessa forma. Sim, tem razão: seria melhor eu partir. A proposta que me fez, de voltar para perto de vocês, não me agrada muito; pelo menos ainda gostaria de fazer um desvio, especialmente porque a previsão é de fim da geada e bons caminhos. Também fiquei muito feliz em saber que quer vir me buscar; apenas atrase em duas semanas e ainda espere uma carta minha com mais detalhes. É preciso que nada seja colhido antes de amadurecer. E duas semanas a mais ou a menos fazem muita diferença. À minha mãe, diga o seguinte: que reze pelo seu filho, e que peço perdão a ela por toda a tristeza que a fiz passar. Esse era o meu destino, entristecer aqueles a quem eu devia alegrar. Adeus, meu caro! Que os céus derramem todas as bênçãos sobre você! Adeus!

O que se passava na alma de Lotte nessa época, quais os seus sentimentos em relação ao marido, ao seu amigo infeliz... nem ousamos expressá-lo em palavras; apesar disso, conhecendo seu caráter, podemos imaginar minimamente o que sentia, imaginando ser a sua uma bela alma feminina, possibilitando, assim, que sintamos com ela.

Uma coisa é certa: Lotte tinha a firme decisão de fazer de tudo para afastar Werther e, quando hesitava, era para preservá-lo de forma amigável e cordial, pois sabia o quanto aquilo seria penoso e praticamente impossível para ele. Mas nessa época ela se viu praticamente forçada a levar aquilo a sério; seu marido calara-se totalmente sobre tal relação, assim como ela também sempre havia se calado; ela tanto mais queria provar a ele, através de um ato, como os sentimentos dela eram merecedores dos seus.

No mesmo dia em que Werther escreveu a última carta aqui inserida a seu amigo Wilhelm — era o domingo antes do Natal —, foi ter com Lotte ao fim da tarde e encontrou-a sozinha. Ela estava ocupada arrumando alguns brinquedos que havia preparado para dar de presente de Natal aos seus pequenos. Ele falou do prazer que os pequenos teriam e dos tempos em que uma inesperada abertura de porta e a aparição da árvore enfeitada com

velas de cera, doces e maçãs nos levavam a um êxtase paradisíaco.

— Deve — disse Lotte, escondendo o próprio embaraço com um sorriso amável — também deve receber um presente, caso se porte bem; uma vela em rolo e mais alguma coisa.

— E o que chama de me portar bem? — exclamou. — Como devo ser? Como posso ser? Cara Lotte!

— Quinta-feira à noite — disse ela — é noite de Natal. Virão as crianças e o meu pai também, e cada um receberá o seu presente, e você virá também, mas não antes disso.

Werther estranhou.

— Peço-lhe — continuou ela —, as coisas serão assim, peço-lhe em nome de minha paz; isso não pode, não pode continuar assim.

Ele desviou o olhar para outro canto e andou no salão para lá e para cá, murmurando o “não pode continuar assim” entredentes. Lotte, sentindo o estado terrível em que aquelas palavras o haviam jogado, buscou distrair os pensamentos dele por meio de todo tipo de pergunta, mas foi em vão.

— Não, Lotte — exclamou —, não voltarei a vê-la!

— E por que isso? — retrucou ela. — Werther, pode, deve, me ver de novo, apenas seja moderado. Ó, por que teve de nascer com essa intensidade, essa paixão irrefreável por tudo que toca uma única vez! Peço-lhe — continuou, segurando-lhe a mão —, controle-se! Seu intelecto, suas ciências, seus talentos, que prazeres múltiplos eles lhe oferecem! Seja um homem, supere esse apego triste por uma criatura que nada pode fazer além de ter compaixão de você.

Ele rangeu os dentes e seu olhar se obscureceu. Ela lhe segurou a mão.

— Tenha mais calma só por um momento, Werther! — disse ela. — Não percebe que se enganou, que se aniquilou voluntariamente? Por que eu, Werther? Justamente eu, que pertença a outro? Justo eu? Eu temo, temo que seja a impossibilidade de me possuir que torna esse desejo tão atraente para você.

Ele recolheu a mão, lançando a Lotte um olhar fixo, indignado.

— Sábia! — exclamou. — Muito sábia! Será que foi Albert quem fez essa observação? Político! Muito político!

— Qualquer um pode fazê-la! — retrucou ela. — E será que nesse vasto mundo não há nenhuma moça que preencha os desejos do seu coração? Faça esse esforço, procure por ela e, juro, a encontrará, pois há muito tempo me assusta, por você e por nós, a limitação para onde você se baniu nesse tempo. Faça esse esforço, uma viagem irá, deverá distraí-lo! Procure, encontre um objeto digno de seu amor, e retorne, e deixe que fruamos a felicidade de uma verdadeira amizade.

— O que diz — disse ele, com uma risada fria — é digno de ser publicado e recomendado a todos os mestres da corte. Querida Lotte! Deixe que eu ainda tenha um pouco de paz, tudo vai se ajustar!

— Peço apenas isto, Werther, que não venha antes da noite de Natal!

Ele quis responder quando Albert entrou no salão. Desejaram-se um boa-noite gélido, andando com embaraço lado a lado no recinto, de lá para cá. Werther começou um discurso irrelevante, que logo definhou; Albert fez o mesmo, e então perguntou à esposa algo sobre determinadas tarefas, e quando ficou sabendo que ainda não haviam sido feitas, dirigiu-lhe algumas palavras que para Werther pareceram frias, até duras. Quis partir, não conseguiu e hesitou até às oito, quando sua irritação e sua indignação se multiplicaram, até que foi posta a mesa e ele pegou seu chapéu e sua bengala. Albert convidou-o a ficar, mas ele, que acreditou ter ouvido apenas uma saudação insignificante, agradeceu friamente e partiu.

Chegou em casa, tirou a lamparina da mão de seu criado, que queria lhe iluminar o caminho, e subiu sozinho para o quarto, chorou alto, falou inflamado consigo mesmo, andou para cá e para lá e, por fim, jogou-se na cama vestido, onde foi encontrado pelo criado, que arriscou entrar perto das onze para perguntar se podia tirar as botas do senhor, o que este permitiu, e proibiu ao criado de entrar no quarto na manhã seguinte antes de ser chamado.

Segunda-feira de manhã cedo, no dia 21 de dezembro, ele escreveu esta carta para Lotte, encontrada selada no dia seguinte sobre sua escrivaninha e enviada a ela. Quero inseri-la aqui em fragmentos, pois as circunstâncias mostram que foi escrita por ele.

Está decidido, Lotte, quero morrer e escrevo-lhe isso sem exageros românticos, plácido, na manhã do dia em que irei vê-la pela última vez. Quando ler isto, minha cara, o fresco túmulo já terá encoberto os restos rígidos do irrequieto, do infeliz, que para os últimos momentos de sua vida não conhece melhor doce do que conversar com você. Tive uma noite terrível e, ah, uma noite benéfica. Foi ela que fortaleceu e definiu minha decisão: quero morrer! Quando ontem me desvencilhei à força de você, na terrível indignação de meus sentidos, quando tudo isso se concentrava em meu coração e minha existência, sem esperança nem alegria a seu lado, apoderou-se de mim com uma frieza horrenda... mal cheguei a meu quarto, caí de joelhos, fora de controle e... oh, Deus! Concedeu-me o último refrigério das mais amargas lágrimas! Mil tentativas, mil perspectivas revolviam minha alma, e por fim, ele estava lá, firme, inteiro, o último e único pensamento: quero morrer! Fui me deitar e, pela manhã, na calma do despertar, ele continua firme, ainda bem forte em meu coração: quero morrer! Não é desespero, é certeza de minha decisão e de meu sacrifício por você. Sim, Lotte! Por que deveria omitir isso? Um de nós três precisa sair, e quero que seja eu! Ó, minha cara! Neste coração dilacerado imiscuiu-se com grande fúria, muitas vezes, a possibilidade de matar seu marido! A você! A mim! Que seja! Quando subir a montanha em uma bela tarde de verão, lembre-se de mim, como tantas vezes subi o vale, e depois olhe para o cemitério da igreja buscando pelo meu túmulo enquanto o vento balança para cá e para lá os juncos altos na luz do Sol poente. Eu estava calmo quando comecei, mas agora, agora choro como uma criança, uma vez que tudo isso aparece de forma tão viva à minha volta...

Por volta das dez horas, Werther chamou o criado, e, enquanto se vestia, disse a ele que viajaria em alguns dias, que então tirasse as roupas do armário e as deixasse preparadas para viagem; também lhe deu ordem para solicitar contas em aberto em todos os lugares, buscar livros emprestados e pagar dois meses adiantados a alguns pobres a quem costumava dar algum dinheiro por semana.

Pedi que trouxessem a refeição para o quarto e, após comer, cavalgou até a casa do bailio, que não estava em casa. Caminhou meditativo no jardim, de um lado a outro, e, por fim, parecia ainda querer acumular toda a tristeza da lembrança dentro de si.

Os pequenos não o deixaram em paz por muito tempo, perseguiram-no, escalaram-no, contaram a ele que quando fosse amanhã, e depois amanhã de novo e mais um dia, iriam buscar os presentes de Natal na casa de Lotte,

e lhe contaram maravilhas permitidas por sua pequena imaginação. “Amanhã!” exclamou, “e amanhã de novo! E mais um dia!”, e beijou-os todos com afeto; estava prestes a sair quando o pequeno ainda quis lhe confidenciar algo no ouvido. Contou-lhe, em segredo, que os irmãos mais velhos já tinham escrito os votos de Ano-Novo, grande assim! E um para o papai, um para Albert e Lotte e um também para o sr. Werther; eles queriam entregar os cartões no primeiro dia do ano. Aquilo o abalou, e deu um presente para cada um, montou seu cavalo, mandou lembranças para o velho e saiu cavalgando com lágrimas nos olhos.

Por volta das cinco chegou em casa, ordenou à criada que verificasse o fogo e o mantivesse aceso até de madrugada. Ao criado ordenou que colocasse livros e roupas íntimas na parte de baixo da mala e acomodasse as vestimentas em sacos fechados com costura. Depois, provavelmente, escreveu o seguinte parágrafo de sua última carta para Lotte:

Não está me esperando! Acha que irei obedecer e revê-la apenas na noite de Natal. Ó, Lotte! Hoje ou nunca mais. Na noite de Natal, estará com este papel na mão, tremendo e molhando-o com suas queridas lágrimas. Quero, preciso! Ó, como me sinto bem agora que estou decidido.

Nesse meio-tempo, Lotte se encontrava em um estado curioso. Depois da última conversa com Werther, sentiu como seria difícil para ela separar-se dele, e como ele sofreria por ter de se afastar dela.

Havia dito na presença de Albert, como se fosse algo superficial, que Werther não retornaria antes da noite de Natal, e Albert fora a cavalo até a casa de um oficial na vizinhança com quem tinha negócios a resolver e onde passaria a noite.

Então ela estava sozinha, nenhum dos irmãos ali perto dela; estava absorta nos próprios pensamentos, que vagavam, silenciosos, sobre a situação em que se encontrava. Viu-se ligada eternamente ao homem cujo amor e fidelidade ela conhecia, de quem gostava de coração, cuja calma, cuja confiabilidade, pareciam determinadas pelo céu para que uma mulher honrada fundasse a felicidade de sua vida; sentia o que ele significava para ela e para as crianças para sempre. Por outro lado, Werther tinha se tornado tão caro a ela; desde o primeiro momento em que se conheceram, evidenciou-se de forma tão bonita a combinação unívoca de seus espíritos;

o longo convívio com ele, tantas situações vividas em conjunto, tinham deixado uma impressão indelével em seu coração. Ela estava acostumada a compartilhar com ele tudo o que sentia e pensava de interessante, e o afastamento dele ameaçava abrir em todo o seu ser uma enorme lacuna que nunca mais poderia ser preenchida. Ó, se naquele momento ela pudesse tê-lo transformado em irmão, como teria sido feliz! Se pudesse tê-lo casado com uma de suas amigas, poderia esperar restabelecer completamente a relação dele com Albert!

Pensou em suas amigas uma a uma, e em cada uma havia algo a criticar, não encontrando nenhuma que julgasse merecedora dele.

Em meio a todas essas considerações, sentiu profundamente, sem tê-lo muito claro, que era seu desejo sincero e secreto mantê-lo para si, dizendo, ao mesmo tempo, que não poderia, não deveria, mantê-lo; o seu espírito sempre puro, belo, normalmente leve e fácil de lhe conferir alento, sentiu a pressão de uma melancolia que vedava a perspectiva de felicidade. O coração dela estava apertado, e uma nuvem turva pairava sobre os olhos.

Já davam seis e meia quando ouviu Werther subir a escada, e logo reconheceu a sua pisada, a sua voz perguntando por ela. Como batia o seu coração, e nos atrevemos a dizer, pela primeira vez, no momento que ele chegou. Ela gostaria de mandar dizer que não estava, e quando ele entrou, disselhe com uma espécie de confusão apaixonada:

— Não manteve a sua palavra.

— Nada prometi — foi sua resposta.

— Então deveria pelo menos ter acatado meu pedido — retrucou. — Pedi a você em nome da paz de ambos.

Não sabia ao certo o que dizia, nem o que fazia, quando mandou buscar algumas amigas para não ficar só com Werther. Ele depôs alguns livros que havia trazido, perguntou por outros, e ela ora desejava que suas amigas chegassem logo, ora que não viessem. A criada voltou, trazendo a notícia de que ambas se desculparam pelo impedimento.

Quis pedir à criada que se sentasse no quarto ao lado com seu trabalho, mas pensou melhor. Werther andava de um lado para o outro; ela foi até o piano e começou a tocar um minueto, mas não fluiu. Recompôs-se e,

resignada, sentou-se perto de Werther, que tinha ocupado seu lugar usual no sofá.

— Não tem nada para ler? — perguntou ela.

Ele não tinha nada.

— Aí na minha gaveta — começou ela — tem a tradução de alguns cantos de Ossian; ainda não os li, pois sempre esperei ouvi-los de você; mas desde então não foi possível, não tivemos oportunidade.

Ele sorriu e foi buscar as canções; um calafrio o acometeu quando as tomou nas mãos, e seus olhos se encheram de lágrimas quando olhou para a página. Sentou-se e leu.

Estrela da noite crepuscular, brilha, bela, no Ocidente, ergue sua cabeça luminosa para fora da sua nuvem, caminha, nobre, sua colina acima. O que busca ver no prado? Os ventos tempestuosos abrandaram; de longe, o murmúrio do córrego em quedas; ondas marulhantes brincam na rocha ao longe; o zumbido dos insetos da tarde envolve os campos. Para onde olha, bela luz? Mas sorri e parte; alegres, as ondas a envolvem e banham seus adoráveis cabelos. Adeus, raio calmo. Apareça, luz majestosa da alma de Ossian!

E ela aparece em sua força. Vejo meus amigos que partiram, reúnem-se em Lora como nos dias que se passaram. Fingal se aproxima como uma colina de neblina úmida; em torno dele, seus heróis, e vê! Os bardos do canto: Ullin grisalho! O portentoso Ryno! Alpin, amável cantor! E você, Minona, do lamento suave! Como estão mudados, meus amigos, desde os dias festivos em Selma, quando disputávamos a honra do canto, como ares primaveris vergando alternadamente as plantas frágeis sobre a colina.

Eis que surgiu Minona, em sua beleza, com olhar baixo e lágrimas nos olhos, pesado fluía seu cabelo no vento inconstante que soprava da colina... Estava sombria a alma dos heróis quando ela ergueu sua voz adorável; pois muitas vezes tinham visto o túmulo de Salgar, muitas vezes a morada obscura da

branca Colma. Colma, abandonada na colina com a voz harmoniosa; Salgar prometeu vir; mas ao redor vinha a noite. Ouvi a voz de Colma, que estava só na colina.

Colma

É noite! Estou sozinha, perdida na colina tempestuosa. O vento sopra alto nas montanhas. O rio cai chorando da rocha. Nenhuma cabana me protege da chuva, a mim, a abandonada na colina tempestuosa. Sai, ó Lua, de detrás de suas nuvens; apareçam, estrelas da noite! Que qualquer feixe de luz me conduza até o local onde meu amor descansa das tribulações da caça, seu arco frouxo ao seu lado, seus cães ofegantes em volta dele! Mas tenho de ficar aqui sentada, sozinha, sobre o rochedo, ladeada das correntezas que se alastram. Rio e tormenta sibilam, não ouço a voz de meu amado.

Por que hesita meu Salgar? Esqueceu sua palavra? Ali, a rocha e a árvore, e aqui, o rio ruidoso! Prometeu estar aqui ao cair da noite; ah! Onde se perdeu meu Salgar?



Com você quis fugir, abandonar pai e irmão, os garbosos! Há

muito nossas raças são inimigas, mas nós não somos inimigos, ó, Salgar!

Silencie um momento, ó vento! Aquiete-se um pouco, ó rio, para que minha voz ecoe pelo vale, para que meu caminhante me ouça. Salgar! Sou eu quem chama! Eis aqui a árvore e a rocha! Salgar! Meu amor! Estou aqui; por que hesita em vir?

Vê, a Lua surge, a água brilha no vale, as rochas sobem cinzentas na colina; porém não o vejo lá no alto, seus cães não anunciam sua chegada. Tenho de ficar sentada aqui, sozinha.

Mas quem são aqueles deitados lá embaixo, na relva? Meu amado? Meu irmão? Falem, ó meus amigos! Não respondem. Como está amedrontada a minha alma! Ah, estão mortos! Suas espadas estão vermelhas por causa da batalha! Ó, meu irmão, meu irmão, por que matou meu Salgar? Ó, meu Salgar, por que matou meu irmão? Eram ambos meus queridos! Ó, foi belo em meio aos milhares na colina! A batalha foi horrível. Respondam-me! Ouçam a minha voz, meus amados! Mas ah, estão mudos, mudos para sempre! Frio como a terra está o peito deles!

Ó, do alto da rocha, do cume da montanha tempestuosa, falem, espíritos dos mortos! Falem! Não terei pavor! Aonde foram para o eterno repouso? Em que sepulcro das montanhas devo encontrá-los? Não ouço nem mesmo uma voz fraca no vento, nenhuma resposta na tempestade da colina. Estou sentada aqui em meu lamento, aguardo o amanhecer em meio às lágrimas. Revirem o túmulo, amigos dos mortos, mas não o fechem até que eu chegue. Minha vida se esvai como um sonho; como ficar para trás! Aqui ficarei, na rocha — quando a noite cair na colina, e o vento soprar sobre o prado, meu espírito estará ao vento, a viver o luto pela morte de meus amigos. O caçador me ouve da folhagem em que está, teme a minha voz e a ama; pois doce deve ser minha voz, que soa por meus amigos; eram ambos tão amados!

Esse foi o seu canto, ó Minona, filha levemente enrubescida de Torman. Nossas lágrimas correram por Colma, e nossa alma

estava sombria.

Apareceu Ullin com a harpa, dando-nos o canto de Alpin — a voz de Alpin era amigável, a alma de Ryno, um jato de fogo. Mas já repousavam na morada estreita, e sua voz esvanecera em Selma. Ullin voltou da caçada antes mesmo dos heróis tombarem. Ele ouviu seu canto competitivo na colina. Sua canção era suave, mas triste. Lamentavam a queda de Morar, o primeiro dos heróis. Sua alma era como a alma de Fingal, sua espada como a espada de Oskar... mas ele caiu, e seu pai se lamentou, e os olhos de sua irmã estavam cheios de lágrimas, os olhos de Minona estavam cheios de lágrimas, a irmã do majestoso Morar. Ela recuou diante do canto de Ullin, como a Lua no Ocidente que antevê a chuva da tempestade e esconde sua bela cabeça em uma nuvem. Toquei a harpa com Ullina, acompanhando o canto do lamento.

Ryno

Cessaram vento e chuva, o dia está tão alegre, as nuvens se partem. O Sol inconstante ilumina, fugidio, a colina. Avermelhado corre o rio da montanha no vale. Doce é teu murmúrio, rio; mais doce, porém, é a voz que ouço. É a voz de Alpin, que lamenta os mortos. Sua cabeça está vergada pela idade, e vermelho está seu olho lacrimoso. Alpin, exímio cantor, por que está sozinho na colina silenciosa? Por que lamenta como uma rajada de vento na floresta, como uma onda na costa distante?

Alpin

Minhas lágrimas, Ryno, são para o morto, e minha voz é para os habitantes do túmulo. É esbelto sobre a colina, belo em meio aos filhos do prado. Mas cairá como Morar, e sobre o seu túmulo estará sentada a enlutada. As colinas o esquecerão, seu arco ficará no saguão, frouxo.

Foi rápido, ó Morar, como uma corça na colina, terrível como os

fogos noturnos no céu. Seu furor foi uma tormenta, sua espada, na batalha, como relâmpagos difusos sobre o prado. Sua voz parecia o rio da floresta após a chuva, o trovão em colinas distantes. Alguns sucumbiram por suas mãos, a chama de seu furor os consumiu. Mas quando voltava da guerra, como era pacífica sua frente! Seu semblante era como o Sol após a tempestade, como a Lua na noite silenciosa, seu peito calmo como o mar quando o vento revoltoso se acalma.

Estreita é sua morada agora, sombria sua tumba! Com três passos meço a sua cova, ó, você, que foi tão grande! Quatro pedras de cumes musgosos são sua única memória; uma árvore desfolhada e a grama alta que sussurra ao vento indicam ao olho do caçador o túmulo do poderoso Morar. Não tem mãe que chore por você, nem moça com lágrimas de amor. Está morta aquela que o gerou, caiu a filha de Morglan.

Quem é este com o cajado? Quem é, cuja cabeça está branca pela idade, cujos olhos estão vermelhos pelas lágrimas? É seu pai, ó Morar, o pai de nenhum filho além de você. Ouviu do seu chamado na batalha, ouviu dos inimigos dissipados; ouviu da fama de Morar! Ah! Nada de sua ferida? Chora, pai de Morar, chora! Mas seu filho não o ouve. Profundo é o sono dos mortos, baixo seu travesseiro de pó. Não ouve mais a voz, nunca acordará a seu chamado. Ó, quando amanhecerá no túmulo para dizer ao adormecido: acorde!

Adeus, mais nobre dos homens, conquistador em campos de batalha! Mas o campo não o verá mais, nem a floresta escura brilhará mais com a luz de seu aço. Não deixou nenhum filho, porém o canto preservará seu nome, os tempos futuros ouvirão sobre você, ouvirão sobre a queda de Morar.

Sonoro foi o luto dos heróis, e mais alto ainda o suspiro explosivo de Armin. Fez lembrá-lo da morte do filho, que tombou nos anos de juventude. Carmor estava sentado perto do herói, o ruidoso príncipe de Galmal.

— Por que soluça, Armin, lamentoso? — perguntou. — O que há

para chorar? Não ouvimos uma canção e um canto para derreter e alegrar a alma? São como neblina suave, que sobe do mar e é aspergida sobre o vale, molhando as flores abertas; mas o Sol volta com sua força, e a neblina se foi. Por que está tão lamentoso, Armin, senhor de Gorma, terra cercada de mar?

Armin

— Lamentoso! Sim, estou, e não é pouca a causa de minha dor. Carmor, não perdeu um filho, não perdeu uma filha em flor; Colgar, o valente, vive, e Annira também, a mais bela das moças. Os ramos de sua casa estão em flor, ó Carmor, mas Armin é o último de sua linhagem. Sombrio é seu leito, ó Daura! Abafado é seu sono no túmulo — quando acordará com seus cantos, com sua voz melodiosa? Avante, ventos de outono! Avante, ventem sobre o prado escuro! Rios da floresta, rujam! Uivem, tempestades, no topo dos carvalhos! Caminhe por nuvens rompidas, ó Lua, mostre alternadamente sua face pálida! Lembre-me da noite terrível em que meus filhos morreram, quando Arindal, o poderoso, tombou, e Daura, a querida, feneceu.

Daura, minha filha, era bela, bela como a Lua nas colinas de Fura, branca como a neve caída, doce como o ar que respira! Arindal, seu arco era forte; sua lança, forte no campo de batalha; seu olhar, como a neblina sobre a onda; seu escudo, uma nuvem de fogo na tempestade!

Armar, famoso na guerra, veio pedir a concessão do amor de Daura; ela não resistiu por muito tempo. Belas eram as esperanças de seus amigos.

Erath, filho de Odgal, estava enfurecido, pois seu irmão jazia, abatido por Armar. Veio disfarçado de barqueiro. Seu barco era belo sobre as ondas, brancos os seus cachos pela idade, sereno seu rosto sério.

— Bela moça — disse ele —, adorável filha de Armin, ali,

próximo à rocha e perto do mar, onde da árvore reluz o fruto vermelho, é lá que Armar espera por Daura: venho para guiar sua amada pelo mar revolto.

Ela o segue e chama por Armar; ninguém responde além da rocha.

— Armar! Meu amado! Meu amado! Por que me amedronta tanto? Ouça, filho de Arnarth! Ouça! É Daura quem o chama!

Erath, o traidor, fugiu para terra firme, rindo. Ela ergueu a voz, chamou pelo pai e pelo irmão:

— Arindal! Armin! Não há ninguém para salvar sua Daura?

Sua voz atravessou o mar. Arindal, meu filho, desceu da colina carregando os espólios da caça, as flechas tilintando a seu lado; levava o arco na mão, cinco cães preto-acinzentados o acompanhavam. Viu o ousado Erath à beira do mar, pegou-o e o amarrou no carvalho, prendeu com força seu quadril, e o preso encheu os ventos com gemidos.

Arindal adentra as ondas com seu barco para buscar Daura. Armar chega com sua fúria e dispara a flecha de penas cinzas; ela zune e crava em teu coração, ó Arindal, meu filho! Em vez de Erath, o traidor, foi você quem morreu, o barco alcançou a rocha, ele afundou e morreu. A seus pés correu o sangue de seu irmão, qual não foi seu lamento, ó Daura! As ondas destroçaram o barco. Armar se joga ao mar para salvar sua Daura ou morrer. Rapidamente, um golpe de vento desceu da colina para dentro das ondas, e ele afundou e não subiu mais.

Solitário sobre as rochas molhadas pelo mar, ouvi os lamentos de minha filha. Muitos e altos eram seus gritos, mas seu pai não conseguiu salvá-la. A noite toda fiquei à beira do mar, vi-a na luz pálida da Lua, a noite toda ouvi seus gritos; barulhento era o vento, e a chuva batia com força na lateral da montanha. Sua voz foi ficando fraca, antes de amanhecer ela se esvaiu como o ar da noite entre as folhagens das rochas. Carregada de tormento, ela morreu e deixou Armin sozinho! Foi-se a minha força na guerra,

caiu meu orgulho em meio às moças.

*Quando chegam as tormentas da montanha,
Quando o vento norte eleva as ondas,
Fico sentado à beira-mar barulhenta,
Olhando a rocha terrível.
Muitas vezes, com a Lua poente,
Vejo os espíritos de meus filhos,
À meia-luz, perambulando
Juntos, em consonância triste.*

Um rio de lágrimas que brotava dos olhos de Lotte e dava vazão a seu coração apertado interrompeu o canto de Werther. Ele jogou o papel de lado, pegou a mão dela e chorou as mais amargas lágrimas. Lotte descansava sobre a outra mão dele, e escondeu os olhos no lenço. A comoção de ambos foi terrível. Eles sentiam a própria miséria no destino dos nobres, sentiam-no juntos, e suas lágrimas se uniram. Os lábios e olhos de Werther ardiam no braço de Lotte; um calafrio a percorreu; ela quis se afastar, e dor e compaixão pesavam sobre si como chumbo. Respirou para se recompor e pediu, soluçando, que ele continuasse, pediu com a voz mais celestial! Werther tremia, seu coração estava prestes a explodir; pegou a folha e leu, alquebrado:

Por que me acorda, ar da primavera? Ama e diz: molho-o com as gotas de orvalho do céu! Mas o tempo de meu fenecimento está próximo, está próxima a tempestade que derruba as minhas folhas! Amanhã virá o caminhante, virá aquele que me viu em plena beleza, seus olhos irão me procurar pelo campo e não me encontrarão.

Toda a força dessas palavras abateu-se sobre o infeliz. Jogou-se aos pés de Lotte em meio ao desespero e pegou suas mãos, apertando-as sobre os próprios olhos, contra sua fronte, e uma suspeita do terrível intento dele pareceu sobrevoar a alma de Lotte. Seus sentidos se misturaram, ela apertou as mãos dele, apertou-as contra seu peito, curvou-se na direção dele num movimento melancólico, e suas faces ardentes se tocaram. O mundo se esvaiu para eles. Ele a abraçou, a apertou contra o peito e cobriu seus lábios, trêmulos e balbuciantes, de beijos inflamados.

— Werther! — exclamou ela com voz abafada, afastando-se. — Werther! — e com a mão trêmula, afastou o peito dele do seu. — Werther! — exclamou ela, no tom comedido do mais nobre dos sentimentos.

Ele não resistiu, soltou-a de seus braços e prostrou-se, insensato, diante dela. Ela se ergueu num impulso e, numa confusão amedrontada, oscilando entre amor e ódio, disse:

— Esta foi a última vez! Werther! Não me verá mais.



E com o mais pleno olhar de amor para o infeliz, correu, apressada, para o quarto ao lado, trancando a porta atrás de si. Werther estendeu os braços na direção dela e não ousou detê-la. Estava no chão, com a cabeça sobre o sofá, e ficou nessa posição por mais de meia hora, até que um ruído o chamou de volta à realidade. Era a criada, que queria pôr a mesa. Ele andou pelo salão de um lado ao outro e, como se viu sozinho novamente, foi até a porta do quarto ao lado, chamando com voz baixa:

— Lotte! Lotte! Só mais uma palavra! Um adeus!

Ela silenciou. Ele insistiu e pediu, e insistiu; então afastou-se num ímpeto e exclamou:

— Adeus, Lotte! Adeus para sempre!

Chegou ao portão da cidade. Os guardas, que já estavam acostumados a vê-lo, deixaram-no sair sem nada dizerem. O tempo oscilava numa névoa entre chuva e neve, e só perto de onze horas ele voltou a bater à porta de sua casa. Quando Werther entrou, seu criado percebeu que ele estava sem o chapéu. Não se atreveu a dizer algo e tirou-lhe as roupas, pois estavam todas molhadas. Depois encontraram o chapéu sobre uma rocha, que na descida da colina descortina a vista para o vale, e é um mistério como ele escalou a rocha em uma noite escura e molhada sem cair.

Deitou-se e dormiu por muito tempo. O criado o encontrou escrevendo quando, a pedido, lhe trouxe o café. Escreveu o seguinte na carta para Lotte:

Pois então pela última vez, pela última vez, abro estes olhos. Eles não verão, ah, não verão mais o Sol, um dia escuro e enevoadado o mantém encoberto. Então viva o luto, natureza! Seu filho, seu amigo, seu amado aproxima-se do fim. Lotte, é um sentimento sem igual e, no entanto, torna-se tão próximo do sonho crepuscular ao dizer para si mesmo: esta é a minha última manhã. A última! Lotte, não vejo o sentido da palavra: a última! Não estou aqui em toda a minha vitalidade, e amanhã estarei estendido e flácido no chão? Morrer! O que significa isso? Veja, sonhamos quando falamos da morte. Vi várias pessoas morrerem; mas a humanidade é tão limitada, que não vê sentido no começo e no fim de sua existência. E eis que agora é a minha, sua! Sua, ó amada! E daqui a pouco... separado, apartado... talvez para sempre? Não, Lotte, não... como posso perecer? Como você pode perecer? Já estamos assim...! Fenecer... o que significa isso? De novo, uma palavra, um eco vazio, sem sentimento para o meu coração... morto, Lotte! Enterrado na terra fria, tão apertado! Tão escuro! Tive uma amiga que era tudo para mim em minha juventude desamparada; ela morreu e eu acompanhei seu corpo, e fiquei ao lado do túmulo quando desceram o caixão; as cordas debaixo dele foram soltas com um zumbido e voltaram para cima, e quando a primeira pá de terra caiu e a tampa temerosa emitiu um som abafado, e mais abafado, e cada vez mais abafado, e finalmente ficou tudo coberto, caí ao lado do túmulo, emocionado, abalado, amedrontado, dilacerado no meu íntimo, mas não sabia o que acontecia comigo... o que vai me

acontecer... Morrer! Túmulo! Não entendo essas palavras!

Ó perdoa-me! Perdoa-me! Por ontem! Deveria ter sido o último momento da minha vida. Ó, anjo! Pela primeira vez, pela primeira vez sem dúvida alguma o meu interior mais íntimo foi atravessado pelo ardor da sensação de regozijo: ela me ama! Ela me ama! Ainda arde sobre meus lábios o fogo sagrado que veio dos seus, em meu coração há um regozijo novo e quente. Perdoe-me! Perdoe-me!

Ah, eu sabia que você me amava, sabia desde os primeiros olhares repletos de alma, desde o primeiro aperto de mão, e então, quando ia embora, quando via Albert a seu lado, voltei a hesitar em dúvidas febris.

Lembra-se das flores que me enviou, quando naquela companhia fatal não podia me dizer qualquer palavra, não podia me dar a mão? Ó, fiquei de joelhos diante delas metade da noite, e elas selaram o seu amor por mim. Mas, ah! Essas impressões passaram, assim como a sensação da graça de seu Deus aos poucos se afasta de novo da alma do fiel, a quem ela fora oferecida com toda a plenitude celestial através de sinais sagrados e visíveis.

Tudo isso é passageiro, mas nenhuma eternidade deve apagar a vida ardente que fruí ontem de seus lábios, que senti em mim! Ela me ama! Este braço a abraçou, estes lábios tremeram sobre os lábios dela, esta boca balbuciou junto à dela. Ela é minha! Você é minha! Sim, Lotte, para sempre.

E o que é isso de Albert ser seu marido? Marido! Isso é para este mundo... e para este mundo seria pecado eu amar você e querer arrancá-la dos braços dele e trazê-la para os meus? Pecado? Bem, penitencio-me por isso; degustei-o com todo o prazer celestial, esse pecado, sorvi bálsamo vital e força para dentro do meu coração. Desde então é minha! Minha, ó Lotte! Vou na frente! Vou até meu Pai, até seu Pai. Vou lamentar-me com ele e ele vai me consolar até você chegar, e voarei em sua direção, abraçarei você e ficarei com você diante da face do infinito em abraços eternos.

Não sonho, não penso! Perto do túmulo tudo fica mais claro. Seremos! Iremos nos rever! Ver sua mãe! Vou vê-la, encontrá-la, ah, e diante dela abrir meu coração! Sua mãe, sua imagem!

Perto das onze horas, Werther perguntou ao seu criado se Albert havia retornado. O criado disse que sim, que tinha visto o cavalo dele. Ao que o senhor deu-lhe um bilhete aberto com o seguinte conteúdo: “Poderia emprestar-me suas pistolas para uma viagem que farei? Que passe muito

bem!”

A pobre mulher dormiu pouco a última noite; o que ela temia havia sido decidido, decidido de um modo que ela não podia suspeitar nem temer. Seu sangue, normalmente tão puro e de fluxo tão leve, encontrava-se em excitação febril, e milhares de sensações abalavam o seu belo coração. Seria o fogo dos abraços de Werther que ela sentia no peito? Seria irritação pela ousadia dele? Seria uma comparação desencorajada de sua situação atual com aqueles dias de inocência leves e livres e de autoconfiança despreocupada? Como enfrentar seu marido? Como confessar-lhe a cena que ela não tinha motivos para esconder, mas que não tinha coragem de confessar? Eles silenciaram tanto tempo a respeito, e seria ela a primeira a quebrar o silêncio e revelar ao marido, em momento impróprio, algo tão inesperado? Ela temia que a mera notícia da visita de Werther lhe causasse uma impressão desagradável, e agora essa catástrofe inesperada! Poderia ela esperar que seu marido a visse de modo correto e sem qualquer preconceito? E seria ela capaz de desejar que ele lesse sua alma? E ainda: poderia ter disfarces diante do homem com o qual sempre fora livre e límpida como um cristal e de quem nunca escondera nem conseguira esconder nenhum de seus sentimentos? Tanto um como outro a preocupavam e a desconcertavam; e sempre seus pensamentos voltavam-se para Werther, com quem ela não sabia o que fazer, a quem ela não conseguia deixar de lado, e que — infelizmente! — tinha de deixar entregue à própria sorte, e para quem, depois de tê-la perdido, não restaria nada.

Como agora pesava sobre ela aquilo que naquele momento não via claramente, aquele peso da estagnação que havia se estabelecido entre eles! Pessoas tão compreensivas, tão boas, começam a se calar devido a certas diferenças secretas entre elas, e cada uma pensa no seu direito e na incorreção da outra, e os fatos se emaranham e se perseguem de tal maneira que fica impossível dissolver o nó justamente no momento crítico do qual tudo depende. Se uma confiança feliz os tivesse reaproximado antes, se o amor e a condescendência tivessem florescido alternadamente entre eles e se tivessem aberto seus corações, talvez o nosso amigo ainda tivesse salvação.

Adicionou-se a isso ainda outra circunstância. Como sabemos a partir das cartas, Werther nunca escondeu que desejava deixar este mundo. Albert muitas vezes o interpelou, e também entre Lotte e seu marido às vezes o

assunto era falado. Este, por ter uma aversão decidida ao ato, deu a entender, com uma espécie de sensibilidade normalmente não inerente a seu caráter, que achava motivos para duvidar muito de um tal intento, tendo até se permitido uma brincadeira a respeito, informando sua incredulidade a Lotte. Por um lado, isso a tranquilizava quando tinha em mente a triste imagem, mas, por outro, sentia-se impedida de contar ao marido as preocupações que a atormentavam no momento.

Albert voltou e Lotte foi ao seu encontro com uma agitação desconcertada; ele não estava alegre, pois não concluía seu negócio, encontrando no bailio vizinho um ser inflexível e de mente estreita. O caminho ruim também o deixara mal-humorado.

Ele perguntou se havia acontecido alguma coisa e ela se apressou em responder: Werther estivera ali ontem ao fim da tarde. Ele perguntou se haviam chegado cartas, ouvindo como resposta que havia uma carta e pacotes em seu quarto. Foi até lá e Lotte ficou sozinha. A presença do homem a quem amava e respeitava havia incutido uma nova impressão em seu coração. A lembrança de sua nobreza de espírito, de seu amor e de sua bondade acalmaram o ânimo dela, que sentiu um ímpeto secreto de segui-lo; pegou seu trabalho manual e foi até o quarto dele, como costumava fazer mais agora. Encontrou-o ocupado em abrir os pacotes e ler. Alguns pareciam não conter as coisas mais agradáveis. Ela fez algumas perguntas que ele respondeu brevemente, colocando-se à frente da mesa alta para escrever.

Haviam ficado juntos desse modo por uma hora, e o ânimo de Lotte foi ficando cada vez mais sombrio. Ela sentiu como seria difícil revelar para o marido o que afligia o seu coração, mesmo se ele estivesse de bom humor; entrou em um estado melancólico que ficava tanto mais assustador quanto mais tentava escondê-lo e engolir as lágrimas.

A aparição do criado de Werther deixou-a bastante desconcertada, e ele entregou o bilhete a Albert, que se voltou resignado para a esposa:

— Dê-lhe as pistolas — pediu a ela. — Desejo a ele boa viagem — disse ao criado.

Isso caiu sobre ela como um raio, ela balançou ao levantar e não sabia o

que a acometia. Devagar, foi até a parede, tirou a arma de lá, tremendo, tirou o pó e hesitou, e ainda teria hesitado por um bom tempo não fosse Albert a pressioná-la com um olhar interrogativo. Deu o infeliz instrumento ao rapaz sem conseguir emitir qualquer palavra, e quando ele foi embora, juntou seu trabalho e foi para o quarto no estado da mais inexprimível incerteza. Seu coração imaginava todos os horrores. Ora ela estava prestes a se jogar aos pés do marido e lhe contar tudo, a história de ontem à noite, sua culpa e suas suspeitas, ora não via saída para a empreitada, e muito menos podia esperar convencer o marido a ir até a casa de Werther. A mesa estava posta, e uma boa amiga que veio apenas perguntar algo, e que logo quis ir embora, acabou ficando. Tornou a conversa à mesa suportável; comportavam-se, falavam, contavam coisas e esqueciam de si mesmos.

O rapaz chegou com as pistolas à casa de Werther, que as pegou dele encantado quando ouviu que fora Lotte quem as dera. Pediu que trouxessem pão e vinho, pediu ao rapaz que se sentasse à mesa e sentou-se ele mesmo para escrever.

Elas passaram por suas mãos, você tirou o pó delas, beijo-as mil vezes, as tocou! E você, espírito celeste, favorece a minha decisão, e você, Lotte, dê-me a ferramenta, você, de cujas mãos desejava receber a morte e, ah! Agora recebo. Ó, perguntei muitas coisas ao rapaz. Você tremia quando lhe entregou as armas, não disse adeus! — Ai de mim! Ai de mim! Nem um adeus sequer! — Será que fechou seu coração para mim por causa do momento que me atava a você para sempre? Lotte, nenhum milênio conseguirá apagar aquela impressão! E sinto que não pode odiar aquele que arde por você.



Depois da refeição, ele pediu ao rapaz que arrumasse tudo na mala, rasgou muitos papéis, saiu e ainda acertou algumas pequenas dívidas. Voltou para casa; voltou a sair pelo portão, sem se preocupar com a chuva, entrou no jardim do conde, continuou vagando pela região, regressou ao romper da noite e escreveu.

Wilhelm, vi pela última vez campo e floresta e o céu. Fique bem você também! Querida mãe, perdoe-me! Console-a, Wilhelm! Deus os abençoe! Minhas coisas estão todas em ordem. Fiquem bem! Iremos nos ver de novo, e mais felizes!

Tratei-o mal, Albert, perdoe-me. Atrapalhei a paz de sua casa, trouxe

desconfianças entre vocês. Adeus! Vou encerrar isso. Ó, que ao menos sejam felizes com a minha morte! Albert! Albert! Faça o anjo feliz! E que a bênção de Deus esteja contigo!

Naquela noite ainda mexeu muito nos seus papéis, rasgou e jogou no fogo muitas coisas, selou alguns pacotes endereçados a Wilhelm. Continham pequenos escritos, pensamentos soltos, dos quais li alguns; e depois de ele ter pedido para colocarem mais lenha às dez e uma garrafa de vinho, mandou que fosse dormir o criado, cujo quarto, assim como os quartos da criadagem, ficava lá nos fundos, e deitou-se ainda vestido para estar de prontidão logo cedo; pois o senhor havia dito que os cavalos dos correios estariam na frente da casa antes das seis.



depois das onze

Tudo tão silencioso à minha volta e tão calma a minha alma. Agradeço ao Senhor, Deus, que concede a estes últimos momentos esse calor, essa força.

Aproximo-me da janela, minha cara, e vejo, vejo ainda em meio às nuvens tempestuosas, que passam apressadas, algumas estrelas isoladas no céu eterno! Não, não cairão! O Eterno os carrega em seu coração, e a mim. Vejo as estrelas do eixo da constelação da Ursa, o mais querido dentre todos os astros. Quando à noite me separava de você, quando saía de seu portão, ela estava lá diante de mim. Com que embriaguez a olhei muitas vezes, e muitas vezes com mãos abertas a tornei o sinal, a sagrada pedra de toque da minha felicidade presente! E ainda... Ó, Lotte, o que não me lembra de você! Por acaso não me vejo sempre cercado de você? E não agarrei, como uma criança, todas as pequenas coisas e as peguei para mim, porque você, santa, as tinha tocado!

Querida silhueta! Devolvo-a a você, Lotte, e peço-lhe que a honre. Mil, mil beijos depusitei nela, mil saudações mandei com acenos quando saía ou voltava para casa. Pedi a seu pai em um bilhete que proteja o meu cadáver. No cemitério da igreja há duas bétulas na parte de trás, no canto, voltadas para as plantações; desejo descansar lá. Ele pode, ele fará isso por seu amigo. Peça a ele também. Não quero impor a cristãos fiéis que deem seus corpos ao lado de um pobre infeliz. Ah, queria que me enterrassem à beira da estrada, ou no vale solitário, para que sacerdotes e levitas passassem pela pedra sinalizada e se abençoassem, e que samaritanos derramassem uma lágrima.

Aqui, Lotte! Não estremeço ao pegar o cálice frio e terrível de onde devo beber a vertigem da morte! Você me deu o cálice, e não hesite. Todos! Todos! Assim todos os desejos e esperanças da minha vida se realizam! Bater à porta da morte, tão frio, tão imóvel.

Poder ter participado da felicidade de morrer por você! Lotte, entregar-me por você! Eu morreria corajoso, alegre, se pudesse restabelecer para você a paz, o regozijo da sua vida. Mas, ah! Isso só foi dado a poucos nobres, derramar seu sangue pelos seus, e através de sua morte ensinar para seus amigos uma vida nova, desdobrada em cem vezes.



Nestas roupas, Lotte, quero ser enterrado; você as tocou, as santificou; também o pedi a seu pai. Minha alma flutua sobre o caixão. Não se devem esvaziar meus bolsos. Aquela fita de um vermelho pálido que você trazia no peito quando a encontrei pela primeira vez em meio a suas crianças — ó, beije-as mil vezes e conte-lhes o destino de seu infeliz amigo. Os queridos! Eles fervilham à minha volta. Ah, como me associei a você! Desde o primeiro momento, não consegui deixá-la! — esta fita deve ser enterrada comigo. Você me deu de presente em meu aniversário! Como devorei isso tudo! — Ah, não pensei que meus caminhos me trariam para cá! — Fique em paz! Peço-lhe, fique em paz!

Estão carregadas... deu meia-noite! Que seja então! Lotte! Lotte, adeus! Adeus!



Um vizinho viu o clarão da pólvora e ouviu o tiro; mas como tudo ficou em silêncio, não prestou mais atenção ao fato.

De manhã, às seis, o criado entra com a lamparina. Encontra o seu senhor no chão, a pistola e o sangue. Ele o chama, ele o toca; sem resposta, ele apenas agoniza. Ele sai correndo à busca de médicos, de Albert. Lotte ouve tocar à porta, um tremor acomete todos os seus membros. Ela acorda o marido, eles se levantam, o criado traz a notícia chorando e gaguejando, Lotte cai desmaiada diante de Albert.

Quando o médico chegou à casa do infeliz, encontrou-o no chão sem salvação, havia pulso, mas os membros todos anestesiados. Tinha atirado na cabeça acima do olho direito, o cérebro havia sido expelido. Tiraram sangue da artéria do braço sem necessidade, o sangue corria, ele ainda respirava.

Pelo sangue no encosto da poltrona podia-se deduzir que ele efetuara o ato sentado diante da escrivaninha, depois caíra, contorcendo-se em convulsões em torno da cadeira. Estava caído de costas, voltado para a janela, completamente vestido, de botas, no fraque azul com colete amarelo.

A casa, a vizinhança, a cidade veio em alvoroço. Albert entrou. Tinham deitado Werther sobre a cama, com a testa enfaixada, o rosto já como de um morto, não mexia nenhum membro. O pulmão ainda arquejava terrivelmente, ora mais fraco, ora mais forte; esperava-se o seu fim.

Do vinho tomara apenas uma taça. “Emilia Galotti” estava sobre a mesa, aberto.

Não peçam que eu fale da consternação de Albert, da lamentação de Lotte.

O pobre bailio, assim que soube da notícia, veio em disparada, beijou o moribundo sob as mais ardentes lágrimas. Seus filhos mais velhos vieram logo depois, a pé, e caíram ao lado da cama, expressando a mais incontável dor, beijaram-lhe as mãos e a boca; o mais velho, a quem sempre mais amara, não desgrudou de seus lábios até o fim e até arrancarem o rapaz de lá. Ele faleceu ao meio-dia. A presença do bailio e suas providências evitaram uma aglomeração. À noite, por volta de onze horas, providenciou o enterro no local que ele escolhera. O velho seguiu o corpo, assim como os filhos. Albert não conseguiu. Temia-se pela vida de Lotte. Operários o carregaram. Nenhum sacerdote o acompanhou.







[17](#) Por respeito a esse honrado senhor, retirou-se da coleção a carta, bem como outra a ser mencionada adiante, por acreditarmos não haver desculpas para uma tal ousadia, mesmo com a gratidão mais calorosa do público. [N. do A.]

[18](#) Trata-se do Canto 14 da *Odisseia*, passagem em que Ulisses, disfarçado de mendigo, é acolhido pelo pastor de porcos. O mendigo, aqui, representa o rei disfarçado, que pensa em como se revelará; é semelhante à situação de Werther, banido do círculo de nobres. [N. de T.]

[19](#) Referências a Johann Kaspar Lavater (1741–1801), Benjamin Kennicott (1718–1783), Johann Salomo Semler (1725–1791) e Johann David Michaelis (1717–1791), estudiosos importantes para as interpretações bíblicas à época. [N. de E.]

pósfácios

minha carta-resposta a werther

POR LUISA GEISLER

Se eu pudesse responder às cartas de Werther, não saberia por onde começar. Não sei se sequer teria por onde começar. Não sei, aliás, se ele quereria minha opinião.

Contaria como nos conhecemos. Era 2005, e eu tinha uns catorze anos. Meu pais estavam num estágio de gritaria que os levaria ao divórcio no ano seguinte. Eu tinha 120 quilos e mais de 120 espinhas no rosto que medicamento nenhum conseguia tirar. Eu ouvia metal, lia de Borges a Meg Cabot e escrevia *fan fiction*. Também lia mangás. Eu ia à banca de revistas mensalmente, não lembro atrás de quê. Quero escrever aqui que tinha uma relação simpática com o revisteiro, que ele conversava comigo e me dava dicas. Uma cena dessas daria um ar pitoresco ao texto. Também seria mentira. Eu tinha poucas relações simpáticas — a não ser com amigas da escola que mantenho até hoje.

Um dia, nessa banca de revista, à procura de um mangá (digamos *Gravitation* ou *Cowboy Bebop*) — encontrei um livro de bolso feio com autor de nome de avenida. Um tal de Johann Wolfgang von Goethe. A única coisa que eu sabia de Goethe é que havia uma avenida em Porto Alegre com seu nome. Sabia que a Goethe era onde se comemoravam vitórias em Grenal. Meu pai dizia “os gremistas/colorados pararam a Goethe”. Mas eu nunca tinha ouvido alguém falar de Goethe parar alguém até aquele dia.

A capa era tosca e o papel era branco. Não sei nem por que Werther estava perto de quadrinhos. Mas lá estavam todas as páginas com todos os sofrimentos possíveis do jovem Werther. Quando me chamaram para este posfácio, inclusive tentei encontrar a edição de novo, ver as anotações que fiz. Eu já era leitora, leitora cheia de opiniões — e uma leitora bastante pedante. No mesmo dia em que uma professora havia dito que *Grande sertão: veredas* era muito “difícil de ler”, fui atrás do livro na biblioteca e resolvi ler. Entendi nada e sigo lendo o

livro até hoje. Mas esse é outro posfácio.

O tal Goethe era alemão, e expressões como “*Sturm und Drang*” no texto de contracapa apelaram ao meu pedantismo. Em casa, comecei a folhear o livro enquanto esperava o The Sims carregar e acabei nunca começando uma nova partida. Fui dormir às duas da manhã por conta do livro. Aqui ressalto o quão pouco clichê esta frase é no meu contexto. Não sou uma pessoa que vira noite, que tem insônia, que troca noite de sono por mais um capítulo. Eu pego no sono com o melhor dos livros. Werther talvez tenha sido meu maior causador de insônia e não sei explicar por quê. No dia seguinte, levei o livro para a escola e o reli ao longo de química ou biologia.

Não me senti influenciada ao suicídio pelo livro e confesso que fiquei confusa de ler a respeito da tal onda (numa Wikipédia primitiva e no meu inglês primitivo). O livro me trouxe alegria. Um cara lá em 1700 e pico se sentiu como eu. Ou imaginou que *se sentir como eu* era normal. E eu com meus 120 quilos, poucos amigos e infinitas espinhas, achava aquilo pouco viável. Eu era, afinal de contas, humana.

Eu e minhas amigas tínhamos uma espécie de clube do livro. Uma comprava um livro e as quatro liam. Íamos emprestando, e era assim que atravessávamos longas séries de livros juvenis — dividindo os gastos. Apesar de termos perfis distintos como leitoras, sempre trocávamos. No entanto, no caso de *Werther*, nunca comentei com elas. Nunca o coloquei na mão de ninguém e disse: tem de ler (eu tinha feito isso com *Dom Casmurro*). Nunca briguei e o defendi (como fizera com *Iracema*, e hoje acho que não defenderia). Eu só o reli na aula. E enganei muito bem o professor, de tantos rabiscos e anotações que fiz às margens. Eu já queria ser escritora.

Eu não queria falar daquele livro. Por quê? Que crivo fez com que eu não divulgasse o livro, não o alardeasse? Era um livro que parecia um raio-X de algo que eu não sabia que eu tinha. Um raio-X que encontrou uma farpa no peito. Goethe, naquela foto clássica meio de ladinho, apontando e dizendo: aqui ó. É bem aqui. Meu instinto foi de esconder aquele raio-X.

Esse nunca foi um livro coletivo, que compartilhei com as amigas, que gerou discussões e *fanfics*. Ao contrário de outros, sobre os quais criamos teorias e xingamos personagens. Ao contrário de outros, em que montamos casais¹ e torcemos por (ou contra) reviravoltas, eu nunca fiz isso em coletivo com esse. Eu via no pedantismo de Werther o meu pedantismo, mas ao mesmo tempo via como eu era *humana*. Quando se é adolescente, não se quer parecer humano.

Aliás, minto. Quando se é *humano*, não se quer parecer humano.

Se eu pudesse responder às cartas de Werther, não sei se exploraria a ideia de ele ser um personagem. Imaginem o susto ao ler a carta: *Prezado Werther, Veja bem, tem esse rapaz chamado Goethe, e ele imaginou sua história e... digamos que... toda a sua vida é uma ficção*²... Mas eu certamente contaria sobre a avenida Goethe. Uma página inteira explicando Porto Alegre, a dupla GreNal, o gaúcho é um câncer. Isso seria relevante para Werther.

Sempre achei a ideia de homenagear artistas com nome de rua algo um pouco *mal-ajambrado*. Uma tentativa mundana de homenagem a uma atividade que me parece sublime — tiramos a importância do nome “Cruz e Souza” para virar uma referência geográfica. Talvez seja meu pedantismo batendo ainda.

Por outro lado, ler *Os sofrimentos do jovem Werther* me descortinou diversos caminhos literários. Como se eu tivesse descoberto a tal avenida Goethe dos gremistas e colorados — mas a avenida dos meus pares, a avenida em que todos nós comemoramos algo maior do que nós. O momento em grupo, em uníssono. Uma avenida que liberou o acesso a diversas outras estâncias, que eu demoraria vinte vezes mais para alcançar. Uma avenida que me estaria bloqueada de outra forma. Sigo incomodada com a ideia de homenagear artistas com nome rua. Por outro lado, a imagem funciona. Goethe, como uma avenida principal, funciona.

Na minha carta-resposta a Werther, contaria que, à procura daquele primeiro impacto que a leitura do livro me causou, li tudo de Goethe. Como uma viciada à procura de uma nova droga, comecei a estudar alemão, aprendi a pronunciar meu sobrenome |gəʁz|ə|. ³

Se pudesse escrever uma carta-resposta a Werther, eu diria que não estamos sozinhos. Diria quem somos nós. Contaria do impacto que o texto dele gerou em mim, em tantas pessoas. A vontade que Werther tinha de ser escritor foi algo que ressoou. Talvez eu lhe contasse que é possível. Aquela adolescente desencaixada hoje consegue viver com livros ao redor e escreve coisas que, por mais tristes que sejam, encontram seus leitores.⁴ O sofrimento do protagonista não era apenas um sofrimento por Charlotte. Havia em Werther um amor muito forte por Charlotte, mas havia uma paixão por literatura, pelo fazer literário, um ódio à burocracia e ao mundo feito de imagens e falsidades. Eu diria que ele estava o contrário de solitário: Werther era universal. Ele estava o contrário de sozinho: ele estava em todos nós.

Mais do que ler um bom livro, o reler é muito mais prazeroso. É quando o leitor,

ao reencontrar o livro e reler, descobre mais sobre si do que sobre aquilo que lê.⁵ Como quando encontramos um ex-amigo de uma fase muito específica — um amigo de trabalho, de um projeto muito difícil que durou seis meses, um colega do primeiro ano de faculdade. Ao conversar, o ex-amigo segue com o mesmo gênero de problemas, falando das mesmas pessoas — e a gente se dá conta de como estamos num momento diferente.

Existem livros que batem com momentos específicos da vida. Sempre associarei minha adolescência a *O apanhador no campo de centeio*, de J.D. Salinger. O ano de meu mestrado sempre será o ano de *Solar Bones*, de Mike McCormack.

Sei que passei páginas elogiando *Os sofrimentos do jovem Werther* para chegar a este ponto e dizer que *O apanhador no campo de centeio* foi o livro da minha adolescência. Mas o que acontece é que *O apanhador no campo de centeio* não supera minha releitura. Eu precisaria ser uma adolescente para sentir a conexão anterior. Hoje, volta e meia reviro os olhos para Holden, que acha tudo muito falso e hipócrita. Alguns dos dramas de Holden já me parecem muito distantes. A identificação que senti, a força com a qual sublinhei palavras e frases, o sentimento de “essa frase é basicamente a minha vida” não está ali com igual força.

Mas, em 2012, eu reli *Os sofrimentos do jovem Werther*. Estava trabalhando em um projeto de livro.⁶ Já era autora, já traduzia. Tenho um caderno de ideias e uma das ideias era “um livro em cartas”. O termo técnico seria romance epistolar. O projeto era meu terceiro livro e eu estava numa parte embrionária de pesquisa, em busca de referências, eu mesma montando uma imagem mental, definindo o que seriam as cartas, para quem seriam endereçadas, que relação se formaria, como seria a linguagem, quem seriam os personagens. Imaginem que eu queria fazer uma casa e estava imaginando a planta-baixa de grandes edifícios para entender como melhor construir.

No meio de *Gente pobre*, de Dostoiévski, e *A caixa-preta*, de Amós Oz, resolvi reler *Os sofrimentos de jovem Werther* à procura de referências. Ressalto aqui que a ideia original era tentar imaginar como esses autores pensaram suas estruturas *epistolares*. Eu ainda era a arquiteta querendo entender a *planta-baixa*. Queria ver o controle da passagem do tempo, como davam ao leitor uma informação que tanto o personagem como o interlocutor já tinham. E é aqui que retomo a ideia de *Os sofrimentos do jovem Werther* não ser o livro de uma adolescência.

Como estava com outra edição, imagino que outra tradução, não li os trechos que havia sublinhado em 2005. Mas em 2012, sublinhei muito. E sublinhei muito além de questões de montagem. Sublinhei sentimentos de querer escrever, sentimentos de querer se inspirar, de encontrar bons e maus livros. Mais uma vez reencontrei frases que defini como “essa frase é basicamente a minha vida”. Meses depois, inclusive, encontrei a edição da banca de revista e comparei onde havia rabiscado o quê. Na primeira edição, havia rabiscos meus, anotações e menções a nomes de pessoas que eu nem sabia mais quem eram. Se hoje eu encontrasse a edição de 2012, tenho certeza de que o efeito seria o mesmo.

Não sei se sublinharia de novo “É uma coisa única a raça humana. A maioria delas passa a maior parte do tempo empenhando-se em viver, e o pouco que lhes resta de liberdade as assusta tanto que procuram todos os meios para livrar-se dela. Oh, determinação dos homens!”. Mas naquela leitura sublinhei. A sensação que tenho é a de que sempre sublinhei “Meu bom Deus, que tudo me deu, por que não repesou algumas de minhas forças, e deu-me autoconfiança e moderação?”. Eis aí a beleza.

Acabei usando não só a estrutura de construção temporal das cartas. Usei construção de personagem, emulei o sentimento que me inundou. O livro resultante é — dos meus 5,25 livros produzidos até hoje — o que mais agrada aos leitores. Um livro que se passa em Canoas, subúrbio de Porto Alegre, e encontra leitores argentinos emocionados. É essa a beleza do reler, a beleza do grande livro.

Talvez fosse isso que eu diria numa carta-resposta a Werther. Não tentaria fazer um grande discurso motivacional. Não há *coach* que convencesse Werther a seguir em vida.⁷

Os sofrimentos do jovem Werther não me ofereceu apoio num momento em que me sentia sozinha, não me revelou que os sentimentos de desencaixe na verdade encaixavam com exatidão ao “(ato de) ser humano”; tampouco Goethe foi uma referência literária, uma referência geográfica, ou o despertar para uma cultura inteira. Este livro não foi o livro da minha adolescência.

Se eu pudesse contar, acho que inclusive seria impossível explicar como nos conhecemos. Por mais que eu esteja batendo na tecla da releitura, eu e o livro sempre estamos nos reconhecendo. Para este posfácio, reli o livro e foi uma terceira experiência. A cada leitura, nós estamos nos conhecendo. E eu conheço um sujeito diferente — e ele me encontra como leitora diferente. Talvez eu começasse minha carta-resposta com *Caro Werther, muito prazer*. Talvez eu só

agradecesse.⁸



LUISA GEISLER é tradutora literária, escritora e mestre em Creative Process pela National University of Ireland.

¹ Agora, pensando um pouco na coisa da adolescência e nos *ships* — essas torcidas por casais ficcionais que formamos —, eu nunca torci por Werther e Charlotte como casal. Nunca me pareceu uma possibilidade real. Agora, Werther e Wilhelm... eis aí uma *fanfic* que eu leria. Ou escreveria.

² É claro que a dor, mesmo quando ficcional, é real. Já diria Fernando Pessoa em *Autopsicografia*: “O poeta é um fingidor *Que finge tão completamente* Que chega a fingir que é dor *A dor que deveras sente*”. *Avançando do já conhecido começo do poema, chegamos à parte que se refere ao leitor: “E os que leem o que escreve* Na dor lida sentem bem *Não as duas que ele teve* Mas só a que eles não têm”. A dor de Werther, quando ecoa em mim, é real — assim como a minha dor.

³ Depois parei com essa bobagem, porque as pessoas já sofrem com “gais·ler”. E se tem uma coisa que *Werther* me ensinou é que as pessoas já sofrem que chegue.

⁴ Poucos. Ele encontrou mais.

⁵ Motivo pelo qual releio *Grande sertão: veredas*. Mas não é esse o posfácio...

⁶ *Luzes de emergência se acenderão automaticamente* é o nome do livro. É a respeito de um jovem suburbano confuso com a própria vida e sexualidade e escrevendo cartas para um melhor amigo em coma. Foi lançado em 2014 pela editora Alfaguara, e não vou me desculpar pelo merchan.

⁷ Tanto é que Goethe — o autor, de quem supostamente há traços autobiográficos no livro — seguiu. Mas o personagem não. E, como autora, não vejo outra saída possível para Werther como personagem. Assim como não vejo o casal Werther e Charlotte se formando.

⁸ *Querido Werther, muito prazer. Obrigada por tudo. Luisa. Talvez prezado em vez de querido?*

goethe, o gênio universal

de inegável atualidade

POR CLAUDIA DORNBUSCH

Johann Wolfgang Goethe, nascido em Frankfurt em 1749 e falecido em Weimar em 1832, é um dos autores mais importantes da literatura alemã de todos os tempos. O ano de sua morte é também comumente considerado como o fim do Classicismo alemão. O longo período de criação literária de Goethe engloba pouco mais de sessenta anos, e passa por várias fases, de modo que o efervescente intervalo entre a segunda metade do século XVIII e o início do século XIX também é conhecido como a “época de Goethe” (*Goethezeit*). A cidade de Weimar, localizada na antiga Alemanha Oriental, além de dar nome à República de Weimar¹ e ser muito associada ao “Classicismo de Weimar”², é possivelmente a cidade alemã onde há a maior concentração de pensadores e fatos relevantes para a cultura e a história nacionais, uma espécie de “hall da fama” dos séculos XVIII e XIX e até mesmo do início do século XX.

Vejamos então a trajetória de Goethe desde os seus primórdios em Frankfurt. Seu pai, um alto funcionário imperial, supervisionou de perto o ensino domiciliar do filho. Desde cedo, o jovem já estudava diversas línguas estrangeiras e dispunha de um repertório literário bastante grande. Cedendo a um pedido do pai, iniciou os estudos de Direito na cidade de Leipzig, mas sempre se sentiu mais próximo das artes. Foi em Leipzig que teve o primeiro contato com os escritos do historiador e arqueólogo Johann Joachim Winckelmann (1717–1768) sobre a arte e a cultura da Antiguidade Clássica — o que viria a ser importante futuramente na sua produção literária. Devido a uma doença, Goethe teve que interromper os estudos em 1768 e voltar a Frankfurt, onde ficou sob os cuidados de Susanne von Klettenberg, uma amiga de sua mãe, que tentou aproximá-lo do Pietismo, um movimento religioso do Protestantismo que se voltava contra o dogmatismo excessivo da Igreja, pregando a percepção

individual e sensível da religiosidade de cada um, e não seguindo de forma acrítica a palavra bíblica. Dois anos depois, Goethe retoma os estudos, mas agora em Estrasburgo, formando-se em Direito em 1771.

Chegou a abrir um escritório de advocacia em Frankfurt, mas que não vingou.

A cidade de Estrasburgo representa um novo marco em sua trajetória, uma vez que foi lá que travou contato com o filósofo e escritor Johann Gottfried Herder (1744–1803), que lhe apresentou a poesia popular e dividiu com ele o seu entusiasmo por Shakespeare, também conhecido como “o bardo inglês”, e pelo conceito de *genie* (gênio) a ele associado; o gênio que se aproxima da natureza, e, como ela, domina a própria obra de forma soberana e original — daí surgiu também o termo em alemão *Originalgenie*, representando autores dotados de uma liberdade de criação enorme, muito distante do enrijecido classicismo francês, que era repleto de regras e normas. Os escritores do movimento *Sturm und Drang*, sobre o qual falaremos adiante, almejavam a quebra do padrão do teatro clássico, desestruturando as unidades de lugar, espaço e ação, algo que Shakespeare já fizera cento e cinquenta anos antes, daí as suas tragédias serem devoradas pelos jovens autores alemães. Herder apresentou a Goethe autores épicos como Ossian e Homero, distanciando-se também daquela fé cega na razão, tão forte no Iluminismo alemão, que era marcado pelas ideias do filósofo Immanuel Kant. Naquela época, porém, aparecia diretamente o linguajar cotidiano, as frases eram interrompidas, a métrica não se atinha a preceitos rígidos, a prosa aparecia nas peças, substituindo os tradicionais versos e agora contendo diálogos. Tudo isso mostrava a busca por uma nova forma de arte.

Foi a partir das impressões desse encontro com Herder que Goethe começou a escrever ainda em Estrasburgo a sua peça *Götz von Berlichingen com a mão de ferro* (publicada em 1773), que tem como personagem principal o cavaleiro Gottfried “Götz” von Berlichingen, um desbocado defensor da liberdade. Escreveu também poemas no tom de poesia popular, além de hinos e odes por influência de Herder. O poema revolucionário *Prometeu* foi produzido no mesmo ano que o romance epistolar *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), que fala do amor impossível de Werther por Lotte, já comprometida com Albert, o que resulta no suicídio do protagonista.

Tanto *Götz von Berlichingen* como *Os sofrimentos do jovem Werther* são *best-sellers* que tornaram Goethe muito conhecido. Falemos então brevemente do período literário em que essas obras se inserem, o chamado *Sturm und Drang*, comumente traduzido como Tempestade e Ímpeto. Esse nome baseia-se no título

de uma peça de Friedrich Maximilian Klinger (1752–1831) originalmente chamada de *Wirr-Warr* (algo como “confusão”), que só em 1820 foi rebatizada de *Sturm und Drang*, e que acabou dando nome a todo um movimento dos anos de 1770. Na peça é possível observar reflexos de peças de Shakespeare, como *A comédia dos erros* e *Romeu e Julieta*: as famílias Berkeley e Bushy estão em guerra e querem impedir o amor de seus filhos Wild e Caroline. Mas tudo acaba bem, fazendo-nos lembrar da famosa peça de Shakespeare *Tudo vai bem quando termina bem*. O dramaturgo inglês empresta também o nome de um dos personagens à obra de Klinger, o personagem La Feu.

Dessa fase fazem parte também alguns poemas do jovem Goethe, sendo talvez o mais emblemático deles o já mencionado *Prometeu*. Nele, Goethe utiliza personagens da mitologia grega (com alguma influência de Winckelmann), e o eu lírico se revolta contra Zeus, questionando o poder dos deuses e seu legado, com versos como “— Eu, honrar-te? Para quê?”.

É portanto nesse período de rebelião contra a figura dos pais, biológicos e literários, contra a razão, contra regras rígidas, em nome da livre expressão dos sentimentos e da sensibilidade, da exploração de novas formas de escrita, e também da percepção do indivíduo sensível ao que acontece à sua volta que se insere *Os sofrimentos do jovem Werther*. O livro recebeu o título em alemão de *Die Leiden des jungen Werthers*, com o “s” final em sua primeira versão, publicada em 1774 por ocasião da Feira do Livro de Leipzig. Em 1787, Goethe reeditou a obra, agora sem o “s” final no nome do protagonista, além de outras alterações no texto do livro. Devido à grande onda de suicídios que varreu a Europa em função do chamado “efeito de contágio”, tendo Werther como modelo, inclusive no trajar, com o fraque azul e o colete amarelo, Goethe decidiu amainar algumas passagens “mais fortes”, bem como “polir” o vocabulário. A tradução aqui apresentada foi feita a partir da edição de 1787, como a maioria das edições da obra. A publicação da versão definitiva não se encaixava mais no período do *Sturm und Drang*, mas não deixou de ter as características do período.³

A cena com o jovem camponês que é apaixonado pela patroa, por exemplo, que tem cerca de dez páginas, não existe na primeira versão, tendo sido acrescentada depois. Werther se identificava com esse rapaz, que depois se revela um assassino, demonstrando que o protagonista parece não avaliar a realidade de forma correta. Esse fato cria um certo distanciamento do leitor, que acaba achando nas atitudes de Werther traços de uma mente quase doentia. Dessa forma, retrabalhando o texto, Goethe imaginava cessar a onda de críticas que

vinha recebendo por supostamente enaltecer o suicídio, além de fazer frente à Igreja por ter publicado uma obra não cristã. Ele buscava diminuir a identificação do leitor com o personagem.

Esta obra é enriquecida por um sem-número de citações e referências literárias, históricas e políticas. Ficam evidentes as referências, por exemplo, a Ossian e Homero, por influência de Herder. Werther está constantemente lendo “o seu Homero”, a *Odisseia*, e na segunda parte do romance, mais sombria, aparecem personagens de Ossian, tais como Ryno, Albin e Cosma. Goethe procede a uma mescla de ciclos de poemas épicos de Ossian, tematizando questões como perda e luto, a partir de descrições tumultuadas da natureza, em meio a grutas, rochas e mar revolto. Na primeira parte, as descrições da natureza são muito mais iluminadas, com Sol, chuva, cheiros da natureza. A questão da natureza se associa bastante à da canção popular — novamente se nota a influência de Herder — em que a experiência sensorial e sensitiva é central.

À época de Goethe, corria uma vertente com traços de religiosidade chamada de *Empfindsamkeit* (cujo nome em alemão faz referência ao adjetivo *sentimental* no título do romance *Viagem sentimental*, 1768, do irlandês Laurence Sterne). Trata-se de uma espécie de concepção religioso-mítica e subjetiva, uma percepção sensível e individualizada das coisas, em que a natureza tinha local privilegiado, o que evidentemente influencia o texto de *Werther*, com suas longas e detalhadas descrições da sensação do entorno, com as intempéries, as tempestades, os cheiros e aromas, as texturas das plantas, refletindo o estado de espírito do personagem, numa experiência quase transcendente. Além disso, as várias referências bíblicas, a abordagem crítica de um cristianismo questionável, por exemplo, dão conta dessa vertente que possui ecos do Pietismo.

O escritor, crítico e dramaturgo alemão Gotthold Ephraim Lessing (1729–1781), autor de obras fundamentais como *Laocoonte* e *Natã, o sábio*, também tem importância específica para o *Werther*. Deduz-se, a partir do livro encontrado aberto sobre a escrivaninha no momento da morte de Werther, que a referência para o personagem suicida veio da obra *Emilia Galotti*. Nessa peça de Lessing, a personagem Emilia é sequestrada por um príncipe que a deseja e aventa a possibilidade de suicídio, o que seu pai, Odoardo, impede, matando-a. É uma tragédia política, que contrapõe a burguesia e o poder.

As experiências do pai de Goethe como alto funcionário imperial, além das próprias vivências do escritor na corte de Weimar, certamente se refletiram na versão definitiva do romance, na qual aparece a figura do bailio — espécie de

faz-tudo do governo, algo como um administrador-geral —, bem como o personagem do “enviado”, que tinha status de embaixador, algo semelhante a um diplomata. Dessa forma, elementos biográficos (amores, experiências profissionais, leituras) mesclam-se à tessitura literária deste romance.

Após o sucesso de suas primeiras obras, *Werther* e *Götz*, Goethe chamou a atenção de várias personalidades, entre elas o príncipe-regente Karl August de Saxônia-Weimar, um amante das artes, que o convidou a se estabelecer na cidade de Weimar, oferecendo-lhe uma carreira administrativa no alto escalão governamental. Goethe, então, mudou-se para lá em 1775, e tornou-se uma sensação, causando espanto por ser um indivíduo burguês que ascendeu a um cargo tão alto em tão pouco tempo. Isso se devia, evidentemente, à simpatia do regente, mas também à forma disciplinada de trabalho de Goethe. Logo se inteirou de todas as tarefas, complementando seus conhecimentos com estudos de ciências naturais. E em 1782 ele recebe um título de nobreza, passando a se chamar Johann Wolfgang von Goethe.

Durante seu período em Weimar, Goethe foi responsável pela supervisão-geral da biblioteca Anna Amalia, batizada em homenagem à duquesa amante e patrocinadora das artes, e também dirigiu e encenou peças teatrais para serem apresentadas nos salões da corte. Desde que chegou à cidade, em 1775, sentiu-se atraído pela dama da nobreza Charlotte von Stein, a quem dedicou vários poemas; tratava-se de um amor proibido, uma vez que ela era casada. Foi ela quem o introduziu à etiqueta da corte, sendo uma espécie de musa para ele e provavelmente tendo inspirado a criação da personagem Lotte.

No entanto, a vida na pequena corte de Weimar e as pressões daquela sociedade provocaram uma crise em Goethe, tanto pessoal como em sua produção. Quase em um movimento de fuga, ele decide viajar à Itália, onde permanecerá durante dois anos, de 1786 a 1788. Lá, o autor encantou-se também com a arquitetura clássica, e, influenciado por Winckelmann e seus escritos sobre a arte grega, inicia o que se convencionou chamar de sua fase clássica, em que concluiu as peças *Efigênia em Tauris* e *Egmont* e preparou a versão final da peça *Torquato Tasso*. Essa foi também uma viagem de liberdade e prazeres de toda sorte, o que vai se refletir em suas *Elegias romanas*, um ciclo de poemas de cunho erótico.

De volta a Weimar, pede licença de suas tarefas oficiais e assume a direção do teatro da corte. Nesse período desenvolve também amizade com o filósofo, poeta e dramaturgo Friedrich Schiller (1759–1805), autor do poema “Ode à alegria”, que foi um estímulo fundamental para que Goethe concluísse o trabalho na sua

maior obra, *Fausto*. Schiller, de orientação mais filosófica e histórica, ampliando as ideias iluministas de Kant, contribuiu para o programa classicista de ambos. Goethe, por sua vez, almejava o equilíbrio e a harmonia, herdados da Antiguidade Clássica.

Ressaltamos que o Classicismo alemão é um movimento que não parte de uma grande cidade como Berlim ou Hamburgo, mas nasce em circunstâncias bastante provincianas, tendo o seu núcleo na cidade de Weimar, e sendo os seus dois autores emblemáticos Goethe e Schiller, cujas estátuas hoje reinam em frente ao Teatro Nacional de Weimar.

Logo após voltar da viagem à Itália, Goethe conhece a jovem Christiane Vulpius, que lhe dá o filho August von Goethe em 1789, o único de cinco filhos a sobreviver. Vivem um relacionamento “escandaloso” para a época, uma vez que têm um filho sem serem casados. Para evitar mais pressões, Goethe casa-se com ela em 1808. Esse relacionamento, inclusive, fez Charlotte von Stein, a Lotte de Goethe, romper relações com o autor.

Após a morte de seu amigo Schiller em 1805 e de Christiane Vulpius em 1816, Goethe se retrai cada vez mais, e começa a organizar os registros de sua vida. É o período em que decide continuar os trabalhos nas obras que o acompanharam a vida toda: *Fausto* (desde 1773, portanto desde a época do *Sturm und Drang*) e *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (desde 1777). Esta última obra receberá uma segunda parte, *Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister* (concluída em 1829). Sua maior obra, *Fausto*, é concluída em 1831, um ano antes de sua morte. Entre 1819 e 1827 publica ainda um ciclo de poemas intitulado *Divã ocidente-oriental* (em tradução recente de Daniel Martineschen), no qual Goethe se abre à poesia oriental. Em 1809 publica *Afinidades eletivas*, um romance que conta a história de um casamento em perigo, metaforicamente um embate entre caos e ordem, paixão e moralidade.

Comentemos brevemente duas grandes obras, de maior relevância: *Wilhelm Meister* e *Fausto*. O romance *Wilhelm Meister* acabou se tornando o protótipo dos romances de formação, que mesmo no Brasil recebem o nome alemão *Bildungsroman*. O personagem Wilhelm decide tomar as rédeas de sua própria formação e sai pelo mundo com esse intuito. Acaba se juntando a uma trupe de atores que, representando o palco do mundo, o teatro e a arte, são um alicerce fundamental da formação do indivíduo. No entanto, ao final, descobre-se que, na verdade, todos os passos desse personagem estavam traçados, sendo manipulados pela estranha Sociedade da Torre. O romance de formação

solidifica o romance como gênero “digno”, bem como consolida a imagem do indivíduo burguês em um contexto específico da história alemã, na segunda metade do século XVIII.⁴

Quanto ao *Fausto*, a obra-mor de Goethe, temos como personagem central o dr. Fausto, que busca o conhecimento do cerne de todas as coisas, o que parece algo impossível. Eis que surge o diabólico personagem Mefisto, que lhe propõe um pacto: se ele conseguir fazer Fausto sentir que chegou a um momento tão prazeroso que ele sente que deve perdurar para sempre, Mefisto terá vencido e a alma de Fausto será dele.

A história remonta ao popular livro de autoria anônima *Historia von D. Johann Fausten* [A história do dr. Johann Fausten], de 1587, também existindo outras adaptações anteriores à versão de Goethe. No *Fausto*, Goethe uniu o pacto com o Diabo à história de Margarida [Gretchen], antes separadas. Mefisto quer seduzir Fausto com belas mulheres, o que não funciona. Fausto encontra a jovem e inocente Margarida e ambos se apaixonam, apesar das diferenças sociais. Essa relação acabará em tragédia, pois, sem querer, Margarida envenena a mãe, e Fausto sem querer mata o irmão dela. Mefisto tem um dedo nisso tudo — Fausto foge, Margarida engravida, afoga o recém-nascido. Fausto tenta salvá-la da morte, mas ela se recusa.

No livro medieval, tínhamos um exemplo de um crime contra Deus, o que era passível de punição. Goethe mudou essa concepção, caracterizando a busca humana por algo sempre novo como elemento positivo, como algo que salva o homem. Trata-se de uma obra que fala de culpa e redenção, de amor e morte, céu e inferno, oscilando entre humor e seriedade em um ritmo alucinante e sempre impactante.

Curiosamente, no Brasil, Goethe é sempre considerado romântico — evidentemente, teve a sua fase pré-romântica, da qual o *Werther* faz parte —, enquanto na Alemanha ele é o grande expoente do Classicismo. Lembremos aqui que histórica e cronologicamente, na Alemanha, o Romantismo e o Classicismo são contemporâneos, diferenciando-se pelo programa estético adotado por cada um.⁵

Além de gênio original, Goethe constituía o que se chamou de gênio universal, uma vez que atuava em várias áreas do conhecimento, tais como botânica, geologia, administração pública, alquimia e ocultismo, artes, literatura. A sua *Doutrina das cores* até hoje é utilizada em vários contextos, sendo muito

importante como influência, por exemplo, na concepção da pedagogia das escolas Waldorf, fundamentadas na Antroposofia de Rudolf Steiner. Seus textos sobre botânica, como *A metamorfose das plantas*, estão muito adiante de seu tempo, e seus estudos de mineralogia são fundadores; diz-se que Goethe possuía a maior coleção particular de minerais da Europa.

Causando furor à época de sua publicação, *Os sofrimentos do jovem Werther* foi objeto de inúmeras adaptações. Uma das mais conhecidas na Alemanha foi a obra *Os novos sofrimentos do jovem Werther* (1973), de Ulrich Plenzdorf, escritor, filósofo, cenógrafo. O texto existe também em versão para o teatro. Na interpretação de Plenzdorf, o Werther que vive em 1972 também ama uma Charlotte casada, que ele chama de “Charlie”. Werther acaba morrendo em um suposto acidente em sua garagem, enquanto “mexia com eletricidade”.

Em versões mais recentes e associadas à internet e aos *mash-ups*⁶ temos as obras *Die Leichen des jungen Werther* [Os cadáveres do jovem Werther] (2011), de autoria de Susanne Picard, em que se vê assolado por uma praga de zumbis, e inicialmente, ao ver a pálida Lotte, de olhos fundos e escuros, engana-se ao achar ser um traço dela, não sabendo ser ela também um zumbi.

Outro exemplo seria *Werther, der Werwolf* [Werther, o lobisomem] (2010), de Wolf G. Heimrath. Aqui, a figura do lobisomem simboliza o rompimento interior de Werther, jogado de um lado para o outro. Este tipo de personagem dilacerado, segundo as estudiosas Sabine Egger e Susanne Wagner, é mais compreensível para o leitor contemporâneo da internet em sua existência de ser mutante do que o Werther de carne e osso de Goethe.

Os sofrimentos do jovem Werther continua sendo uma obra de extrema atualidade, seja pelo discurso político, como vemos nas discussões acerca de casos de corrupção na política e na Igreja, seja pelas mazelas sociais e injustiças levantadas ao longo do texto, como no caso da mãe que tem dificuldade em alimentar os filhos, seja pela dupla moral da religião, ou pelo isolamento do ser humano diante da sociedade que o cerca, com exigências morais excruciantes, impedindo o livre desenvolvimento do homem. A partir do triste destino do jovem Werther, originado por um amor impossível, talvez leiamos a atitude do protagonista como algo improvável nos dias de hoje; no entanto, o tom pessoal, o intertexto multidiscursivo, a concepção ambiental do indivíduo, bem como o ceticismo do indivíduo em relação a si mesmo e ao outro, tornam esse romance epistolar indispensável nos dias atuais.

Ser iluminado que foi pioneiro de muitas descobertas científicas e criações

artísticas, Goethe, conforme diz a lenda, termina os seus dias com apenas um pedido final, pedido este que ecoa até nós como uma solicitação mais que necessária: “*Mais luz!*”.



CLAUDIA DORNBUSCH é professora sênior de Língua e Literatura Alemã da USP, pesquisadora de Literatura Alemã e Cinema, além de tradutora e intérprete.

¹ Foi na cidade de Weimar que, logo depois da Primeira Guerra Mundial, foi proclamada a República na Alemanha (depois de um regime monarquista imperial), conhecida como “República de Weimar”. O período se encerrou com a ascensão de Hitler ao poder em 1933.

² Movimento cujas obras se destacam por seu equilíbrio, sua harmonia estrutural e beleza, sendo o drama a forma mais utilizada, com uma linguagem bem organizada, sem os arroubos de movimentos pré-românticos, como veremos adiante.

³ Sobre as diferentes versões, de forma resumida, pode-se consultar a apresentação (em alemão) de Fabian Hofmann, no link: <<https://prezi.com/ok0a51wb2cd4/die-leiden-des-jungen-werther-die-fassungen>>. Acesso em 26 de outubro de 2020.

⁴ Sobre esse assunto, conferir: MAAS, Wilma Patricia. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

⁵ A esse respeito, confira a obra fundamental de Karin Volobuef, *Frestas e arestas: a prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil* (1999), em que a autora compara os dois Romantismos.

⁶ Os exemplos a seguir foram informados na palestra de Sabine Egger e Susanne Wagner, do Mary Immaculate College, University of Limerick, proferida em 2018 e publicada, em alemão, em <www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=acb19fa9-664f-edce-f256-2368e5c09b4c&groupId=252038>. Acesso em 20 de outubro de 2020. As pesquisadoras referem-se inclusive a uma breve menção ao Werther em um episódio da série *Supernatural*.

do werther ao efeito werther:

a identificação de um fenômeno social

POR VICTOR MERA

A repercussão e o impacto das obras de Johann Wolfgang von Goethe são inegáveis. Seus escritos têm ocupado posição de destaque no cânone literário universal desde as primeiras publicações. Que contribuição poderá trazer, no entanto, um psiquiatra à edição do livro que tornou seu autor conhecido, rapidamente, em boa parte do território europeu?

Apesar de ter se dedicado a estudos em mineralogia, geologia e anatomia em determinado período de sua carreira, foi deste romance, *Die Leiden des Jungen Werthers*, que surgiu, posteriormente, a maior referência aos escritos do autor no meio científico. Expressão máxima do movimento *Sturm und Drang*, pré-Romantismo alemão, *Os sofrimentos do jovem Werther* elevou Goethe à liderança desse processo cultural, graças à sua capacidade de representação filosófica e poética dos ideais literários do período.

Esteticamente, essa corrente, que em português se chamaria “tempestade e ímpeto”, visava liberar a criação artística das normas e dos preceitos tradicionais. E foi justamente em seu *Werther* que Goethe desenvolveu os temas da incapacidade humana de controlar suas paixões e do desconforto social, contrapondo-se à racionalidade explorada pelos autores iluministas nas décadas anteriores. O que ele não esperava, entretanto, era que tal abordagem e posicionamento desencadeassem certo fenômeno que, somente séculos depois, seria identificado, descrito e nomeado como “Efeito Werther”, em razão do que ocorreu após o lançamento desta grande obra.

Nos anos que se seguiram à distribuição do romance de Goethe, alguns comentários começaram a surgir a respeito de pessoas que estariam se vestindo como o personagem principal do livro. Uma grande influência parecia ser

percebida entre os indivíduos que tinham acesso às obras literárias e frequentavam os ambientes onde a cultura era enaltecida e valorizada. Relatos de jovens, do sexo masculino, cometendo suicídio numa aparente imitação da cena descrita por Goethe — na qual Werther, sentado em sua escrivaninha, atira com uma pistola contra si próprio — passaram a ser registrados em diferentes cidades europeias. Segundo alguns pesquisadores do século XX que estudaram os documentos sobre a juventude do autor e questões relacionadas ao suicídio ao longo dos séculos, esta obra chegou a ser banida de certas cidades alemãs, dinamarquesas e italianas, além de condenada por autoridades religiosas em outros lugares. Em Milão, por exemplo, um alto membro do clero católico ordenou o recolhimento e a posterior destruição de todos os exemplares de uma tradução ao italiano que havia surgido.

Não há dados exatos e confiáveis que possam informar o número de indivíduos que puseram fim à própria vida naquele momento específico e daquela forma, mas os relatos apurados parecem ser significativos e, em alguns casos, além da vestimenta semelhante à descrita na obra, cartas escritas pelos suicidados explicitavam os motivos e faziam menção ao romance de Goethe e a seu melancólico personagem. Em um caso específico, relatado pelo biógrafo do escritor, Richard Friedenthal, um jovem se barbeou, vestiu roupas limpas, montou a cena do suicídio do livro no ambiente em que estava, abriu a porta para atrair certa audiência e atirou contra si com um revólver, tendo sobre a mesa em que apoiava a cabeça o livro de Goethe aberto na página que descrevia a morte de Werther.

Em algumas regiões da Europa, a chamada “melancolia”, quando também contava com ideação suicida e ideias romantizadoras a respeito desse ato, quadro hoje incluído no que denominamos, genericamente, como depressão, passou a ser chamada de wertherismo. Por outro lado, quando o suicídio era conectado ao livro apenas após o óbito, dizia-se que o suicidado sofrera de wertherite.

Apesar de notada, a ocorrência de tal fenômeno parece não ter sido avaliada nem estudada de fato até a segunda metade do século XX. Nessa época, um sociólogo da Universidade da Califórnia em San Diego, nos Estados Unidos, chamado David P. Phillips, cunhou o termo “Efeito Werther” para designar um fenômeno que se caracterizava por um padrão de comportamento suicida após a divulgação de um suicídio por veículos midiáticos.

Foi a partir dos estudos desse pesquisador, então, que a sociologia e a psiquiatria passaram a se debruçar sobre um fenômeno social que poderia contribuir para a

indução do suicídio por meio de uma espécie de imitação. Após mais alguns anos de pesquisa e, agora, com mais estudiosos avaliando o tema, o denominado “Efeito de Contágio” foi identificado não só no comportamento suicida, mas também em outros, como os frequentes tiroteios promovidos por jovens em escolas.

No que concerne à obra de Goethe, podemos elucidar algumas questões analisando, hoje, os manuais destinados aos profissionais da mídia desenvolvidos por entidades de prevenção do suicídio, visando minimizar os riscos do “Efeito Werther”. A ABP (Associação Brasileira de Psiquiatria), diversas outras associações similares ao redor do mundo e, inclusive, a própria OMS (Organização Mundial de Saúde), percebendo a magnitude desse fenômeno, lançaram uma série de orientações sobre como um suicídio deve ser noticiado ou publicado, para que o risco do Efeito de Contágio seja o menor possível.

Quando avaliamos esses manuais, elaborados com base em estudos de casos comprovados e registrados na literatura médica, incluindo estudos sobre o livro em questão, podemos extrair diversos critérios que favorecem o Efeito de Contágio. Mas o que há de tão contundente neste romance que possa ter sido responsável por estimular indivíduos a abreviar sua existência? Na verdade, não se trata só do que Goethe escreve, nem de como escreve, mas de um conjunto de fatores que, quando reunidos, parecem aumentar o risco do surgimento desses casos. Ao buscar tais critérios nas linhas que compõem *Os sofrimentos do jovem Werther*, conseguiremos averiguar melhor o seu impacto.

Em seu livro, Goethe descreve um jovem personagem de temperamento instável e intenso, que compõe a narrativa com cartas escritas ao amigo Wilhelm, nas quais descreve suas vivências e sentimentos após ir morar num povoado fictício na Alemanha. Lá, inicialmente, Werther tece comentários a respeito das pessoas e do local, demonstrando ter uma sensibilidade particular que lhe possibilita perceber coisas que os outros parecem não ver e valorizar outras que a sociedade da época não valorizava.

Ao dar ênfase às características afetivas do personagem, Goethe faz também com que certos leitores comecem a se identificar com ele e com sua personalidade. No desenrolar da trama, o jovem se encanta por uma mulher prometida a outro homem e, rapidamente, passa a expor em seus escritos uma paixão idealizada e arrebatadora que, naquele curto período de tempo, só alguém com a sua capacidade de sentir poderia desenvolver.

A partir da aparição do noivo de sua amada, o sofrimento passa a imperar no discurso de Werther. Uma emoção ainda pouco consciente, apesar de ser descrita como tal pelo autor, vem à tona e faz o personagem conviver com seu adversário e admirá-lo, inclusive. Ele se sente preso à bela jovem e, por isso, não consegue se afastar dela, mas já descreve uma angústia, ainda suportável, sempre que está na presença do noivo dela.

Neste ponto da narrativa, a paixão começa a ser mais enaltecida, como se representasse um caminho sem volta, ao qual o jovem estaria ligado indefinidamente, mas que não o levaria a lugar algum. Apesar de a maioria dos seres humanos ser passível de se apaixonar com intensidade, Goethe, ao longo do texto, faz questão de elencar características da personalidade de Werther que seriam as responsáveis por tê-lo feito enveredar por tal caminho e, consequentemente, por seu sofrimento. Quando escreve, por exemplo, “Meu bom Deus, que tudo me deu, por que não represou algumas de minhas forças e deu-me autoconfiança e moderação?”, denota uma intensa angústia do personagem por ser como é, apesar de uma clara e antagônica valorização de sua sensibilidade. Por outro lado, quando menciona como Werther passa a se envaidecer ao acreditar que a jovem teria demonstrado interesse por ele, e como se desvaloriza quando ela descreve o noivo com amor, o autor caracteriza um indivíduo que molda, a partir das opiniões alheias, ou pelo menos de algumas delas, o modo como olha a si próprio. Assim, esse processo de valorização da intensidade, que também a associa a uma culpa por certo sofrimento, faz com que leitores com vivências e personalidades semelhantes, por exemplo, permitam que cresça a sua identificação com o personagem principal.

Após ele perceber que a amada não correspondia ao seu amor, o sofrimento de Werther beira o insuportável, até que ele decide se afastar da jovem e assumir um cargo público em outra cidade. Mesmo assim, ela permanece nos pensamentos dele, e é neste ponto que Goethe explora outro fator crucial para a identificação de alguns leitores com sua criação. Vivendo longe da amada, as cartas de Werther passam a focar no desconforto social que ele experimenta por ter valores muito diferentes da sociedade em que se encontra, e por ser considerado inferior por membros da nobreza. A mesquinhez alheia, a falta de sensibilidade e a superficialidade que ele percebe nas pessoas com quem passa a conviver são estruturadas e denotam a sua não conformidade àquele ambiente.

Cientificamente, isso não significava muito na época, mas os estudos sobre o suicídio desenvolvidos pelo sociólogo francês Émile Durkheim no século XIX, assim como as mencionadas publicações sobre o tema no século XX,

demonstraram que o nível de integração de uma pessoa à sociedade em que vive parece ser um dos possíveis indicadores do risco aumentado de suicídio. Assim, indivíduos que vivenciavam o mesmo deslocamento social descrito por Werther, provavelmente, passaram a se reconhecer naquelas cartas e a dividir com o personagem parte da angústia que sentiam.

Além disso, ao longo da obra, Goethe aborda o tema do suicídio de forma romântica, enaltecendo a coragem dos que padeceram dessa forma, frente à racionalidade dos que se opõem a ela. Numa conversa entre o próprio Werther e o noivo de sua amada, muito mais racional que ele, o personagem principal deixa claro como valoriza a intensidade e o exagero em detrimento da lógica, ainda que a respeito de temática tão sensível.

Hoje, em contraste com o cenário que se apresentava em 1774, ano de publicação do livro, sabemos que a maior parte dos indivíduos que cometem suicídio apresenta alguma forma de transtorno mental que contribui para o desfecho fatal. Assim, sempre que um suicídio é noticiado ou publicado, parece ser importante que a relação com a patologia seja explicitada, e que todo o esforço seja voltado para dificultar a identificação dos expectadores com o suicidado e fornecer alternativas de apoio, tratamento e esperança de melhora aos mais fragilizados.

Já é consenso entre os especialistas que a notícia de um suicídio só deve ser veiculada pela mídia quando for de interesse nacional, histórico ou demonstrar importância significativa. Mesmo assim, diversos cuidados são necessários, pois uma publicação sensacionalista, que explore o sofrimento dos familiares e exponha detalhes do ocorrido e do suicidado, pode fazer com que expectadores mais fragilizados sejam estimulados a se aproximar desse ato.

Em momento algum, ao longo das cartas, Werther racionaliza o suicídio. Provavelmente estimulado pelos ideais do movimento cultural ao qual pertencia, o autor explora intensamente a sua romantização, chegando a atribuir valores idealizados e grandiosos para um ser humano que dá fim à própria vida. Hoje, ao abordar o tema numa obra, diante das comprovações sólidas da real ocorrência do “Efeito Werther”, é indispensável que se tenha em mente os riscos associados ao que se cria e divulga, independentemente dos objetivos artísticos.

Por fim, a exposição do desfecho de Werther, detalhada e valorizada pelo autor, coloca o suicídio como uma resolução não só eficaz para o sofrimento do personagem, mas heroica e grandiosa. A impressão passada ao leitor é de uma solução que também é uma resposta ao mundo. Um potente “troco” deixado pelo

protagonista àqueles que contribuíram para tornar sua vida um fardo, e à sociedade que o considerava inferior.

É justamente essa abordagem, entretanto, que parece favorecer a ocorrência do “Efeito Werther”, ainda que isso dependa, também, de fatores individuais. Apesar de o fenômeno não atingir a todos, o contato com essa perspectiva pode afetar muitos indivíduos em sofrimento psíquico e fragilizados, e fazê-los se sentir impelidos, de certa forma, a prosseguir com planos que até então estavam apenas no campo das ideias. Atualmente, segundo a OMS, a depressão é uma das doenças mais prevalentes no mundo e caminha para se tornar a principal causa de afastamento das pessoas de suas atividades laborais. Além disso, diversas outras patologias psiquiátricas também podem ocasionar um risco aumentado de suicídio e predispor alguns indivíduos ao Efeito de Contágio.

Ainda que o impacto de um livro seja, atualmente, muito menor do que era no século XVIII, devido à multiplicidade de mídias que a contemporaneidade nos traz, podemos ainda aprender com ele, além de apreciar o prazer que a literatura, por mais futurista que esteja a humanidade, sempre nos oferece.



VICTOR MERA é médico graduado pela UFRJ, com residência médica em psiquiatria no IPUB-UFRJ e, atualmente, cursa o último ano da graduação em Sociologia na UFF.

referências bibliográficas

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). *Comportamento suicida: conhecer para prevenir* – Dirigido para profissionais da imprensa. Rio de Janeiro, 2019.
- BARBAGLI, Marzio. *O suicídio no Oriente e no Ocidente*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BARRACLOUGH, B. & HUGHES, J. *Suicide: Clinical and Epidemiological Studies*. Londres: Croom Helm, 1987.
- BLACK, D. W. & WINOKUR, G. Suicide and Psychiatric Diagnosis. In: *Suicide Over the Life Cycle: Risk Factors, Assessment and Treatment of Suicidal Patients*. S. J. Blumenthal & D. J. Kupfer (eds). Washington, D.C.: American Psychiatric Press, 1990.
- BROWN, Peter Hume. *The Youth of Goethe*. Londres: J. Murray, 1913.
- COLEMAN, Loren. *The Copycat Effect: How the Media and Popular Culture Trigger the Mayhem in Tomorrow's Headlines*. Nova York: Paraview Pocket Books, 2004.
- DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2ª edição, volume I. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- GIBBS, Jack P.; MARTIN, Walter T. *Status Integration and Suicide: A Sociological Study*. Oregon: University of Oregon, 1964.
- MEYERS, David G. *Social Psychology*. 10ª edição. Nova York: McGraw Hill, 2009.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia*. Genebra, 2000.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). *Preventing Suicide (a Global Imperative)*. Genebra, 2014.
- PIRKIS, Jane; et al. *Media Guidelines on the Reporting of Suicide*. pp. 82-87. Boston: Hogrefe Publishing, 2006.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G599s Goethe, Johann Wolfgang von

Os sofrimentos do jovem Werther / Johann
Wolfgang von Goethe; ilustrações por L. M. Melite;
tradução de Claudia Dornbusch. – Rio de Janeiro:
Antofágica, 2020.

Título original: Die Leiden des jungen Werthers

ISBN: 978-65-86490-11-4

1. Literatura germânica. I. Melite, L. M. II. Dornbusch, Claudia. III. Título.

CDD: 833

CDU: 821.112

André Queiroz – CRB-4/2242

1ª edição, finalizada em meio à pandemia de 2020.

Todos os direitos desta edição reservados à

Antofágica

prefeitura@antofagica.com.br

facebook.com/antofagica

instagram.com/antofagica

Rio de Janeiro – RJ

Só a natureza de Antofágica é infinitamente rica e capaz de transformar leitores
em grandes artistas





O que é o coração do homem?



ANTOFÁGICA

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Sumário](#)

[apresentação](#)

[Livro I](#)

[aos 4 de maio de 1771](#)

[aos 10 de maio](#)

[aos 13 de maio](#)

[aos 15 de maio](#)

[17 de maio](#)

[aos 22 de maio](#)

[aos 26 de maio](#)

[27 de maio](#)

[30 de maio](#)

[16 de junho](#)

[19 de junho](#)

[21 de junho](#)

[29 de junho](#)

[1º de julho](#)

[6 de julho](#)

[8 de julho](#)

[10 de julho](#)

[11 de julho](#)

[aos 13 de julho](#)

[aos 16 de julho](#)

[aos 18 de julho](#)

[19 de julho](#)

[20 de julho](#)

[aos 24 de julho](#)

[aos 26 de julho](#)

[aos 30 de julho](#)

[aos 8 de agosto](#)

[aos 8 de agosto • ao cair òa noite](#)

[aos 10 de agosto](#)

[aos 12 de agosto](#)

[aos 15 de agosto](#)

[aos 18 de agosto](#)

[aos 21 de agosto](#)

[aos 22 de agosto](#)

[aos 28 de agosto](#)

[aos 30 de agosto](#)

[aos 3 de setembro](#)

[aos 10 de setembro](#)

[Livro II](#)

[aos 20 de outubro de 1771](#)

[aos 26 de novembro de 1771](#)

[aos 24 de dezembro de 1771](#)

[8 de janeiro de 1772](#)

[aos 20 de janeiro](#)

[8 de fevereiro](#)

[aos 17 de fevereiro](#)

[20 de fevereiro](#)

[15 de março](#)

[aos 16 de março](#)

[aos 24 de março](#)

[em relação à notícia • aos 19 de abril](#)

[aos 5 de maio](#)

[aos 9 de maio](#)

[aos 25 de maio](#)

[aos 11 de junho](#)

[aos 16 de junho](#)

[aos 16 de junho](#)

[aos 29 de julho](#)

[aos 4 de agosto](#)

[aos 21 de agosto](#)

[aos 3 de setembro](#)

[aos 4 de setembro](#)

[aos 5 de setembro](#)

[aos 6 de setembro](#)

[aos 12 de setembro](#)

[15 de setembro](#)

[aos 10 de outubro](#)

[aos 12 de outubro](#)

[aos 19 de outubro](#)

[aos 26 de outubro](#)

[aos 27 de outubro](#)
[aos 27 de outubro • à noite](#)
[aos 30 de outubro](#)
[aos 3 de novembro](#)
[aos 8 de novembro](#)
[aos 15 de novembro](#)
[aos 21 de novembro](#)
[aos 22 de novembro](#)
[24 de novembro](#)
[aos 26 de novembro](#)
[30 de novembro](#)
[no dia 1º de dezembro](#)
[aos 4 de dezembro](#)
[aos 6 de dezembro](#)
[do editor ao leitor](#)
[aos 12 de dezembro](#)
[aos 14 de dezembro](#)
[aos 20 de dezembro](#)
[depois das onze](#)
[pós-fácios](#)
[minha carta-resposta a werther](#)
[goethe, o gênio universal de inegável atualidade](#)
[do werther ao efeito werther: a identificação de um fenômeno social](#)
[referências bibliográficas](#)
[Página de Direitos Autorais](#)